Abril

Editora ABRIL
edição 2934 - ano 58 - nº 10
7 de março de 2025

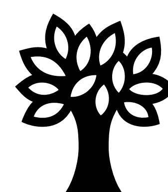
veja

www.veja.com



O PLANO "T"

Com a possível condenação de Bolsonaro e a impopularidade de Lula, aumentam as pressões políticas e econômicas para que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, se lance como candidato da direita ao Palácio do Planalto em 2026



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

Do carro ao voto, da lei ao conto, da notícia à crítica.

Entenda tudo que é preciso saber.

*Acesso ilimitado ao site e edições digitais de todos os títulos Abril, ao acervo completo de Veja e Quatro Rodas e todas as edições dos últimos 7 anos de Claudia, Superinteressante, VC S/A, Você RH e Veja Saúde, incluindo edições especiais e históricas. Acervos disponíveis a partir de dezembro de 2023. Pagamento único anual de R$104, equivalente a R$2 por semana.

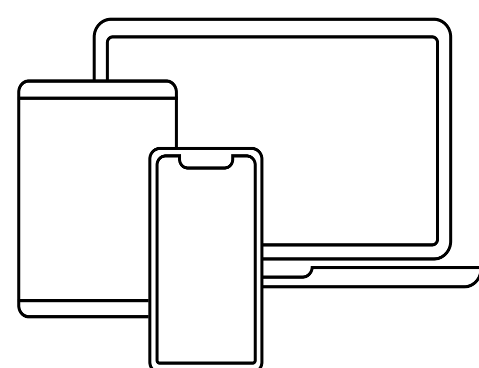
veja

veja São Paulo

veja Rio

veja SAÚDE

veja Negócios



DIGITAL COMPLETO

QUATRO RODAS

CLAUDIA

vocêRH

SUPER INTERESSANTE

VC S/A

Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular para o código ao lado.





ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui




LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

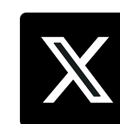
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom


Instagram: @vejanoinsta


X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 934 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 10. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001







www.grupoabril.com.br

DIVULGAÇÃO



VITÓRIA O brilhante *Ainda Estou Aqui:* a resistência de uma família destroçada pelo ato de violência do regime militar

A HISTÓRIA EM REVISTA

A ESPINHA DORSAL de VEJA na busca incansável pela verdade mostrou-se inquebrantável mesmo nos momentos mais sombrios da história do país. Durante a ditadura, a publicação sofreu toda sorte de represálias. Em um dos episódios mais emblemáticos do período, foi recolhida das ban-



CAPAS O AI-5 e Rubens Paiva: modelo de jornalismo na busca incessante da verdade

cas em todo o país um dia após ter sido distribuída, por ordem da 1ª Região Militar do Exército Brasileiro, situada no Rio de Janeiro. Confiscado, o estoque da revista acabou engavetado em Brasília. O motivo da operação: na edição sobre o ato que endureceu de vez o regime militar, a capa trazia apenas a imagem do presidente Costa e Silva no Congresso vazio, que ele acabara de mandar fechar. Não foi preciso manchete ou título, tamanho o simbolismo da imagem.

Outro episódio marcante da atuação de VEJA na defesa da democracia durante esse período de trevas acabou sendo lembrado de passagem no Oscar 2025. Em um deter-

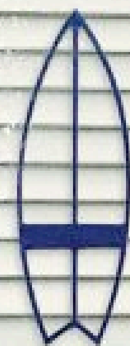
minado momento, o telão da cerimônia exibiu um trecho da reportagem histórica que contribuiu para derrubar a versão oficial da ditadura, de que o ex-deputado Rubens Paiva havia sido sequestrado por um grupo armado. Foi uma tarefa árdua encontrar provas para desmentir essa versão. Até que veio a público a capa de VEJA de 10 de setembro de 1986 trazendo em destaque a reportagem com o depoimento inédito do médico Amilcar Lobo, que atestou ter visto o ex-deputado agonizando nas instalações do DOI-Codi no Rio de Janeiro. O recorte da matéria impressa aparece rapidamente em uma cena do filme baseado na história trágica de Rubens Paiva, *Ainda Estou Aqui,* grande vencedor do prêmio de melhor filme internacional *(confira a reportagem "O oscar é só o inicio").*

Logo após o fim da ditadura, as manobras e tentativas de intimidação ao jornalismo de VEJA tornaram-se mais veladas e menos ameaçadoras. O eventual incômodo dos poderosos de plantão com a publicação de uma verdade nunca foi capaz de alterar nossa disposição. A capacidade de trazer o conteúdo de VEJA hoje nas mais diferentes plataformas, do impresso ao on-line, não mudou em nada o princípio que norteou a criação da revista: o da permanente vigilância, sem jamais se curvar diante de qualquer ameaça e sempre alerta na defesa de nossas instituições, no fomento de discussões elevadas para melhorar o país e no combate aos grandes males nacionais, como a corrupção. Foi assim no passado, continua sendo assim no presente. ■

DM9

JHSF
SURPREENDENTE





A PRIMEIRA ONDA DE SÃO PAULO
TEM A QUALIDADE E A EXCELÊNCIA JHSF

ITALO FERREIRA INAUGURA A PISCINA PARA
PRÁTICA DE SURF DO SÃO PAULO SURF CLUB

FOTO REAL DO ITALO FERREIRA, ATUAL Nº 1 DA WSL, NO SÃO PAULO SURF CLUB

+ 55 11 97202.3702

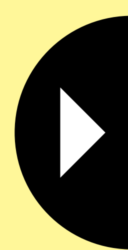


DIVULGAÇÃO

“O BRASIL VAI MAL”

O economista-chefe do Banco Mundial critica o aumento da dívida pública e afirma que os tarifaços impostos por Donald Trump tornarão a vida dos países emergentes ainda mais difícil

JULIANA ELIAS



O ECONOMISTA indiano Indermit Gill não imaginava que o trabalho que publicou em 2007 com o colega Homi Kharas criaria uma espécie de hit econômico. Foi seu livro *Um Renascimento do Leste Asiático: Ideias para o Crescimento Econômico* que citou pela primeira vez a teoria da renda média, um conceito com que o Brasil e um número grande de países se identificam. O diagnóstico é simples e poderoso: o grupo de nações que saiu da pobreza com relativa facilidade no século XX não conseguia mais, no século XXI, transitar da faixa do meio para a da renda alta. Em relatório recente, o Banco Mundial revisitou o tema e chegou a conclusões desanimadoras. A primeira é que foram poucos os países que conseguiram se livrar dessa armadilha nas últimas décadas. A segunda é que o cenário vai ficar ainda mais difícil — e o aumento do protecionismo no mundo, como as tarifas agressivas que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, impôs sobre importações, responde em grande parte pelos novos obstáculos. Em entrevista a VEJA, Gill, que desde 2022 é o economista-chefe do Banco Mundial, falou sobre os impactos do tarifaço de Trump na economia global e explica por que considera a gestão econômica do Brasil uma das piores do mundo.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou novas tarifas sobre diversos produtos importados. Como isso afeta a economia global? O mundo vi-

veu um regime de livre comércio muito forte por três décadas, até mais ou menos 2015, mas esse fluxo vem diminuindo e deve cair ainda mais. Falam muito dos Estados Unidos, mas não é só lá. Índia, Brasil, China, Canadá, Itália e Alemanha são só alguns dos que também aumentaram as medidas protecionistas nos últimos anos.

Qual será a consequência do aumento do protecionismo no mundo, em um movimento agora liderado por Trump? Uma das consequências é que vai ficar ainda mais difícil para países como o Brasil, que se mantiveram muito fechados quando o comércio internacional estava favorável, enriquecerem agora.

> **"Falam muito das tarifas dos Estados Unidos, mas não é só lá. Alemanha, Brasil, Canadá, China e Índia também aumentaram as medidas protecionistas nos últimos anos"**

Os governos brasileiros resistem a uma abertura comercial maior pelo receio de que a indústria nacional sofra. É também o argumento de Trump. Qual sua opinião sobre essa política? É por essa ideia que muitas economias emergentes decidem pular direto para a fase de inovar, ou seja, de investir elas mesmas em pesquisa e desenvolvimento internamente, sem fazer antes o que chamo de infusão com outros países. Aí elas criam barreiras para proteger sua indústria da competição de fora. É um sentimento válido — ou seja, os países querem proteger os trabalhadores e as empresas de uma série de rupturas que virão se deixarem os negócios de fora entrar. Mas, ao fazer isso, a produtividade dessas nações só vai ficar cada vez menor em relação às outras. Na prática, elas estarão se afastando, e não se aproximando, do ponto em que serão realmente capazes de se abrir à competição sem sofrer algum tipo de disrupção.

O que o Brasil poderia fazer para ser mais competitivo e crescer mais? Há alguns indicadores básicos de infusão. Um deles é quanto as exportações e importações representam do PIB, porque é por meio delas que as novas tecnologias entram no país. O segundo, da mesma maneira, são os investimentos estrangeiros diretos recebidos. O terceiro, por fim, é a troca de informações. O Brasil tem tido sucesso em atrair de volta seus empreendedores que deram certo no Vale do Silício? Eu diria que

não. A Índia já foi muito ruim nisso e melhorou bastante. A China sempre foi ótima e está ficando ainda melhor. Há um evidente abismo entre o que o Brasil e os outros países estão fazendo, e isso deveria ser o suficiente, se não para mudar a cabeça do presidente Lula e dos outros, para pelo menos fazê-los abrir os olhos.

De que maneiras a abertura comercial ajuda os países a se desenvolverem? Os países que foram bem em superar a renda média foram aqueles que souberam se beneficiar do ambiente de livre comércio. A Coreia do Sul, o Chile e a Polônia são alguns deles. Eles trouxeram tecnologias de fora para dentro, pegaram emprestadas maneiras de produzir, receberam muito investimento estrangeiro. Foram aprender com quem já sabe em vez de tentar reinventar a roda, e é o comércio que permite tudo isso. A Coreia do Sul fez isso nos anos 1980 dando incentivos para as pessoas da Samsung irem para o Japão aprender a fazer televisões melhores, e não para tentarem descobrir sozinhas como fazê-las.

Ainda dá tempo para reproduzir esse modelo? Isso deveria ter sido feito nos anos 1980 e 1990. O Brasil é muito fechado até hoje. Claro que nunca é tarde para fazer a coisa certa. Se países como o Brasil se dispuserem a olhar para essas mudanças estruturais agora, pode ser que consigam um milagre e saiam da renda média.

Que diagnóstico o senhor faz do Brasil atual? As taxas de crescimento dos países de renda média estão em evidente desaceleração, e eles ficaram mais distantes de se equipararem ao nível de renda dos mais ricos. A Índia, no ritmo atual, só deve alcançar os Estados Unidos em 75 anos — e, por alcançar, estamos falando só de chegar a 25% da renda per capita deles, porque somos realistas. Há outros em situação bem pior, como é o caso do Brasil. O Banco Mundial conta hoje 108 países de renda média, que são aqueles com PIB per capita entre 1 000 e 14 000 dólares. A renda do Brasil está hoje na faixa dos 9 000 dólares, ou algo como 15% em relação aos Estados Unidos. Se a economia brasileira continuar crescendo no mesmo ritmo das últimas duas décadas, ela vai andar para trás. Em quarenta anos, sua renda terá caído de 15% para 10% na comparação com os americanos.

O que está fazendo o país ficar para trás? Um grande problema é a produtividade, que, além de ser baixa, cresceu zero nas últimas décadas. O outro é que a proporção da dívida em relação ao PIB cresceu demais, e ela está sendo contraída em condições cada vez piores. Por causa disso, eu diria que, das grandes economias, o Brasil foi a mais mal gerida do mundo no ano passado.

Mas o PIB brasileiro cresceu relativamente bem em 2024. Não é um indicador de uma retomada? O.k., o

PIB avançou 3%, mas, se está crescendo a essa taxa, o país deveria estar reduzindo a dívida, não se endividando ainda mais. O déficit brasileiro está acima dos 7% do PIB. É maior do que o de qualquer outra economia relevante. Isso é o resultado de um governo que está gastando muito mais do que os recursos que tem. Como consequência, o real está perdendo valor, e o PIB per capita brasileiro em dólares fica menor. Ou seja, é uma economia que diminui em relação às outras e fica ainda mais longe de onde deveria estar, caso queira chegar ao nível dos países de renda alta.

Por que a dívida pública freia o crescimento? A dívida pública elevada implica altos custos com os juros. Então,

"A proporção da dívida brasileira em relação ao PIB cresceu demais. Eu diria que, das grandes economias, o Brasil foi a mais mal gerida do mundo no ano passado"

uma grande parte dos impostos arrecadados está indo para pagá-los. Isso deixa menos dinheiro para infraestrutura, para escolas, e por aí vai. Um segundo canal é o da exclusão: conforme pega dinheiro emprestado dentro do país, o governo brasileiro deixa menos recursos disponíveis para o setor privado, que acaba perdendo espaço. O terceiro canal é o excesso de dívida. Uma dívida que começa a ficar insustentável leva o governo a dar calote ou, mesmo se não der, ele vai taxar mais em algum momento para pagar o que deve. O empresário já coloca isso na conta e corta investimentos.

Segundo o Banco Mundial, apenas 34 países, entre mais de 100, conseguiram sair da renda média nas últimas décadas. Por que essa é uma transição tão difícil? Em 1980, a renda média desses países, medida pelo PIB per capita, era equivalente a 6% da renda dos Estados Unidos. Hoje, quarenta anos depois, esse número está nos mesmos 6%. Essa é a armadilha da renda média. São países que foram muito bem entre os anos 1950 e 1970, quando chegaram à renda média. Depois, não saíram mais do lugar. Quer dizer, passar da renda baixa para a intermediária foi razoavelmente fácil. Sair da média e virar um país rico é algo bem mais difícil. Quando olhamos para o que está acontecendo, notamos que essa transição vai ficar ainda mais complexa.

Quais os principais obstáculos? Muitos desses países estão com níveis de dívida muito altos. No caso do Brasil, como eu disse, o aumento foi enorme. Há também o desafio do envelhecimento da população. Na prática, significa uma proporção menor de trabalhadores e, para muitos, como o Brasil, é uma janela que está se fechando. Do lado externo, há dois outros problemas. O primeiro é que há hoje muita pressão sobre o uso dos recursos naturais. A Índia e o Brasil não vão ter o luxo de usar carvão, gerar energia ou explorar a terra como os países ricos fizeram no passado. E há um segundo elemento que é o fato de que a abertura comercial foi um fator determinante para os que conseguiram progredir, como a Coreia do Sul, mas essa também é uma janela que está se fechando.

Os emergentes que conseguiram chegar à renda alta são a exceção. O que eles tiveram em comum para conseguir? Chile, Uruguai e Panamá são alguns que foram bem. São países pequenos. Uma outra parte tem reservas enormes de óleo ou gás, como é o caso da Arábia Saudita ou do Bahrein. O Brasil até tem também, mas não o suficiente para enriquecer 200 milhões de pessoas. Há ainda os que não são exatamente um paraíso democrático, como Singapura e Hong Kong. São condições particulares e nenhuma funciona para o Brasil.

Quais são as semelhanças entre os países que não conseguem enriquecer? São economias pouco eficientes. Elas já investiram relativamente bastante em capital físico, como infraestrutura, e em capital humano, como em educação ou saúde. Nossas estimativas são de que a disponibilidade desses recursos por trabalhador, nesses países, seja o equivalente a 70% da dos Estados Unidos, só que a produtividade deles, que é o quanto cada trabalhador produz, é 20% a dos Estados Unidos. Quer dizer, se esses países tivessem a mesma eficiência dos americanos, deveriam ter, pelo menos, 70% da renda deles, mas estão bem longe disso.

Como solucionar o problema? É preciso pensar em um novo ciclo de crescimento que dure mais do que um boom de commodities. Dez anos atrás, talvez tivesse sido mais fácil enriquecer, mas já era difícil. Nos próximos dez, será ainda mais desafiador. ■

AMANHECER LUNAR



NÃO FOI COMO “um pequeno passo para um homem, um grande salto para a humanidade”, a frase de todas as frases, mas cabe celebração. Em 2 de março, o **módulo de pouso Blue Ghost,** da Firefly Aerospace, do Texas, tocou no solo lunar, alheio ao Oscar e ao Carnaval no Brasil. “Estamos na Lua”, celebrou Will Coogan, chefe da missão. O feito é um símbolo da corrida espacial de hoje, conduzida

FIREFLY AEROSPACE

em parceria com a iniciativa privada — e não apenas por organizações de dinheiro estatal, como a Nasa. No ano passado, a companhia Intuitive Machines, também texana, foi bem-sucedida e triscou o chão de pedras e areia. Mas conseguir bom resultado é evento ainda raro. No século XXI, projetos da Rússia, de Israel e do Japão fracassaram na aproximação. A ideia da atual operação é estudar, ao longo de duas semanas, a poeira lunar, pegajosa, péssima para as máquinas e supostamente perigosa para a saúde de futuros astronautas que sonham com o satélite natural da Terra. Pretende-se investigar também os efeitos da radiação lunar. As primeiras fotografias, em especial uma **alvorada** de tonalidade flicts, para ficar com a cor inventada por Ziraldo, empolgaram os cientistas. É como se estivéssemos, agora, em 1967, dois anos antes da máxima de Neil Armstrong, proferida naquele 20 de julho de 1969. Prevê-se para 2027 o retorno de um ser humano à Lua, a bordo do Artemis 2. Isso, se Elon Musk, dono de parte do cofre do governo americano, ajudar. Foi ele quem indicou o novo diretor da Nasa. Ainda que nem tudo dependa de dinheiro da Casa Branca, o bilionário sul-africano só quer saber de Marte. ■

Fábio Altman

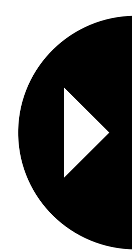
"ALGUNS PRATOS SÃO OBRAS DE ARTE"

Fora das pistas da Fórmula 1, o piloto revela sua paixão pela gastronomia e investe em restaurantes sofisticados como o Beefbar, de carnes, e o Song Qi, de inspiração chinesa



NEUTON ARAÚJO

GOURMET O corredor: "Graças à minha carreira, pude viajar e provei de tudo"



Você inaugurou seu primeiro restaurante em São Paulo, o Beefbar, há cerca de quatro anos, e recentemente abriu o Song Qi. O que o fez investir no ramo de restaurantes? Sempre fui apaixonado pela gastronomia. Não por cozinhar, mas por provar comidas diferentes. E graças à minha profissão eu pude viajar muito e provar de tudo. Por isso, tinha muita vontade de abrir um restaurante quando minha carreira na Fórmula 1 se encerrasse. E queria que fosse em São Paulo, na minha cidade.

O que o encanta na gastronomia? Eu sou muito fácil de agradar. Adoro arroz e feijão, estrogonofe, carne, macarrão. Amo comida italiana. E também adoro experimentar. Vou a restaurantes japoneses, tailandeses, e provo de tudo. E tenho um respeito muito grande pelo trabalho de alguns chefs. Se você vê vários dos pratos que eles criam, são verdadeiras obras de arte. Inventar algo na alimentação é realmente incrível.

Você tem lembranças gastronômicas memoráveis? Tenho tantas... Eu sou apaixonado pelo chef Massimo Bottura, que tem um restaurante incrível em Módena, na Itália. O que ele faz é inacreditável. Sou muito fã. Também lembro de uma vez que o Alex Atala cozinhou em Mônaco e serviu as suas famosas formigas para um chef francês. Foi uma situação muito impactante.

Por que escolheu o Beefbar? Eu sempre adorei o restaurante original, que fica em Mônaco. E me tornei muito próximo do dono, o Riccardo Giraudi. Os pratos que ele serve, com foco na carne, o ambiente, tudo tem muito a ver com São Paulo. Então chamei meu irmão, Dudu Massa, e meu sócio, Ruly Vieira, que é quem toca o dia a dia da operação, e montamos o restaurante. Virou um sucesso.

Foi preciso adaptar a operação para o Brasil? O menu é bem próximo do original. Quase tudo que é servido lá também está na filial de São Paulo. A maior diferença é o kobe beef, uma carne especial de boi japonês, que não podemos servir aqui porque o Brasil não tem a licença necessária.

O Song Qi, segunda casa do grupo, tem um perfil de comida asiática, principalmente chinesa, diferente do que se encontra na cidade. Queríamos exatamente isso. Pensamos em abrir um restaurante japonês, mas São Paulo já tem tantos. Praticamente um em cada esquina. Então optamos por um chinês diferente, mais sofisticado. ■

André Sollitto

ALÔ, ARTE CHAMANDO





DIAL-A-POEM

0800-01-76362

UMA SELEÇÃO DE POEMAS DO DIAL-A-POEM BRASIL.

REALIZAÇÃO:





APOIO:





SUBEL BHANDARI/DPA/ALAMY/FOTOARENA

BENEMERÊNCIA James Harrison: o braço estendido para salvar mais de 2 milhões de bebês recém-nascidos

SANGUE BOM

O australiano **James Harrison** foi um herói à sombra. Ao longo de mais de sessenta anos, ele foi doador de sangue, em mais de 1 000 extrações que ajudaram a salvar a vida de pelo menos 2 milhões de bebês. Harrison tinha em seu organismo um anticorpo raríssimo, que só ocorre em uma de cada 6 milhões de pessoas, usado para a produção de um tratamento — o anti-D —, prevenção contra a doença hemolítica perinatal. Ela pode causar anemia, aumento do fígado e do baço, além de danos cerebrais, insuficiência cardíaca e morte em recém-nascidos. Em 2018, por recomendação médica e porque seu plasma — o “sangue dourado” — já não tinha o mesmo “vigor” de antes, ele se aposentou da atividade de benemerência. “Foi um dia muito triste para mim”, disse. Morreu em 17 de fevereiro, aos 88 anos, em Nova Gales do Sul, na Austrália, mas a notícia só foi divulgada na semana passada.

LAISON DOS SANTOS/DIVULGAÇÃO

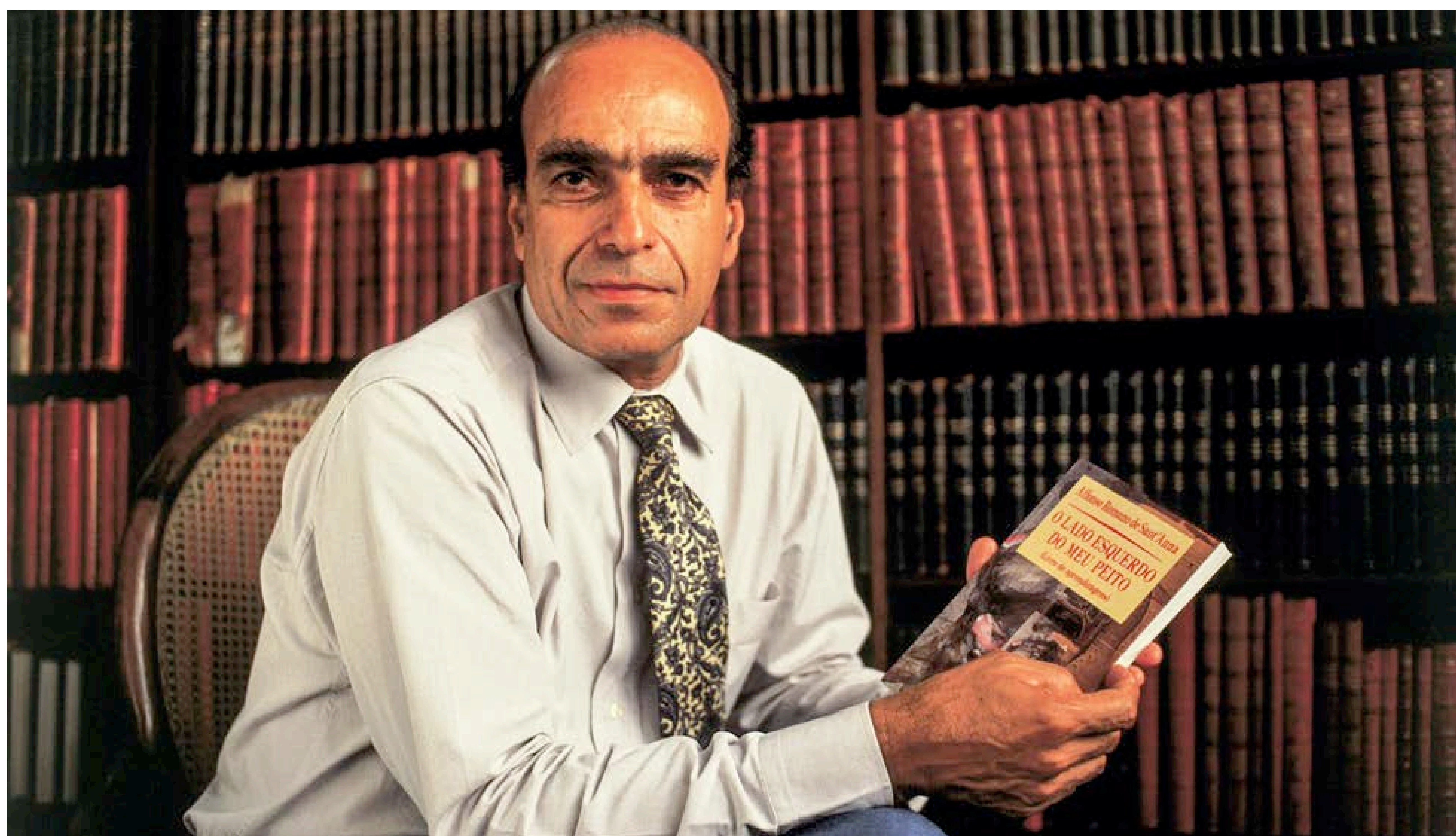


RAÍZES Zé Almeida com o filho, Rodrigo: criador do restaurante paulistano Mocotó

SABOR DE SERTÃO

Nascido em Mulungu, no sertão de Pernambuco, **José de Almeida,** "seu Zé de Almeida", foi o precursor de uma interessante revolução na gastronomia de São Paulo. A Casa do Norte Irmãos Almeida, fundada em 1973, foi a gênese do hoje celebrado — e internacionalmente conhecido — Mocotó, tocado por um de seus filhos, Rodrigo Oliveira, na Zona Norte da cidade. O estabelecimento ganhou fama por oferecer a preços acessíveis iguarias típicas brasileiras, como o dadinho de tapioca e o baião de dois. O negócio conta agora com sucursais em outros bairros, como a da Vila Leopoldina e a do Instituto Moreira Salles. "Sua trajetória é a história de muitos retirantes que, com coragem e determinação, ajudaram a moldar São Paulo. Ao abrir as portas do Mocotó, ele trouxe à cidade suas raízes e diminuiu a distância entre o sertão e a quebrada", diz o texto de despedida ao fundador na página do restaurante no Instagram. O orgulho do patriarca, contudo, era sua coleção de 1 000 rótulos de cachaças de todas as partes do Brasil, que se perderiam nas sucessivas mudanças de endereço. Almeida morreu em 2 de março, aos 86 anos.

O BRASIL EM PROSA E VERSO


PAULO JARES

TRADUÇÃO Affonso Romano de Sant'Anna: olhar para o país na passagem da ditadura para a democracia

Autor de mais de sessenta livros, o mineiro **Affonso Romano de Sant'Anna** ganhou destaque como cronista e poeta, de olhar permanente para o cotidiano do Brasil, sobretudo na passagem da ditadura para a democracia. De *Os Desaparecidos*: "Desaparecia-se. Desaparecia-se muito naqueles dias / desaparecia-se a olhos vistos e não era miopia / desaparecia-se até a primeira vista". De *Implosão da Mentira:* "Mentiram-me. Mentiram-me ontem / e hoje mentem novamente. Mentem de corpo e alma, completamente. / E mentem de maneira tão pungente / que acho que mentem sinceramente". Em janeiro, ficou viúvo, com a morte da também escritora Marina Colasanti. Morreu em 4 de março, aos 87 anos. Tinha Alzheimer. ■

Jornalismo influente e conectado



Assine **VEJA** e valorize o jornalismo feito com qualidade



Com o plano **DIGITAL COMPLETO** tenha acesso ilimitado ao site, edições digitais e acervo das Vejas e de todas as outras marcas Abril.*

Assine agora por apenas R$ 5,99 /mês

Acesse **assine.abril.com.br** ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado



veja · veja Negócios · veja Saúde · veja São Paulo · veja Rio · Super Interessante · Claudia · Quatro Rodas · Você RH · VC S/A



“A única coisa que o Mercosul conseguiu, desde a sua criação, é enriquecer os grandes industriais brasileiros ao custo de empobrecer os argentinos.”

JAVIER MILEI, no discurso de abertura do Congresso Nacional

LUCIANO GONZALEZ/ANADOLU/GETTY IMAGES

"Há quarenta anos, o Uruguai recuperou sua democracia. Desde então, testemunhamos o mais longo período de vida democrática na história do país. É um grande orgulho poder celebrar isso."

YAMANDÚ ORSI, ao tomar posse como presidente do Uruguai no sábado, 1º de março

"Você sempre tem que fazer uma pergunta em economia: 'E depois?'."

WARREN BUFFETT, megainvestidor americano, em torno da política protecionista de Donald Trump

"Evite favelas em todos os momentos, mesmo no contexto de festas de rua e blocos."

COMUNICADO DA EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS no Brasil,com recomendações para o Carnaval

"Parabéns pelo segundo maior Carnaval do Brasil."

RICARDO NUNES, prefeito de São Paulo, em mensagem enviada a Eduardo Paes, do Rio

"O Ricardo Nunes é um fofo, né?"

EDUARDO PAES, prefeito carioca, em resposta à provocação do colega paulistano

“Estou emocionado por aceitar o prêmio Framboesa de Ouro em tantas categorias importantes para *Megalópolis*, e pela honra distinta de ser indicado como pior diretor, pior roteiro e pior filme em um momento em que tão poucos têm coragem de ir contra as tendências predominantes.”

FRANCIS FORD COPPOLA, o gênio da trilogia *O Poderoso Chefão* e *Apocalypse Now*

“Se Fernando Pessoa utilizasse o ChatGPT, obteria poemas mil vezes mais interessantes do que os meus – e esses poemas teriam o seu estilo.”

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, escritor angolano

“O que posso dizer? Vim aqui para conseguir isso e dei tudo para conseguir.”

ARMAND DUPLANTIS, atleta sueco, ao bater o recorde mundial do salto com vara pela 11ª vez, com 6,27 metros

KARWAI TANG/WIREIMAGE/GETTY IMAGES



“O príncipe tem sido incrível.”

KATE MIDDLETON, ao responder a um grupo de brasileiras que a abordou em um evento da realeza. Aos poucos, ela retoma as atividades, depois do período mais severo de tratamento de um câncer



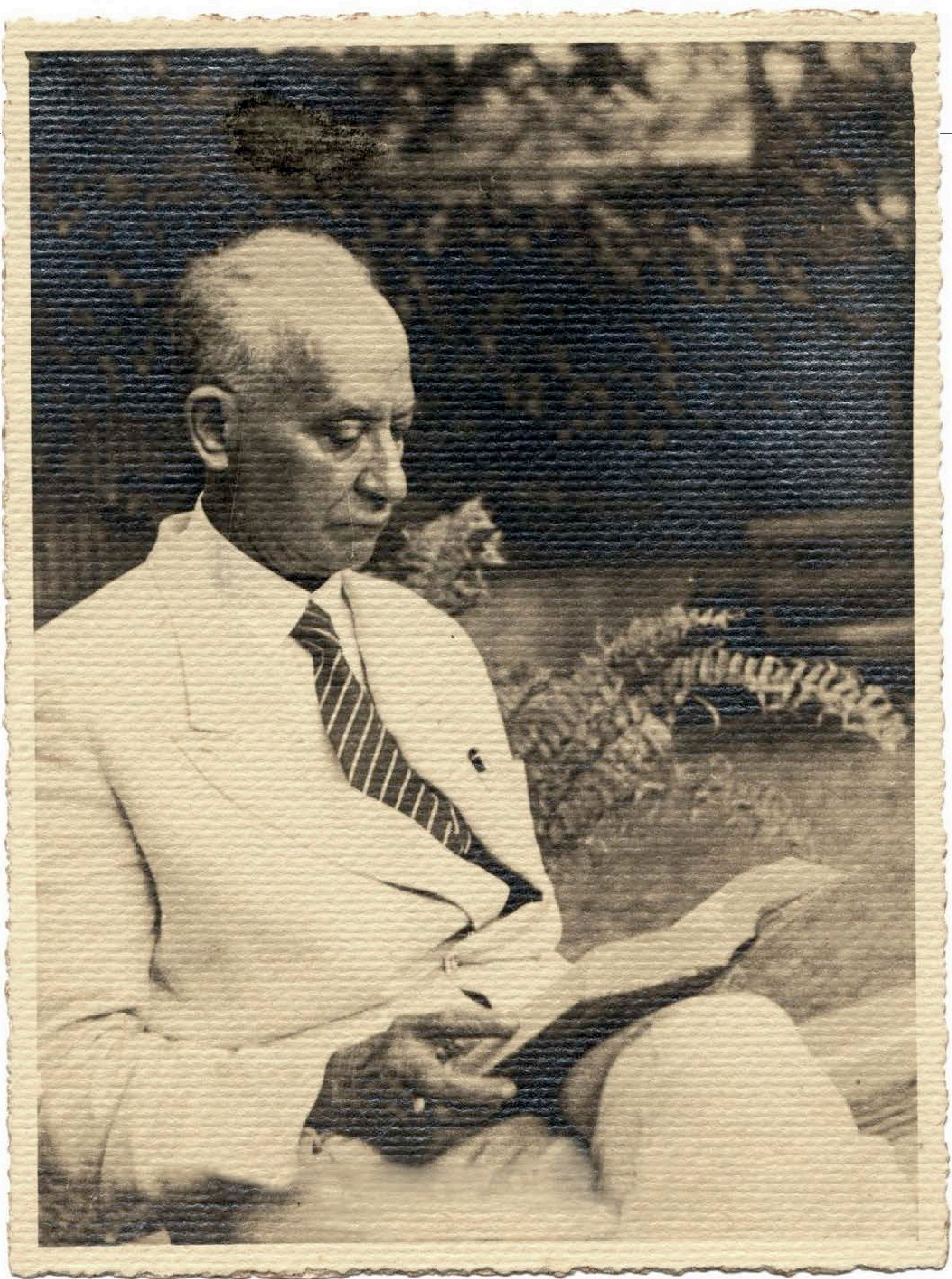
FERNANDO SCHÜLER

O CAMINHO ESTREITO

"O LIBERALISMO foi sempre um caminho estreito no Brasil." A frase me foi dita em uma noite fria de Porto Alegre, nos anos 1990, em um debate sobre nossa (esta sim) longa tradição autoritária. Volta e meia lembro dela, no Brasil dos últimos anos. A lembrança veio de novo lendo o recém-divulgado Democracy Index 2024, relatório sobre a democracia global da Economist Inteligence Unit. O estudo diz que o Brasil foi o país que mais perdeu posições no grupo das "democracias frágeis", com a previsível exceção da Coreia do Sul. O relatório fala da nossa polarização excessiva, da política convertida em jogo de soma zero, e a um momento toca na ferida: "O Supremo Tribunal Federal passou dos limites". Desde 2019, ele vem conduzindo "investigações controversas" sobre a "suposta desinformação". Suspendeu o X durante o debate eleitoral, algo "sem precedentes em países democráticos". E criminalizou a opinião "com base em definições vagas, em um exemplo de politização do Judiciário". Tudo isso, conclui o relatório, "tem um efeito inibidor sobre a liberdade de expressão", criando "precedentes para os tribunais censurarem a opinião política".

Achei certa graça lendo essas coisas. Logo imaginei uma matéria na TV sugerindo que algum hacker "bolsonarista" pode ter invadido a página da *The Economist*. Brincadeiras à parte, o relatório diz apenas o óbvio. É mais um sinal do que boa parte de nossa elite teima em não enxergar. Foram muitos sinais nas últimas semanas. Primeiro veio aquela equipe da OEA. Todos assistimos ao Pedro Vaca, com uma cara um tanto assustada, escutando histórias infinitas sobre a censura. Os empresários no grupo de WhatsApp, o Marcos Cintra, o Monark, o deputado Homero Marchese, a quebra da imunidade parlamentar, aquela matéria sobre um ministro, aquela publicação acusada de "golpista", o episódio do "use a sua criatividade". E por aí foi. Depois veio o projeto aprovado no Congresso americano por republicanos e democratas. De novo, saímos pela tangente. Dessa vez com um velho truque latino: o apelo nacionalista. Tudo para evitar a única pergunta relevante que deveríamos fazer a nós mesmos: estamos ou não praticando a censura, em especial a censura prévia, aqui no Brasil?

Para verificar como o diagnóstico da *The Economist* é real, basta observar a decisão recente do STF contra a plataforma Rumble. Em certo momento, o texto menciona os "crimes" cometidos por um cidadão, chamado de "pretenso jornalista", na decisão. Seriam eles: "atacar integrantes de instituições públicas, desacreditar o processo eleitoral, reforçar o discurso de polarização; gerar animosidade na sociedade, promovendo o descrédito dos poderes da República,


FACEBOOK @CASADEOLIVEIRAVIANNA

ÍNDOLE POLÍTICA O jurista Oliveira Vianna: Estado tutor em nome da ordem democrática

além de outros crimes”. Sejamos claros: rigorosamente nada disso é crime no mundo legal. Qualquer crítica mais dura a uma autoridade pode ser dita um “ataque”. Sobre o “discurso da polarização”, não é o que boa parte dos políticos e militantes fazem a todo momento? E sobre a “animosidade”. Alguma lógica nisso? Somos um mosteiro beneditino, por acaso? E qual crítica dura a uma decisão do Congresso ou

“Foi um erro enxergar o mundo dos direitos como um ‘estorvo’”

do governo não será vista como trazendo algum “descrédito” para essas instituições? É exatamente esse pacote de “definições vagas” que vai servindo de base para a flexibilização do mundo dos direitos no Brasil. E, com ela, para a “corrosão por dentro” de nossa democracia. Isto pelo fato simples de que quanto mais maleáveis são nossos direitos, mais vulneráveis nos tornamos diante de quem ocupa posições de poder. Dias atrás escutava de um empresário: “Me retirei, não dou mais opinião, tenho medo”. Dizia aquilo com naturalidade. A mesma lógica se repete no jornalismo e mesmo na atividade parlamentar. Sem clareza sobre nossos direitos, nos retiramos. Na lógica do poder, pode ser tranquilizador. No sentido da vida republicana, é um desastre.

O curioso é observar como muita gente justifica tudo isto sob o argumento do “provisório”. A ideia de que é necessário algum atalho ou dose de “excepcionalidade” nas garan-

tias da democracia, sabe-se lá até quando, para salvaguardar a própria democracia. O argumento vem do fundo de nossa tradição. Lembra a ideia do "autoritarismo instrumental" formulada pelo professor Wanderley Guilherme dos Santos, ainda nos anos 1970. De um modo simples, a ideia de que, dados o nosso atraso como sociedade e as mil e uma deficiências de nossa formação, acabamos sempre apostando em uma "terapêutica autoritária" para fazer valer, logo ali à frente, os predicados da democracia. O jurista Oliveira Vianna seria uma boa síntese dessa índole política nacional. Ele e sua visão de que nossa sociedade "parental e autoritária" demandaria por muito tempo um Estado tutor para se obter, lá na frente, uma ordem democrática. Daí seu apoio ao varguismo, nos anos 1930, e sua "modernização pelo alto". Talvez ninguém tenha personificado melhor a tradição do atalho autoritário do que Carlos Lacerda e seu "golpismo democrático", nos anos 1950 e 1960. Ele e seu apelo à "reação pelas armas para restaurar a ordem" meses antes do suicídio de Vargas. O mesmo que faria em 1964, com as consequências funestas que conhecemos.

Nosso autoritarismo instrumental é ecumênico. Se a esquerda hoje vibra a cada nova medida de censura prévia e relativização de direitos, "necessários" para a democracia, boa parte da direita não fica distante. Senão, o que faziam aquelas pessoas pedindo uma intervenção militar à porta dos quartéis, em 2022? O que fazia tanta gente sugerindo uma medida "cirúrgica" com a aplicação para lá de criativa do "artigo

142”? A própria *The Economist* menciona a “trama golpista” posterior à eleição presidencial e a persistência de uma “preocupante tolerância à violência política”. Pouca gente escapou dessa dualidade de visões. O mundo da política é dominado pelos afetos. E o pensamento de facção parece sempre mais sedutor do que a impessoalidade fria das regras e dos princípios. Precisamente os ingredientes que pavimentam o caminho estreito da tradição liberal. O caminho que sempre desconfiou da lógica fácil de que “os instrumentos da democracia são frágeis para defender a própria democracia”. A crença ingênua de que, uma vez postos em movimento, os mecanismos de exceção seriam capazes de produzir seus limites.

O ponto é que sempre foi um erro enxergar o mundo dos direitos e garantias individuais como um “estorvo” à democracia. O raciocínio confortável de que o respeito ao devido processo, ao contraditório, às instâncias adequadas da Justiça, ao juiz natural e tudo que conhecemos como ferramentas do direito republicano possam funcionar como matéria plástica, retorcida aqui e ali, ao sabor de uma vaga razão de Estado. Tudo isso que parece novo, e urgente, e capaz mesmo de produzir entusiasmo, é apenas parte de uma velha tradição. Se vamos superar estas coisas como país? Não sei. O caminho é estreito, como dizia a frase que escutei três décadas atrás e que hoje me parece mais atual do que nunca. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

SOBE

FLÁVIO DINO

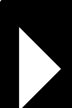
O acordo costurado pelo ministro com o Congresso, que impôs mais transparência às emendas parlamentares, foi referendado por unanimidade pelo Supremo.

REBECA ANDRADE

Maior medalhista olímpica do Brasil, a ginasta foi indicada na categoria Retorno do Ano ao Laureus World Sports Awards, tido como o Oscar do esporte.

ATIVIDADE FÍSICA

Estudo envolvendo cerca de 73 000 pessoas com idade média de 56 anos na China mostra que a prática regular de exercícios inibe doenças neuropsiquiátricas como ansiedade e demência.



DESCE

FÁTIMA BEZERRA

Reeleita em 2022, a governadora petista do Rio Grande do Norte tem a gestão rejeitada por 68% dos eleitores e teria dificuldade para voltar ao Senado em 2026, segundo o Paraná Pesquisas.

“CERA” NO FUTEBOL

A partir do Mundial de Clubes da Fifa, em junho, o árbitro dará escanteio para o time rival se um goleiro demorar mais de oito segundos para repor a bola.

TV POR ASSINATURA

O setor fechou 2024 com 9,3 milhões de clientes no Brasil, 21% a menos que no fim do ano anterior – a retração é a maior da história, segundo a Anatel.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Pedro Pupulim



O papel de quem produz

Presidente da CNI, **Ricardo Alban** lança, nos próximos dias, um fórum internacional para engajar empresários na COP30, em Belém. Batizada de Sustainable Business COP30, a iniciativa vai elaborar as propostas do setor privado para o evento em novembro.

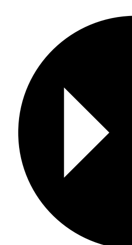
Medidas concretas

Segundo Alban, o grupo fará recomendações aos chefes de Estado na COP, definirá compromissos de redução de emissões de gases e toca-



IANO ANDRADE/CNI

CLIMA Alban: empresários vão propor ações e metas durante a COP30, em Belém



rá iniciativas de fortalecimento da agenda climática.

O roteiro

De largada, a CNI quer focar em ações sobre transição energética, economia circular e financiamento climático.

Missão presidencial

Lula deu a Gleisi Hoffmann apenas uma missão no Planalto. Segundo aliados, ela vai tentar reagrupar partidos em torno da reeleição do petista.

Faltou o principal

Nessa de Ciro Nogueira defender que o PP entregue seu ministério no governo, um cacique da base de Lula provoca: “Vai entregar a Caixa também?”.

Sonhar não custa

Ex-ministro de Jair Bolsonaro, o deputado gaúcho **Osmar Terra** decidiu trocar o MDB pelo PL. Ele inclusive já acertou a saída do partido com Baleia Rossi, para garantir o mandato. Com o apoio de Bolsonaro, Terra deve disputar uma vaga no Senado, em 2026, pelo Rio Grande do Sul.


BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

NO RS Terra: ele vai se filiar ao PL de Bolsonaro para disputar o Senado

Outro caminho no horizonte de Terra é o governo gaúcho, mas a candidatura dependeria de arranjos com outros bolsonaristas.

Testemunhas do capitão

Contra a acusação de golpe, a defesa de Bolsonaro deve propor ao STF a oitiva de cerca de vinte testemunhas.

Casal na lista

Já a defesa de Marcelo Câmara vai listar 32 nomes. "Serão oito testemunhas por crime, incluindo Mauro Cid e a mulher dele", diz o advogado Eduardo Kuntz.

Teve pressão?

Sobre a oitiva de Cid e a mulher, Eduardo Kuntz diz que o objetivo é "saber se ele desabafava em casa sobre as pressões da PF durante a delação".

Nem demorou

A análise do material divulgado pelo STF após a denúncia da PGR mostra que Cid gastou cerca de quatro horas em depoimentos gravados na PF para delatar toda a trama do golpe.

STF na escola

Servidores do STF foram a Recife recentemente para palestrar em escolas públicas. De alunos do ensino médio, por exemplo, a comitiva do Supremo recebeu uma enxurrada de perguntas sobre o ministro Alexandre de Moraes.

Xandão é pop

Um aluno quis saber quando Xandão seria candidato a presidente da República. Outro perguntou se Moraes iria a Recife neste ano. Ao

final, os alunos gravaram um vídeo para o ministro com mensagens de carinho e agradecimentos.

Gastando sem dó

Em dois anos de mandato, o governo Lula conseguiu gastar, em viagens nacionais e internacionais, 4,5 bilhões de reais, mais do que Bolsonaro gastou em todos os seus quatro anos de governo: 4,1 bilhões de reais.

Gestão desafinada

Prestes a cair na estrada com Gusttavo Lima, Ronaldo Caiado critica os gastos do governo petista: "Lula governa preocupado com a reeleição, não com o cenário fiscal do país".

Sem provas

O MPF arquivou uma investigação contra o Facebook por supostamente abrigar "perseguição de cunho religioso a muçulmanos xiitas no Brasil".

MPF x PF

O MPF acaba de abrir um inquérito para investigar a atuação irregular da Polícia Federal na fronteira do Oiapoque com a Guiana Francesa. A PF teria violado a lei de refugiados ao impedir a entrada de estrangeiros.

Calote parlamentar

A Câmara intimou o ex-deputado Wolmer Araújo a pagar 8 822 reais por ter furado o limite de gastos da cota parlamentar. Ele tem trinta dias para quitar a dívida ou ficará com o nome sujo na praça.

Os mísseis de Trump

Enquanto Lula avalia co-

mo lidar com as ameaças de Donald Trump na esfera comercial, o Exército acaba de fechar um contrato de 74 milhões de dólares para comprar mísseis Javelin dos EUA. O pacote inclui peças de reposição, equipamento de apoio e treinamento.

Prefeitura virtual

Sob gestão do general Silva e Luna, a Prefeitura de Foz do Iguaçu (PR) vem investindo num projeto de IA que troca funcionários reais por virtuais: “Eles substituem servidores no atendimento de demandas da população e aumentam a eficiência”, diz Luna.

Ao arquivo

O TCU arquivou, recentemente, um processo contra o ex-presidente da Câmara Henrique Eduardo Alves por irregularidades em gastos da cota parlamentar na locação de veículos.

Na telona

Com 190 salas de cinema em onze estados, a rede Cinesystem, uma das cinco maiores exibidoras do país, fechou acordo de naming rights com a Caixa. Valor: 3 milhões de reais.

Triste história

Com o assassinato da missionária Dorothy Stang completando vinte anos, a Ancine autorizou uma produtora a captar 30 milhões de reais para filmar *Dorothy Stang: Marcada para Morrer*.

Nunca antes

O primeiro Oscar de um filme brasileiro veio juntamen-

te com um recorde de coproduções internacionais do nosso cinema. Em 2024, foram cinquenta obras registradas.

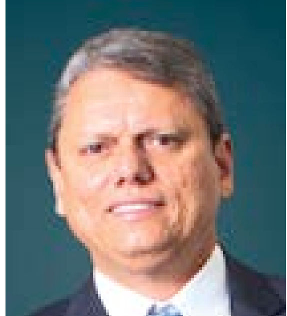
Boleto pendente

A atriz **Camila Queiroz** brilhou, neste ano, como musa de um camarote na Sapucaí. No meio da folia, no entanto, a Justiça mandou notificar a atriz sobre dívidas de condomínio não quitadas no interior de São Paulo, onde ela vive com o marido, o ator Klebber Toledo. ■



JUSTIÇA
Camila: ação cobra da atriz dívidas de condomínio

INSTAGRAM @CAMILAQUEIROZ



O PLANO “T”

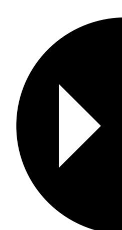
Com a possível condenação de Bolsonaro e a impopularidade de Lula, aumentam as pressões políticas e econômicas sobre o governador Tarcísio de Freitas para que ele se lance como candidato da direita ao Palácio do Planalto em 2026

MARCELA MATTOS

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS



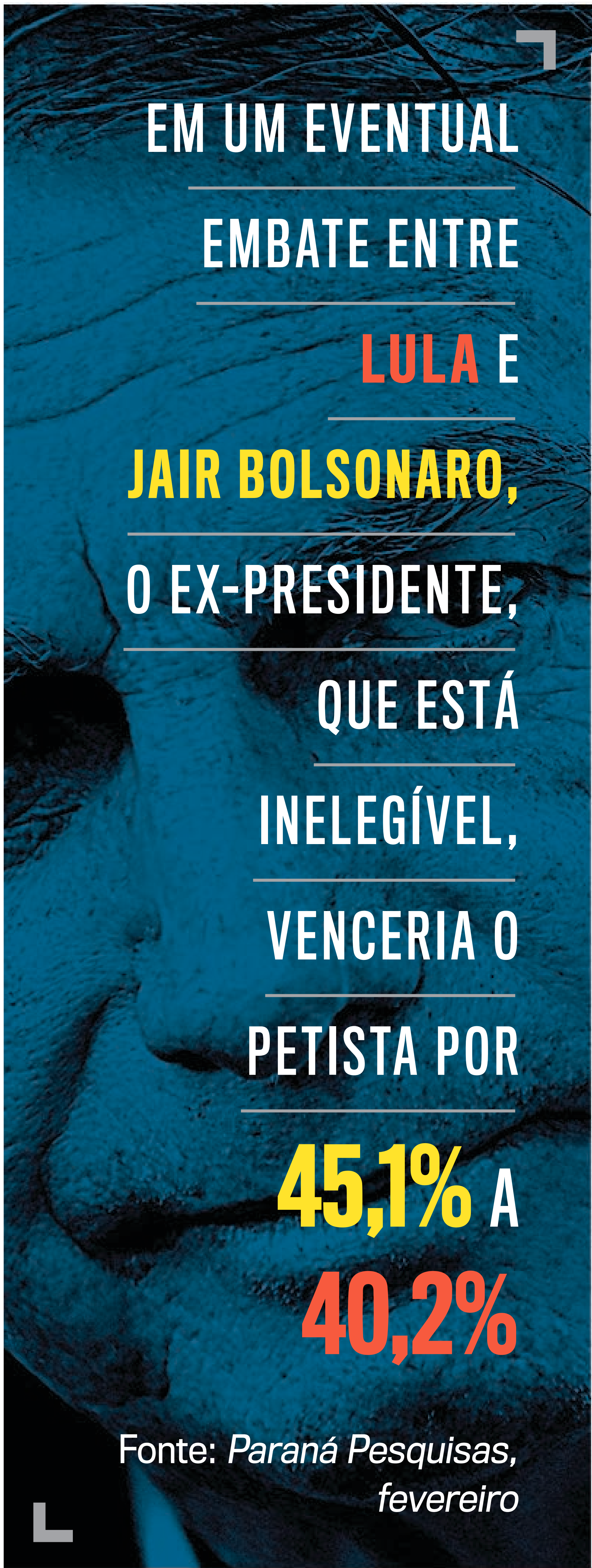
JOGANDO PARADO O político do Republicanos: aumento de prestígio e subida na bolsa de apostas



CAPA: FOTO DE CLAUDIO GATTI

Símbolos da polarização no Brasil, o presidente Lula e o antecessor Jair Bolsonaro vivem momentos desafiadores. Segundo as pesquisas, o petista enfrenta um processo acelerado de desgaste de imagem e lida com um percentual de reprovação acima de 60% nos principais colégios eleitorais. A perda de popularidade ocorre até em tradicionais redutos do PT e fez aumentar a especulação de que o mandatário, por medo de ser derrotado, pode desistir da campanha à reeleição em 2026. Já o capitão não pode concorrer na próxima sucessão presidencial, a não ser que haja uma reviravolta jurídica ou no Congresso. Bolsonaro está inelegível e ainda corre o risco de ser punido com até quarenta anos de prisão, caso o Supremo Tribunal Federal (STF) o condene por liderar uma trama golpista que tinha o objetivo, segundo a Procuradoria-Geral da República (PGR), de implodir a democracia e garantir sua permanência no poder. Hoje, o cenário é de incerteza para os dois maiores líderes políticos do país, o que tem impulsionado a elaboração de planos alternativos. À direita, o principal deles tem nome e sobrenome, não é exatamente uma novidade, mas começa a deixar o estado de hibernação.

Políticos de diferentes partidos e empresários avaliam que a impopularidade de Lula e as restrições judiciais de Bolsonaro criaram as condições ideais para viabilizar a candidatura ao Palácio do Planalto do governador de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas (Republicanos). Em público, ele diz que concorrerá a um novo mandato no Palácio dos



PEDRO DE PAULA/CÓDIGO 19/AGÊNCIA O GLOBO



INELEGÍVEL Bolsonaro: condenação, anistia e indulto na mesa de negociação para 2026

Bandeirantes e defende a candidatura do inabilitado Bolsonaro em 2026. Move-se, portanto, com cautela e lealdade ao padrinho político. Nos bastidores, no entanto, há sinais de que Tarcísio flerta cada vez mais com a possibilidade de disputar a Presidência no ano que vem. Pelo menos essa é a visão neste momento dos líderes de legendas de centro e de direita que querem vê-lo alçando um voo mais alto. Os preparativos desses caciques para o plano presidencial do go-

vernador estão em curso e envolvem dirigentes de siglas como Republicanos, PP e União Brasil, que comandam ministérios no governo petista. Eles acreditam que — se a conjuntura não mudar e Bolsonaro não superar seus obstáculos na Justiça — receberão o aval do ex-presidente para levar o projeto adiante.

Presidente do PP e chefe da Casa Civil no governo Bolsonaro, o senador Ciro Nogueira já realizou pelo menos três encontros em sua casa para tratar sobre 2026. Ele reuniu um especialista em pesquisas para discorrer sobre as tendências do eleitorado, presidentes de legendas, parlamentares e dez governadores. Entre eles, o próprio Tarcísio e os também presidenciáveis Ronaldo Caiado (União Brasil-GO) e Romeu Zema (Novo-MG). Ninguém externará essa opinião em público, mas há o consenso de que Bolsonaro não recuperará os direitos políticos até 2026. Diante disso, há a necessidade de construir quanto antes uma candidatura forte e, de preferência, capaz de unir a direita contra o governo. Se houver unidade em torno de um nome, a chance de vencer Lula, ou um concorrente indicado por ele, é considerada maior. A predileção do grupo de articuladores é pelo governador de São Paulo, cuja gestão é aprovada por 61% dos paulistas, segundo pesquisa Genial/Quaest. O desafio é convencer os demais a abrir mão. Do inelegível Bolsonaro a outros governadores de oposição, todos querem continuar no páreo até onde for possível. Mas há a percepção de que alguns deles podem recuar se Tarcísio assumir a candidatura.

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL



DESAFIO Lula: a alta rejeição pode inviabilizar o projeto de reeleição do petista

O GOVERNADOR TARCÍSIO DE FREITAS ESTARIA TECNICAMENTE EMPATADO COM O PRESIDENTE LULA EM UMA EVENTUAL DISPUTA DIRETA ENTRE OS DOIS

LULA 41,1%

TARCÍSIO 40,8%

Fonte: *Paraná Pesquisas, fevereiro*

Único até agora a se apresentar para a disputa, Caiado afirmou a VEJA ser um erro a direita ter apenas um representante na eleição presidencial e alegou que essa estratégia favorece o presidente, que tem a máquina na mão. "Não há esse compromisso. No momento em que sai um candidato de cada partido, ele vai dar conta de mobilizar pelo menos o eleitorado de sua região. Depois, quem chegar ao segundo turno terá o apoio dos demais", diz o governador de Goiás.

Na quarta 5, ele anunciou como seu companheiro de chapa o cantor sertanejo Gusttavo Lima.

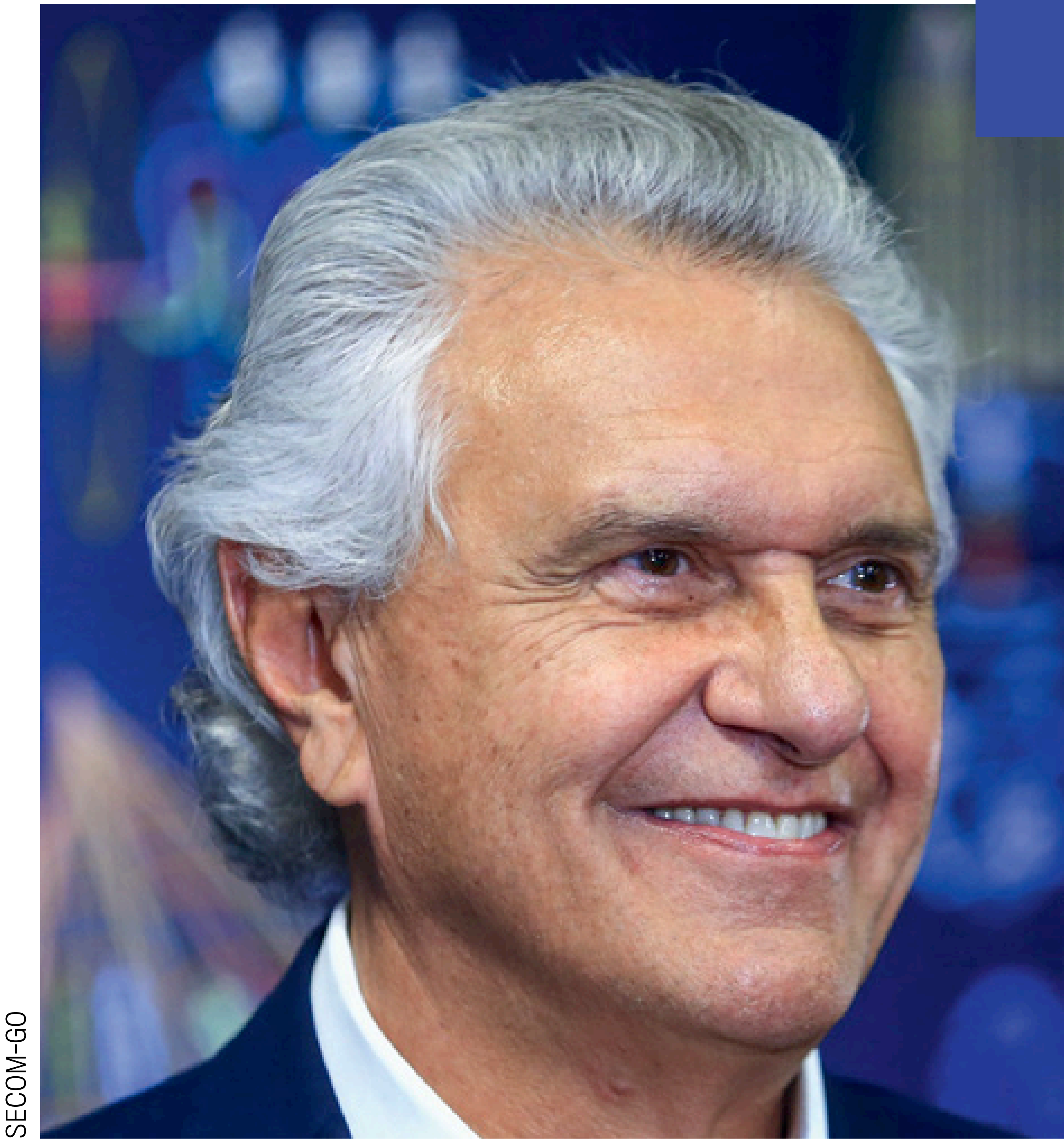
Além de tentar um difícil acordo de união, os articuladores de uma candidatura forte de direita precisam administrar um problema ainda maior: Jair Bolsonaro. A insistência do capitão para continuar no jogo é o principal entrave para as tratativas em curso. Como o ex-presidente é o maior cabo eleitoral da direita, ele não pode ser atropelado nem confrontado por integrantes do grupo. Não é só uma questão de lealdade, mas de cálculo político. Apesar do cerco judicial, o capitão é campeão de votos e tem potencial para eleger até "postes", como fez ao consagrar o próprio Tarcísio, um neófito em eleições, que, com a bênção do ex-presidente, não teve dificuldades para se eleger governador do estado mais importante do país. O problema é que Bolsonaro também já se mostrou extremamente eficiente para acabar com a carreira de aliados que, segundo ele, traíram sua confiança. Por isso, ninguém quer entrar em sua lista de desafetos. Anfitrião das reuniões do grupo que discutiu em sua casa o plano Tarcísio, Ciro Nogueira é um dos mais empenhados em evitar a armadilha. Ele confirmou a VEJA os encontros, mas disse que o objetivo era tratar da conjuntura nacional e, como reza a cartilha para manifestações públicas, declarou que seu candidato em 2026 é Bolsonaro.

Repetindo Lula em 2018, quando o petista estava preso pela Operação Lava-Jato, o ex-presidente cogita levar sua candidatura presidencial até o limite. É uma forma de man-

ter sua liderança na direita e também o poder de indicar seu eventual substituto. Bolsonaro garante que não há plano B, mas, se tiver de apontar alguém, insinuou em entrevistas que seria um de seus filhos com mandato no Congresso, o deputado Eduardo ou o senador Flávio, ou a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Segundo o Paraná Pesquisas, Michelle venceria Lula por 42,9% contra 40,5%, num embate direto entre os dois. Em uma simulação genérica de primeiro turno, ela também ficaria à frente do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, por 30,2% a 18,8%. Ao mesmo tempo, o capitão já disse também que prefere Michelle e Eduardo na disputa ao Senado em 2026.

OS PLANOS B

Se a articulação para ter Tarcísio de Freitas como candidato ao Planalto não prosperar, a oposição trabalha com algumas alternativas



SECOM-GO

RONALDO CAIADO (UNIÃO BRASIL)

Disposto a lançar a candidatura já no próximo mês, tendo como companheiro de chapa o cantor Gusttavo Lima, o governador de Goiás pretende usar os bons índices em segurança e educação como bandeiras na campanha

A despeito dos enroscos na Justiça, que tendem a piorar ainda mais daqui para a frente, o sobrenome continua sendo uma força inegável à direita. O entorno de Bolsonaro calcula que qualquer nome indicado por ele terá, na largada, cerca de 30% das intenções de votos. Mas o herdeiro também carregará a rejeição do ex-presidente. E aí há o entendimento de que a rejeição será maior se o ungido também tiver o sobrenome Bolsonaro. Até por ser menos conhecido nacionalmente, Tarcísio não carrega por enquanto tanta aversão. De acordo com a Genial/Quaest, a rejeição ao governador é de 32%, enquanto as de Michelle e Eduardo Bolsonaro são de, respectivamente, 49% e 55%.

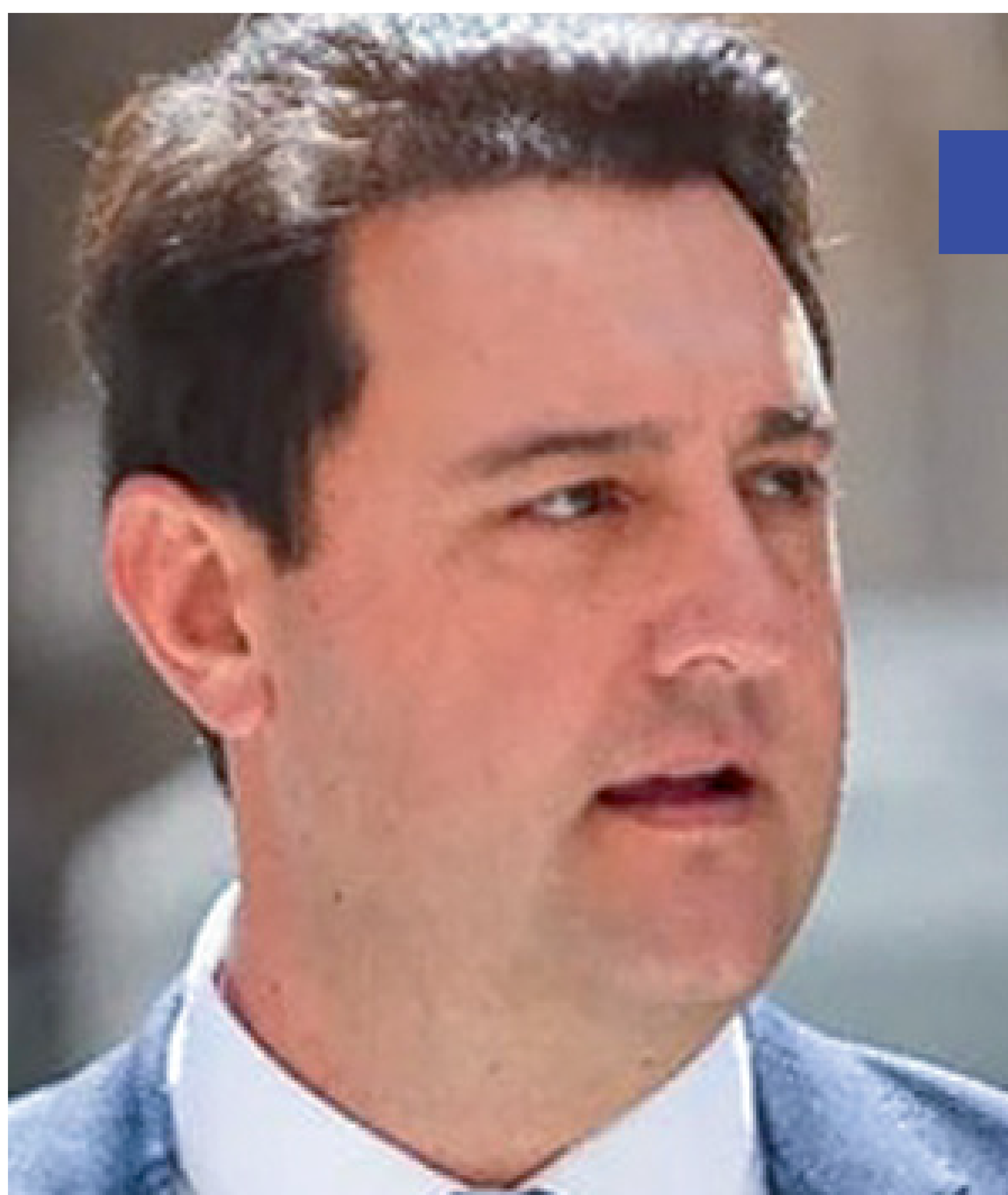


RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

ROMEU ZEMA (NOVO)

O governador de Minas Gerais prega a união da direita para fortalecer o campo em 2026. Recentemente, gravou vídeo comendo uma banana com casca para criticar a inflação dos alimentos no governo Lula

Chamado de “capita” pelo ex-presidente, em referência à patente dos dois quando encerraram suas funções no Exército, o governador paulista mantém encontros com o antigo chefe e se coloca como um bastião na defesa dele. “Jair Bolsonaro é a principal liderança política do Brasil. Esse é um fato. Bolsonaro jamais compactuou com qualquer movimento que visasse à desconstrução do estado democrático de direito. Esse é outro fato. Estamos juntos, presidente”, escreveu Tarcísio, um dia após a denúncia da PGR ao Supremo. O governador deve participar do ato organizado para o próximo domingo, 16, quando Bolsonaro quer lotar as ruas de Copacabana, no Rio de Janeiro, numa manifestação pró-anistia pensada também como uma demonstração de força



FACEBOOK @RATINHOJUNIOR

RATINHO JR. (PSD)

O governador do Paraná é um dos mais bem avaliados do país, mas ainda é pouco conhecido fora do estado. Entusiastas de sua candidatura defendem que ele use o pai, o apresentador Ratinho, para se popularizar nacionalmente

do político. Os gestos de lealdade não impedem que Tarcísio adote um estilo diferente. Com passagem pelo governo Dilma Rousseff, ele tenta construir um perfil mais moderado e conciliador, vendido por seus aliados como um importante trunfo eleitoral. No último dia 27, ele participou ao lado de Lula do lançamento do edital da obra de construção de um túnel entre as cidades de Santos e Guarujá.

No encontro, apoiadores e ministros de Lula gritaram "sem anistia" e lembraram a tentativa de golpe. "Enquanto alguns maquinavam o assassinato de seus adversários, o presidente Lula promove o diálogo e estende as mãos em benefício do povo e do desenvolvimento do Brasil", discursou o vice Geraldo Alckmin. O presidente, por sua vez, afir-



MAURICIO TONETTO/SECOM

EDUARDO LEITE (PSDB)

Apesar da tragédia das enchentes no ano passado, o governador do Rio Grande do Sul tem a aprovação de mais de 60% dos gaúchos. É a principal – e única – aposta do PSDB para que a legenda tenha algum protagonismo nas eleições de 2026

mou que a fotografia da solenidade registrou um novo momento do país. “Eu não estou propondo casamento para ele *(Tarcísio),* nem ele para mim. O que nós estamos propondo é um jeito de trabalhar junto”, disse Lula. Tarcísio agradeceu o presidente pela ajuda federal e lembrou de uma conversa entre os dois na qual ressaltaram que não havia espaço para disputas políticas. “É o que estamos fazendo no dia de hoje: atendendo o cidadão”, discursou o governador. Outra diferença está no trato com o Judiciário. Enquanto Bolsonaro mantém os ataques ao STF, Tarcísio adota um tom conciliatório e prega uma relação cortês com os principais ministros, inclusive com Alexandre de Moraes, relator de ações contra o ex-presidente. Construir pontes — inclusive meta-



JOSÉ LUIZ S. TAVARES/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

MICHELLE BOLSONARO (PL)

Evangélica, a ex-primeira-dama nunca concorreu a nenhum cargo, mas aparece bem posicionada nas pesquisas. Recentemente, Jair Bolsonaro admitiu que ela seria um “bom nome” para o Planalto, mas depois recuou

foricamente — pode facilitar uma futura candidatura presidencial do governador, que ganhou visibilidade nacional justamente como ministro da Infraestrutura.

Antes de abrir espaço para um aliado, Bolsonaro quer ter a certeza de que o candidato escolhido por ele trabalhará por sua anistia ou indulto em caso de condenação à prisão. Quanto maior for a pena imposta, maior a chance de o capitão acatar alguém de perfil moderado e que tenha a aderência de outros partidos. "Acho que, com o tempo, a predominância de Lula e de Bolsonaro vai começar a decantar. Eles sabem que a reprodução da polarização tem fatores benéficos para ambos e por isso forçam a manutenção desse cenário", afirma Alberto Aggio, professor e pesquisador de história política. "Mas o Brasil nunca foi um país onde a política permanece muito tempo estática. Sempre há mudanças significativas, porque ninguém fica parado. E todos esses políticos vão evitar, em primeiro lugar, um confronto com os dois líderes", acrescenta Aggio. É o que Tarcísio tem feito. A disputa interna na direita é acirrada, envolve uma penca de governadores e tem espaço até para especulações sobre outsiders. Além disso, o fator Lula será decisivo.

A lógica é simples: quanto mais frágil a situação do presidente, maior a chance de Tarcísio desistir da reeleição em São Paulo e concorrer ao Planalto. Na hipótese de o petista e Bolsonaro ficarem fora do páreo, uma candidatura do governador se tornaria ainda mais provável. Ao redor de Tarcísio, o dito de que um cavalo encilhado não passa duas vezes no


FACEBOOK @CIRONOGUEIRA

NOS BASTIDORES Ciro Nogueira com Guilherme Derrite, secretário de Segurança de São Paulo: encontros para discutir candidatura

mesmo lugar nunca foi tão repetido. Defensores da candidatura presidencial dele afirmam que, se não entrar na disputa de 2026, poderá perder uma chance de ouro e ficar para trás. O governador, porém, joga com o tempo e com os resultados de sua bem avaliada administração. Hoje, a pressa se impõe a Lula e a Bolsonaro. Se os dois não se livrarem de suas dificuldades particulares, a raia ficará aberta para quem corre por fora. Tarcísio está jogando parado: insinua não ter interesse pela Presidência, demonstra lealdade a Bolsonaro e dialoga com integrantes de todos os poderes, de Lula a ministros do Supremo. Com cuidado e se beneficiando da fragilidade dos dois principais líderes políticos do país, o governador tem ganhado prestígio e subido na bolsa de apostas. A estratégia é clara. Se será candidato, só o tempo dirá. ■

FALANDO PELOS COTOVELOS

Lula tenta resgatar a popularidade na base da conversa, mas seus discursos não empolgam mais como antigamente e as gafes têm servido de munição para a oposição

HUGO MARQUES



DESAFIO Lula e Sidônio: falta de rumo e poucos resultados a apresentar dificultam a tarefa de convencer pelas palavras

RICARDO STUCKERT/PR

DESDE OS TEMPOS de líder sindical, Lula carrega a fama de exímio comunicador, hábil negociador e encantador de plateias. Petistas sempre festejaram seus improvisos e discursos oficiais como um instrumento político poderoso, capaz de impulsionar o governo, garantir vitórias eleitorais ao PT e reverter conjunturas desfavoráveis. No terceiro mandato, no entanto, a lábia do presidente não seduz como antigamente. Pelo contrário, tem provocado mais desgaste de imagem ao misturar uma sucessão de gafes com desatinos multidisciplinares, especialmente na área da economia. Aos ouvidos de boa parte do eleitorado, o craque de outrora soa ultrapassado e distante da realidade, o que resulta no menor nível histórico de aprovação ao petista — de 24%, segundo o Datafolha — e no aumento acelerado da reprovação, que já supera a casa dos 60% nos maiores colégios eleitorais do país. Apesar dos resultados das pesquisas, a nova equipe de comunicação do governo, chefiada pelo marqueteiro Sidônio Palmeira, resolveu apostar na superexposição de Lula para recuperar a popularidade perdida, esperando que ele honre a antiga reputação e reedite os feitos do passado. Até agora, não deu certo.

Desde o início do ano, o presidente acelerou uma agenda de viagens e entrevistas pelo país. Nelas, acumula declarações desastradas que, muitas vezes, servem de munição para a oposição. Foi o que ocorreu no caso da inflação dos alimentos, um dos motivos para o crescimento da rejeição ao governo nos últimos meses. Pressionado pelo tema, o presi-


RICARDO STUCKERT/PR

“Eu estou comendo agora ovo de ema. O ovo de ema é desse tamanho e equivale a 12 ovos de galinha. Fui pesquisar se eu podia comer e eu posso comer, porque tenho 70 emas no Palácio da Alvorada”

Lula ao falar do aumento do preço dos alimentos

dente, numa entrevista a uma rádio da Bahia, tentou terceirizar para a população a tarefa de combater a carestia. "Uma das coisas mais importantes para que a gente possa controlar o preço é o próprio povo. Se você vai ao supermercado aí em Salvador e você desconfia que tal produto está caro, você não compra", disse Lula. "Se todo mundo tiver essa consciência e não comprar aquilo que acha que está caro, quem está vendendo vai ter que baixar para vender, porque, senão, vai estragar." A reação foi imediata: as críticas à declaração ganharam as redes sociais, arena na qual a esquerda toma uma surra dos apoiadores de Jair Bolsonaro. Considerado o principal responsável pela falta de credibilidade do governo na condução da política econômica, o presidente tem disparado outros tiros no pé em assuntos que afetam o bolso do eleitor. Numa fala de improviso durante o anúncio do Programa de Renovação da Frota Naval do Sistema Petrobras, em Angra dos Reis, no mês passado, Lula tentou fazer graça com a delicada questão do preço dos combustíveis. Foi outro tiro no pé. "Eu não defendo a Petrobras porque como petróleo, não como. Porque bebo gasolina, não bebo. Eu bebo outro álcool, a gasolina não", afirmou, numa mistura de "lulês" com "dilmês".

Desde a posse de Sidônio Palmeira na chefia da Secretaria de Comunicação Social, em janeiro, Lula fez dezoito discursos oficiais, que duraram em torno de vinte minutos cada um, e deu entrevistas para oito rádios regionais. O plano do marqueteiro é que o presidente seja o motor da produção



FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

“Não sou nem marido, eu sou um amante da democracia. Porque, a maioria das vezes, os amantes são mais apaixonados pela amante do que pelas mulheres”

Lula em declaração capaz de constranger até a primeira-dama Janja

de conteúdo, o protagonista da propaganda oficial, até porque deve concorrer à reeleição em 2026. A ideia é usar cada oportunidade para apresentar resultados de programas e tentar mostrar eficiência na condução do país. O problema é que os improvisos, que antes abrilhantavam as falas do petista, ajudando-o a conquistar corações e mentes, agora estão produzindo muitos constrangimentos.

Em 13 de fevereiro, Lula participou de uma cerimônia de entrega de terras da União para o estado do Amapá, reduto eleitoral do novo presidente do Senado, Davi Alcolumbre. Com as redes sociais fervilhando em razão do encarecimento do ovo de galinha, soltou outra pérola. "Eu estou comendo agora sabe o quê? O ovo de ema. O ovo de ema é deste tamanho, um ovo de ema equivale a 12 ovos de galinha", afirmou. "Eu fui pesquisar se eu podia comer, e eu posso comer, porque eu tenho 70 emas lá no Palácio da Alvorada, 70 emas. Elas botam ovo do tamanho da cabeça de vocês." Não bastasse a repercussão negativa no universo digital, levantou a bola para a oposição. O deputado federal Kim Kataguiri aproveitou a deixa, acionando a Procuradoria-Geral da República (PGR) para apurar suposto crime ambiental de Lula, por comer ovo de animal silvestre. Seis dias depois, o presidente voltou à carga e — em vez de prometer empenho para melhorar a infraestrutura da cidade de Belém, que sediará a conferência do clima, COP30, em novembro — novamente tentou dividir a responsabilidade pela solução do problema. "Se não tiver hotel cinco estrelas,



RICARDO STUCKERT/PR

“Eu não defendo a Petrobras porque eu como petróleo, não como. Porque eu bebo gasolina, não bebo. Eu bebo outro álcool, a gasolina, não”

Lula em discurso aos funcionários da Petrobras

durma em um de quatro. Se não tiver um de quatro, durma em um de três. Se não tiver um de três, durma olhando para o céu, que vai ser maravilhoso.” O presidente, obviamente, não precisará seguir tal recomendação.

De acordo com as pesquisas, o derretimento da imagem de Lula ocorreu até em pilares de sua base de apoio, como as mulheres. A inflação da comida e a criminalidade são dínamos do desgaste nesse segmento, que também anda incomodado com as declarações do mandatário. Em uma delas, transbordando etarismo, o presidente chamou de velha uma senhora de 50 anos. Com outra, tipicamente machista, deve ter causado repulsa até na primeira-dama da Repúbli-

ca, Rosângela da Silva, a Janja. “Não sou nem marido, eu sou um amante da democracia, porque, a maioria das vezes, os amantes são mais apaixonados pela amante do que pelas mulheres. E eu sou um amante da democracia porque eu conheço o valor dela”, afirmou na solenidade organizada para lembrar os dois anos da invasão e depredação das sedes dos Três Poderes em Brasília.

Apesar da reputação de craque, Lula sempre cometeu gafes na carreira, mas elas eram perdoadas ou minimizadas diante dos resultados de suas gestões anteriores. Um bom repertório, como se sabe, pode ajudar um cantor mediano a conquistar a plateia. Já um péssimo repertório só tem sobrevida na voz de um virtuose. Aí está o problema do terceiro mandato de Lula, que tem poucos resultados a apresentar e sofre com a falta de rumo. “Lula hoje passa para parte dos eleitores a imagem de um político cansado e longe do entusiasmo que o movia no passado”, diz Luciana Fernandes Veiga, professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e coordenadora do mestrado em comunicação digital e cultura de dados da FGV Comunicação. “É importante o conteúdo da fala, importante comunicar como o seu governo tem melhorado a vida das pessoas. A maior exposição do presidente deve ser acompanhada sempre por comunicação de entrega de resultados”, acrescenta a especialista. Quando não há muito o que mostrar, Lula corre o risco de virar personagem do velho ditado popular: quem fala demais, morre pela boca. ■



CRISTOVAM BUARQUE

MORAL E POLÍTICA DO PETRÓLEO

O dilema de Lula: olhar para a humanidade ou defender o eleitor?

O PRESIDENTE LULA tem a chance de levar para a COP30, em Belém, metas ambiciosas para uma economia mundial sem combustíveis fósseis e a inclusão de compromisso com a educação para mudar a base da crise ambiental, em frágil equilíbrio pressionado pela voracidade por consumo e ganância por lucro. O problema: terá de optar entre a moral para cuidar da humanidade e a política para atender aos eleitores locais. A exploração de petróleo provoca desequilíbrios ecológicos, mas a população quer produção de petróleo na "Amazônia Azul". Apesar da nomeação de André Corrêa do Lago e de Marina Silva, Lula perderá força moral se optar pela política e autorizar a Petrobras a fazer as pesquisas para aumentar, em vez de reduzir, a produção de petróleo. O eleitor não vota por barrar o aumento do nível do mar daqui a vinte anos, quer mais petróleo que permita reduzir o preço da gasolina.

Trump é coerente quando adota o lema "perfurem onde puder", porque é um populista sem preocupação moral. Lula



será incoerente por ter discurso moral pela humanidade no longo prazo e agir como político olhando para eleições locais. Ainda mais grave, o americano apenas incentiva que indivíduos explorem petróleo, enquanto no Brasil quem perfura e explora é a empresa do governo. Lula tem conseguido driblar o choque entre moral e política, mas agora terá de optar.

A questão moral não se limita a evitar vazamento de petróleo no litoral, mas implica impedir o impacto nocivo de suas emissões na atmosfera. O argumento de que autoriza apenas a pesquisa é uma falácia que significaria sacrificar a Petrobras e desperdiçar bilhões de dólares. Dizer que vai usar o dinheiro ganho com a poluição fóssil para fazer a transição à energia limpa e sustentável é como investir em fábrica de armas para financiar a paz. Há outros nós: argumentar que devemos explorar petróleo na Amazônia porque a Guiana está ficando rica ao explorar seu petróleo na região é o mesmo que defender enriquecer assaltando quem passa na rua porque nosso vizinho faz isso. Há incoerência no raciocínio do governo.

“Trump é coerente quando adota o lema “perfurem onde puder”, porque é um populista”

Quando decidiu usar a bomba atômica em Hiroshima, em 1945, o presidente dos Estados Unidos Harry Truman fez opção política correta, mas sobejamente imoral: acabou a guerra, eis o ponto positivo, e atendeu aos interesses de seus eleitores, mas ficou com a marca da imoralidade contra a humanidade, em marco até hoje indelével. O presidente Lula perderá força moral no mundo se, antes de novembro, no encontro de Belém, puser a opção política eleitoral nacional acima da opção ética de longo prazo pela humanidade. No entanto, se deixar a decisão para depois da COP30, ficará com a imagem de que ludibriou o mundo, vai macular sua liderança de estadista planetário e comprometerá a imagem de Marina Silva como símbolo mundial da luta por um novo progresso, limpo, verde, sustentável, sem os trágicos efeitos do uso do combustível fóssil.

O Brasil precisa chegar à COP30 com autoridade moral e propostas ambiciosas para a descarbonização da economia, e a defensa de um imenso programa global pela educação de base de todas as crianças do planeta para criar uma nova mentalidade que defina um novo tipo de progresso, não tóxico, sem o carbono químico e sem o carbono mental: a avidez consumista e a cobiça por lucro. ■

A MALDIÇÃO DA REPÚBLICA

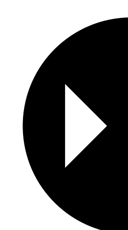
Dos cinco presidentes eleitos após a redemocratização, apenas um, Fernando Henrique Cardoso, seguiu a vida sem passar por grandes turbulências após deixar o cargo

RICARDO CHAPOLA



MATEUS BONOMI/ANADOLU/GETTY IMAGES

FUTURO INCERTO Bolsonaro: denunciado por tentativa de golpe de Estado



UM DOS ASSUNTOS mais especulados nas rodas de Brasília nos últimos tempos diz respeito ao local onde Jair Bolsonaro irá cumprir sua pena se for condenado por tentativa de golpe de Estado. Há várias possibilidades: uma unidade militar, um presídio de segurança máxima, uma sala da Polícia Federal? A decisão caberá ao Supremo Tribunal Federal (STF). Independentemente disso, a eventual condenação do ex-presidente vai ampliar uma sina que parece perseguir de maneira implacável ocupantes e ex-ocupantes do Palácio do Planalto. Após a redemocratização, o país elegeu cinco presidentes. Desses, pode-se dizer que apenas um, Fernando Henrique Cardoso, concluiu o mandato e seguiu a vida sem atravessar grandes turbulências depois de deixar o poder. Os demais enfrentaram diversos níveis de contratempos durante e após o mandato. Foram processos de impeachment, ações criminais, prisão preventiva e até prisão definitiva — situação que, em breve, pode levar o Brasil a ostentar o ineditismo de ter dois ex-presidentes da República condenados e cumprindo pena na cadeia, simultaneamente.

Dois anos depois de deixar o governo, Jair Bolsonaro é investigado em seis inquéritos no STF. Está indiciado por suspeita de fraudar o cartão de vacinação contra a covid, por venda irregular de joias recebidas de presente durante o governo e por participação numa trama golpista para se manter no poder. Nesse último caso, já foi denunciado e, em breve, será transformado em réu. O Supremo espera concluir o julgamento no máximo até o fim do ano. Ou se-


LEO CORREA/AP/IMAGEPLUS

LAVA-JATO Lula: investigações, condenação por corrupção, detenção por 580 dias e processo anulado na sequência

ja, se tudo transcorrer como previsto, o ex-presidente pode ser condenado a até quarenta anos de prisão. Aos 69 anos, ele poderia pleitear benefícios legais depois de cumprir um terço da sentença. Se pegar pena máxima, será libertado em regime condicional em 2038, quando terá 83 anos. Isso em apenas um único processo. Seguido assim, esse roteiro se tornará o caso mais exemplar até hoje do destino implacável que parece perseguir governantes e ex-governantes.

Fernando Collor de Mello, até agora, era o personagem mais emblemático do que parece uma maldição. Primeiro presidente eleito pelo voto direto, ele foi apeado do poder por um processo de impeachment dois anos depois de tomar posse. Acusado de corrupção, acabou absolvido pelo



RICARDO STUCKERT/AGÊNCIA O GLOBO

SEM RECURSOS Collor: impeachment e condenação definitiva

Supremo Tribunal Federal na época, devido a falhas processuais, e tentou reconstruir a carreira. Depois de cumprir um período de inelegibilidade, Collor conquistou uma vaga de senador por Alagoas. Mas surgiu um novo empecilho. Em 2014, a Polícia Federal descobriu que o partido dele, o PTB, estava envolvido em um esquema de corrupção do qual o ex-presidente também se beneficiou. Em junho de 2023, quase dez anos depois do início da investigação, Collor foi condenado a oito anos de prisão em regime fechado. Em tese, já deveria estar cumprindo a sentença em uma penitenciária — ou em uma sala da Polícia Federal. Por sorte dele, a celeridade do Supremo não tem sido a mesma que no caso envolvendo Jair Bolsonaro.


MARIO TAMA/GETTY IMAGES

FIM DE CARREIRA Dilma: processo de impeachment e tentativa frustrada de voltar à política em candidatura ao Senado

Collor foi denunciado por corrupção pela Procuradoria-Geral da República em 2015, quando a Lava-Jato fechou o cerco contra políticos acusados de receber propina do esquema e acusou o ex-presidente de ter embolsado 20 milhões de reais para beneficiar uma empreiteira em contratos com a Petrobras. A demora na conclusão do julgamento e a apresentação de recursos que impedem que o processo chegue ao final garantem a ele uma sobrevida. Por não ter sido condenado por unanimidade, uma nova rodada de questionamentos ainda é possível e deve arrastar o caso ao longo de 2025. Embora dificilmente mude a sentença imposta, a defesa deve impetrar uma última rodada de recursos. O ex-presidente, que tem 75 anos de ida-

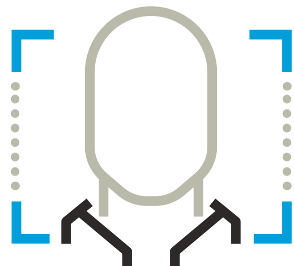

MAURO PIMENTEL/AFP

SEM TRÉGUA Michel Temer: prisão preventiva constrangedora pouco tempo depois do término de seu mandato

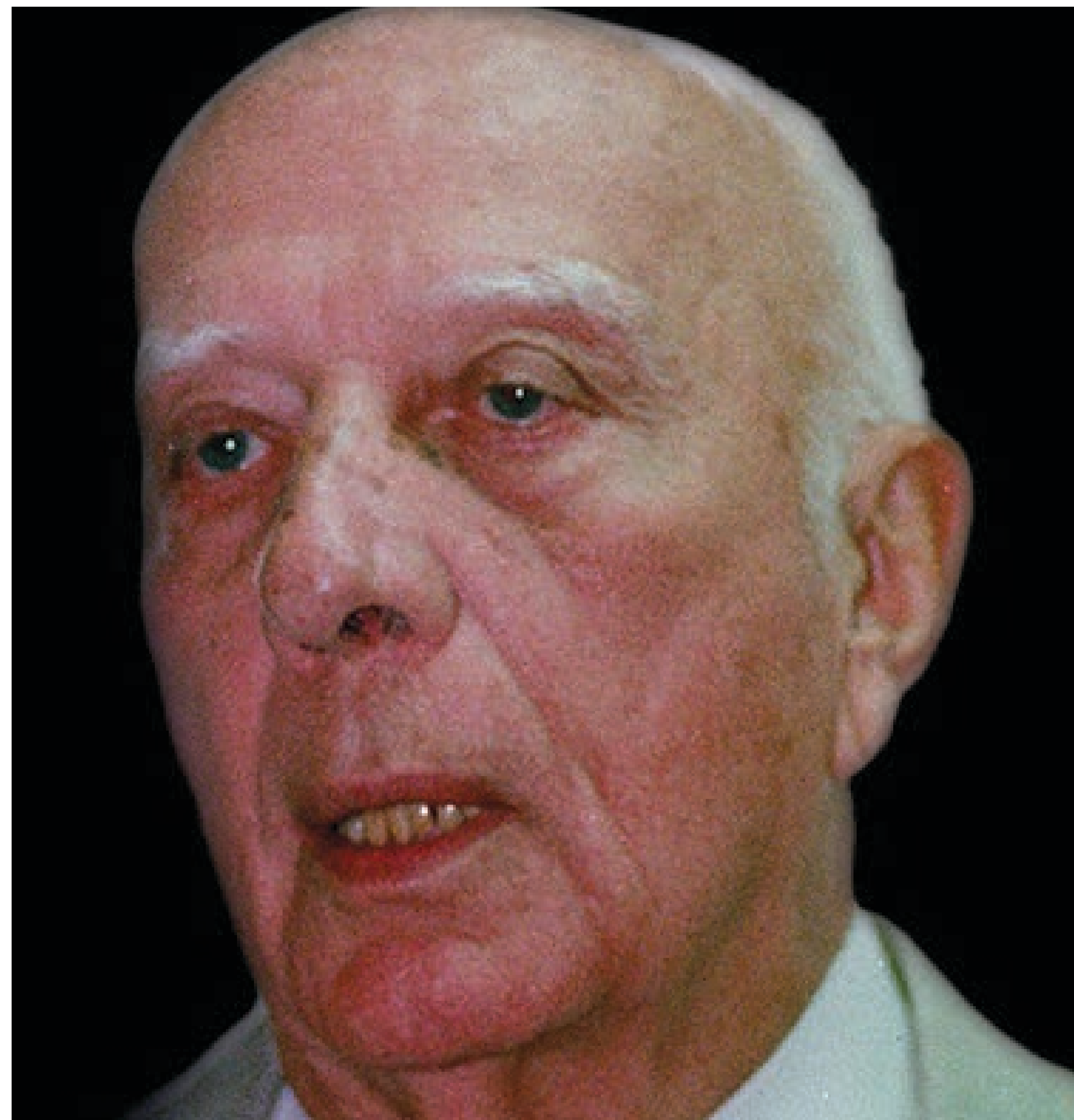
de, poderá deixar a cadeia depois de cumprir no mínimo dois anos e meio de prisão em regime fechado. Não é o fim de carreira que se imagina para um líder, mesmo se tratando de alguém responsável por um governo absolutamente desastroso.

A sina, como se sabe, não poupou nem mesmo aquele que é considerado um dos maiores líderes populares da história nacional. Após deixar o governo, em 2010, Lula, assim como Bolsonaro, foi alvo de inúmeras investigações, desde desviar presentes que recebeu durante o mandato até corrupção. Em 2017, ele foi condenado a doze anos de prisão, cumpridos em parte numa sala da Superintendência da Polícia Federal no Paraná. Ficou detido lá

por 580 dias. Depois disso, em 2021, o Supremo anulou a condenação e o ex-presidente recuperou os direitos políticos, voltando ao Planalto em 2022. A sucessora dele, Dilma Rousseff, assim como Collor, foi apeada do governo por um processo de impeachment, em 2016. Após deixar

A OUTRA SINA 

O cargo de presidente da Câmara dos Deputados confere poder e visibilidade, mas a história não tem sido generosa com os ocupantes do cargo


JORGE ARAÚJO/FOLHAPRESS

ULYSSES GUIMARÃES

(1985-1989)

O deputado foi um símbolo da luta pela redemocratização do país. Em 1992, três anos depois de deixar o cargo, morreu em um acidente de helicóptero. O corpo nunca foi encontrado


TV CÂMARA/REPRODUÇÃO

IBSEN PINHEIRO

(1991-1993)

Conduziu o histórico processo de impeachment do presidente Fernando Collor. Em 1994, teve o mandato cassado por suspeita de envolvimento em irregularidades no Orçamento

a Presidência, ela tentou, sem sucesso, conquistar um mandato de senadora por Minas Gerais. Amargurada, abandonou a política. Os fantasmas que assombram os mandatários também surgiram para Michel Temer, que substituiu Dilma. O ex-presidente foi alvo de dez investigações. Em uma delas, teve a prisão preventiva decretada e ficou preso por seis dias num quartel da Polícia Militar em São Paulo. Dois anos depois, o processo contra ele também foi arquivado pelo STF.



SERGIO LIMA/AFP

AÉCIO NEVES

(2001-2002)

Ex-candidato a presidente da República, foi acusado de pedir propina aos donos do grupo JBS — processo que acabou arquivado pelo Supremo Tribunal Federal



RUY BARON/VALOR ECONÔMICO/AGÊNCIA O GLOBO

JOÃO PAULO CUNHA

(2003-2005)

Em 2012, o deputado petista foi condenado e cumpriu pena de nove anos de prisão por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e peculato no escândalo do mensalão

A impressão de que existe uma maldição que persegue os presidentes pode ser explicada por um conjunto de fatores. O primeiro deles seria consequência do sistema político vigente, o chamado presidencialismo de coalizão, que obriga o mandatário a negociar com o Congresso para conseguir o mínimo de estabilidade. Esse modelo incentivaria esquemas de corrupção. Outro fator apontado é a politização do Poder Judiciário, usado muitas vezes como instrumento de perseguição de adversários. “Temos que



AFP

SEVERINO CAVALCANTI

(2005)

O parlamentar comandou a Câmara por apenas sete meses, afastando-se do cargo depois de ter sido acusado de pedir propina a um empresário



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

HENRIQUE ALVES

(2013-2015)

Depois de deixar o cargo, foi investigado e preso durante a Operação Lava-Jato. Com a liberdade recuperada, tentou reconquistar o mandato de deputado, mas fracassou

pensar que o Judiciário e a política no Brasil se misturam. As denúncias de corrupção até chegam e são usadas por adversários para enfraquecer governos ou desestruturar futuras candidaturas. Muitas delas não são nem investigadas como deveriam, mas, mesmo assim, são usadas por rivais com esse objetivo. Isso ajuda a expor políticos rivais", afirma Rita Biason, professora de ciências políticas na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Teorias à parte, ter dois ex-presidentes da República na



JOEL RODRIGUES/FRAMEPHOTO/AGÊNCIA O GLOBO

EDUARDO CUNHA

(2015-2016)

Articulou o impeachment de Dilma Rousseff. Pouco depois, investigado pela Lava-Jato, foi afastado do cargo, preso e tentou em vão se reeleger deputado em 2022



EVARISTO SA/AFP

RODRIGO MAIA

(2016-2021)

Mesmo reconhecido pela gestão competente, o deputado não conseguiu projeção política e encerrou precocemente a carreira. Hoje, trabalha na iniciativa privada

cadeia revela muito sobre determinados aspectos da política e, particularmente, dos políticos. Bolsonaro pode até argumentar que a Justiça tem atuado de maneira diferenciada, às vezes até exótica, na condução de seus processos. Mas isso não diminui a gravidade diante das múltiplas evidências de que havia um núcleo dentro do Palácio do Planalto tramando uma ruptura institucional. O mesmo vale para Collor. Ele escapou de uma condenação três décadas atrás, quando foi acusado de achacar empresas que tinham contratos com o governo. Sem punição, voltou a se enrolar com a Justiça. Caso Bolsonaro e Collor sejam condenados e tenham de pagar penas duras ao final dos processos, é possível que recebam algum tipo de tratamento diferenciado no caso de prisão, embora não haja previsão legal para isso — em mais um ineditismo nacional. ■

QUESTÃO DE ORDEM

No primeiro mês à frente da Câmara, Hugo Motta impõe o seu estilo, com regras para acabar com a baderna nas sessões e eliminar os plenários vazios

RAMIRO BRITES



FIM DO RECREIO Deputado comanda sessão: "Manifestações parlamentares devem se limitar à utilização da palavra"

BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ERA 19 DE FEVEREIRO, um dia após a denúncia do ex-presidente Jair Bolsonaro ao STF por tentativa de golpe de Estado, quando o plenário da Câmara virou palco de uma rinha ridícula, com "guerra" de cartazes e palavras de ordem e deputados tentando se impor no grito. A base governista entoava brados de "Sem anistia", enquanto bolsonaristas respondiam com "Lula ladrão, seu lugar é na prisão". A terceira-secretária, Delegada Katarina (PSD-SE), que comandava a Mesa, suspendeu a sessão. Avisado do caos, o presidente Hugo Motta (Republicanos-PB) deixou uma reunião e retomou a sessão. "Se Vossas Excelências estão confundindo este presidente, uma pessoa paciente, serena, com um presidente frouxo, vocês não me conhecem. Aqui não é o jardim de infância, nem muito menos um lugar para espetacularização. Eu não aceitarei esse tipo de comportamento", disse.

A confirmação do que dissera em alto e bom som veio rapidamente. Uma semana depois, o "Diário Oficial" da Câmara trazia um Ato da Mesa no qual Motta estabelecia a proibição do porte de "cartazes, banners, panfletos e afins", tanto no plenário quanto nas comissões da Casa. Também deixava claro que "as manifestações parlamentares em sessões e reuniões da Câmara dos Deputados devem se limitar à utilização da palavra". De quebra, no mesmo dia, baixou outra norma que reafirma resoluções de 1980 e 2020 que obrigam parlamentares a usarem "traje passeio completo *(no caso de homens: paletó, ca-*

A REGRA É CLARA

Os recados endereçados aos deputados pelo novo presidente da Casa



HUGO MOTTA,
presidente da Câmara dos Deputados

"A utilização de cartazes e afins prejudica o bom andamento dos trabalhos legislativos, transformando o debate de ideias relevantes ao país (...) em discussões muitas vezes infrutíferas e ofensivas"

"Aqui não é o jardim de infância, nem muito menos um lugar para a espetacularização que denigre a imagem desta Casa. Eu não aceitarei esse tipo de comportamento"

"Já tivemos episódios tristes nos dois primeiros anos da legislatura. O presidente Arthur Lira foi combativo. Nós seremos um pouco mais"

misa, sapato e gravata), respeitados aspectos sociais, culturais e econômicos".

A tentativa do novo presidente é criar alguma disciplina em um Parlamento cada vez mais contaminado por cenas de "deputados teatrais", como definia Arthur Lira (PP-AL), antecessor de Motta. A espetacularização já existiu em outros momentos, como no impeachment de Dilma Rousseff, quando o plenário foi tomado por cartazes de "Tchau, querida", mas cresceu muito a partir de 2018, com a chegada de uma legião de jovens deputados de direita, a maioria com eleitorado construído na internet. Um episódio já clássico é o de Nikolas Ferreira (PL-MG), que usou uma peruca loura na tribuna para ironizar transexuais, dizendo que tinha virado "a Nikole". Gestos como esse mostram que o plenário tem deixado de ser palco para debate de ideias e se tornado apenas um cenário para produzir material para redes sociais.

Enquanto tenta debelar o "espírito de quinta série" que tomou conta de parte da Câmara, Motta avança em outras frentes com o objetivo de dar mais "institucionalidade" à Casa. As reuniões do Colégio de Líderes, decisivas para o andamento da pauta, passaram a ser realizadas no gabinete da presidência — antes, os deputados se encontravam na residência oficial de Lira. Outra mudança envolve a questão das pautas. Com o antecessor, os projetos a ser votados eram conhecidos pelos deputados até minutos antes da sessão. Agora, as pautas da semana seguinte

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS



SEM NOÇÃO Nikolas: peruca na tribuna para fazer ataque a trans

são divulgadas na sexta-feira anterior. Tais medidas garantem os direitos da minoria parlamentar, já que a oposição tem tempo para se articular, obstruir discussões ou apresentar emendas. "Essa questão da previsibilidade é muito importante. Ele tinha defendido essa bandeira na campanha e está fazendo", elogiou o deputado Ricardo Salles (Novo-SP).

CLEIA VIANA/CÂMARA DOS DEPUTADOS



CIRCO Caroline de Toni (PL-SC): nova regra proíbe cartazes nas comissões

O tempo exíguo para os deputados se prepararem era uma carta na manga de Lira para controlar o andamento da Câmara, mas não era a única. Outro trunfo foi a expansão das votações a distância, com os deputados podendo se manifestar sem estar no plenário. A participação remota foi adotada na pandemia — com necessidade indiscutível, diga-se —, mas mantida como estratégia po-



SOB NOVA DIREÇÃO

As medidas tomadas por Hugo Motta em um mês no comando da Câmara

GUERRA DE CARTAZES

Um ato normativo vetou o uso de materiais com palavras de ordem no plenário da Câmara e nas comissões, sob pena de o deputado ser retirado pela Polícia Legislativa

DRESS CODE

Motta reforçou, em publicação no "Diário Oficial" da Câmara, a necessidade de uso do traje de passeio completo para permanência na Casa Legislativa em dias de sessões

lítica. Foi assim que Lira conseguiu quórum em votações importantes, garantindo a possibilidade de parlamentares votarem direto dos celulares, mesmo se não estivessem em Brasília. Agora, isso vai dar um passo atrás. Para tentar reduzir os plenários vazios, Motta determinou que os deputados serão obrigados a ir às sessões de quarta-feira, das 16 às 20 horas, período destinado à discussão

HOME OFFICE NA MIRA

Em contraposição a Arthur Lira, que expandiu as votações remotas, o novo presidente tornou obrigatória a presença de deputados nas sessões de quarta-feira, das 16h às 20h

CORTE DE PESSOAL

Menos de uma semana após assumir, Motta exonerou 465 assistentes técnicos de gabinete e assessores técnicos adjuntos, que ocupavam “cargos em comissão de natureza especial”

MAIS INSTITUCIONALIDADE

As reuniões do colégio de líderes de bancadas, que antes eram na residência oficial de Lira, às terças-feiras, passaram a ocorrer na sala da presidência da Câmara, às quintas-feiras

PAUTAS PRÉVIAS

A pauta de votações da semana seguinte passou a ser divulgada na sexta-feira da semana anterior — antes, ela era definida minutos antes das sessões no plenário

das pautas mais controversas. A votação remota segue permitida nos demais dias da semana.

Também há outros ventos soprando no campo político. Apesar do pouco tempo, já é visível a mudança no convívio entre os chefes das duas Casas Legislativas do Congresso. Um portão que liga as residências oficiais de Motta e Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), presidente do Se-

nado, deve ser reaberto, permitindo que eles reúnam longe dos olhares da imprensa. Nas gestões anteriores, o portão não era usado (ou raramente era usado) porque havia uma relação estremecida entre Lira e o ex-chefe do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). A dupla Motta e Alcolumbre já articulou em conjunto para destravar o imbróglio das emendas parlamentares, que estavam bloqueadas pelo ministro Flávio Dino, do STF. A iniciativa tirou rapidamente da frente, ao menos por ora, um problema que poderia complicar a relação do Congresso com o Supremo e o governo Lula e atrapalhar a votação de projetos importantes, como ocorreu no final do ano passado.

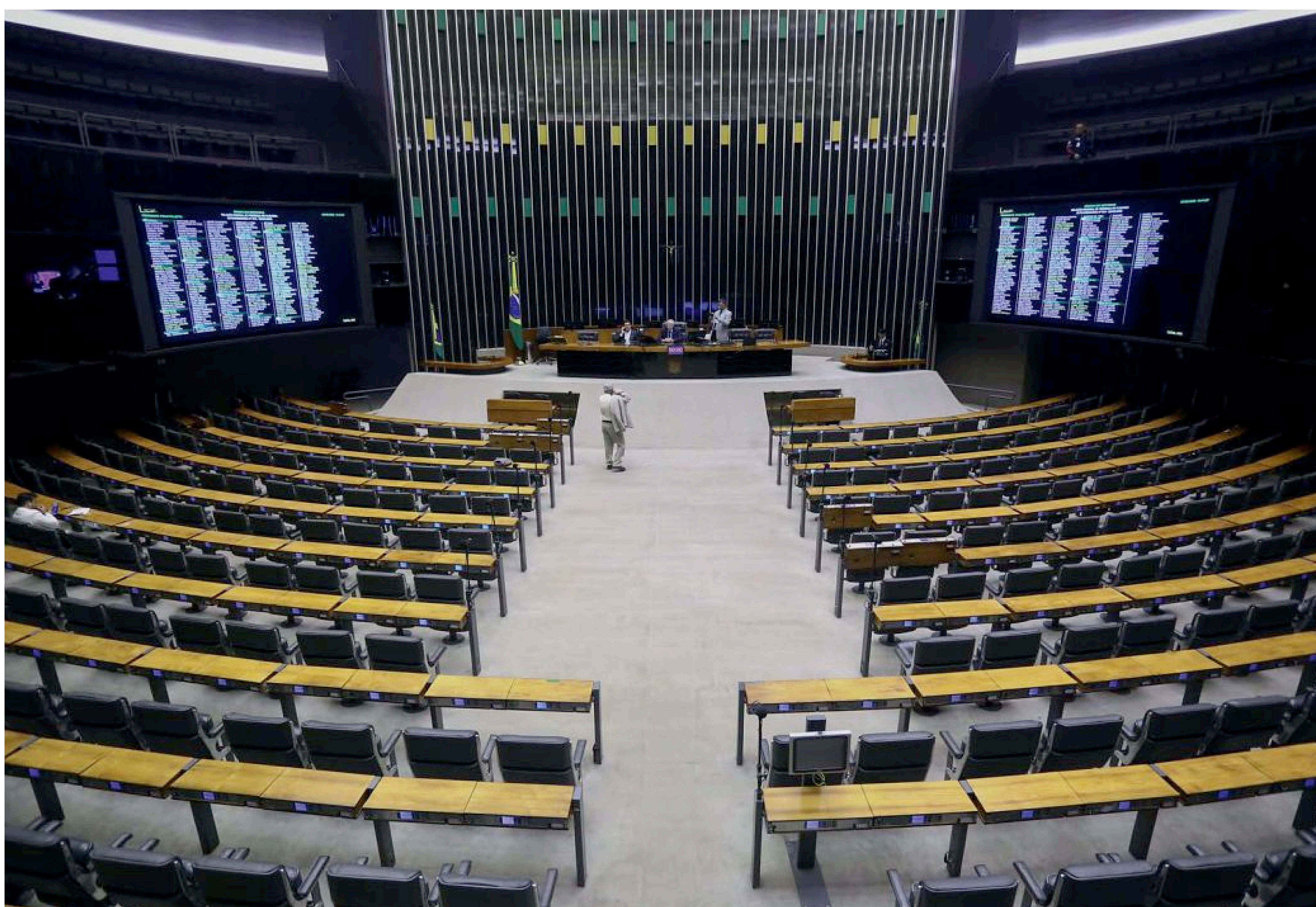
Os primeiros enfrentamentos de Motta são parte dos desafios que o cargo irá lhe impor. Na volta após o Carnaval, o ambiente político interno, por exemplo, estará conflagrado pelas disputas entre os maiores partidos pelas comissões. A principal delas, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), é alvo de disputa entre União Brasil e MDB. O PL e o PT, as duas maiores legendas, também brigam por espaços em Educação e Saúde. “Se o PL e o PT se acertarem, o resto se acomoda, como foi na eleição do Motta”, resume Jilmar Tatto (PT-SP), relembrando que Motta chegou ao cargo com apoio de quase todos os partidos — as exceções foram Novo e PSOL.

O uso das redes sociais por Motta também tem chamado atenção. Ele busca capitalizar seu cargo por meio de uma comunicação direta, diferentemente de seu anteces-



MARINA RAMOS / CÂMARA DOS DEPUTADOS

RITO Colégio de Líderes: reuniões agora são no gabinete


VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADO

QUÓRUM Plenário vazio: presença obrigatória às quartas



BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

BALBÚRDIA Bolsonaristas na tribuna: guerra de cartazes, palavras de ordem e tentativa de vencer adversários no grito

sor, que era presença rara nos espaços de interação da internet. “Isso o fortalece como liderança no Congresso, visto que ele tem buscado popularizar o discurso de centro, e também eleva a autonomia dele no cenário nacional”, analisa Murilo Medeiros, professor de ciência política na UnB.

Herdeiro de uma família de políticos tradicionais do interior da Paraíba, Motta transita entre falas simpáticas aos conservadores e acenos ao campo progressista e ao governo. A estratégia moderadora para contornar a polarização se tornará um desafio, pois ele será cada vez mais pressionado a pautar assuntos com impacto eleitoral, devido à proximidade de 2026. Quando o clima esquentar será possível ver o quanto a tentativa de Motta de colocar ordem na casa irá de fato funcionar. ■



MURILLO DE ARAGÃO

O TEMPO COMO INIMIGO

Lula cria a sensação de que o seu mandato pode estar acabando

UMA DAS QUESTÕES mais essenciais para o político é o uso estratégico do tempo — o que os anglo-saxões chamam de timing. O tempo não é uma variável neutra: ele pode ser aliado ou inimigo, dependendo de como é administrado. Nicolau Maquiavel, em *O Príncipe*, já alertava sobre a sua importância ao afirmar que "a ocasião faz o homem". Para ele, o governante precisa não só ser virtuoso (no sentido da *virtù* renascentista, que envolve habilidade e sagacidade), mas saber reconhecer a fortuna — oportunidades oferecidas pelo tempo e contexto — e agir rapidamente para aproveitá-la.

O timing político envolve uma leitura aguçada do cenário, uma sensibilidade quase instintiva para antecipar movimentos adversários e uma disciplina para não se precipitar. O filósofo francês Pierre Bourdieu também contribui para essa reflexão ao apontar que o tempo possui uma dimensão simbólica: quem o controla, controla o jogo. Perder o timing pode significar a perda de apoio po-



lítico, o esvaziamento de pautas importantes e, em casos extremos, o próprio colapso do governo.

Sob essa perspectiva, ao analisar o governo Lula 3, o resultado é preocupante. Há uma demora injustificada na tomada de decisões, o que compromete a eficácia e a capacidade de governabilidade. Governos com popularidade em declínio tendem a ter sua vida útil encurtada. Em pouco mais de doze meses, veremos a saída de ministros para disputar as eleições. Já no segundo semestre deste ano, o Centrão estará focado nas eleições e abandonará qualquer agenda mais complexa. Um exemplo é o Orçamento de 2026, que promete uma disputa mais acirrada que o deste ano — que, pasmem, ainda não foi votado.

No quesito timing, o governo Lula 3 tem sido perdulário. Se fosse uma partida de futebol, estaria se aproximando da metade do segundo tempo, sem grandes resultados

“A nomeação de Gleisi indica que o governo preferiu reforçar sua bolha a ampliar o diálogo com o Congresso”

no placar. Para reverter, Lula precisaria virar o jogo rapidamente e encerrar o ano com uma imagem forte e favorita para 2026. Qualquer dúvida sobre seu desempenho ou a certeza de fracasso pode precipitar o declínio de seu governo. A sensação que permeia o ambiente político é a de um certo declínio cognitivo, uma paralisia sobre o que deve ser feito para fortalecer a governabilidade.

A nomeação de Gleisi Hoffmann para a coordenação política é preocupante. Desagradou a aliados e oposição ao indicar que o governo preferiu reforçar sua bolha a ampliar o diálogo no Congresso. Com tempo curto, desafios fiscais crescentes e uma reforma ministerial que não deve entregar grandes resultados, o petista reforça expectativas negativas e cria a sensação de que seu terceiro mandato pode estar acabando sem ter começado de fato.

Embora Lula tenha um histórico de superação, como no mensalão, quando conseguiu se reeleger e eleger Dilma, a sensação agora é a de que o estoque de mágicas pode estar se esgotando. O tempo da governabilidade está encurtado por perspectivas negativas e pela demora em atuar para revertê-las. O mau uso do tempo pode ser fatal, e a falta de uma leitura correta do cenário revela um declínio relevante na capacidade de interpretar os fatos. Assim, o governo enfrentará um cenário complexo e desafiador para reverter as expectativas. ■

O ZAP DA DISCÓRDIA

O burburinho provocado pela atuação de um ex-diretor da Meta que trocou um dos empregos mais cobiçados do mundo por um cargo de assessor no Ministério da Fazenda **LARYSSA BORGES**



PAUTA Pablo Bello: pressão em reuniões para tirar o WhatsApp da lista de aplicativos sujeitos à regulamentação

MARCO A. CARDELINO

O ECONOMISTA chileno Pablo Bello Arellano mal havia deixado o cobiçado cargo de diretor de Políticas Públicas para Aplicativos de Mensagens no conglomerado do bilionário americano Mark Zuckerberg, quando foi anunciado para um posto de terceiro escalão no Ministério da Fazenda. Por pouco mais de cinco anos, havia sido dele a responsabilidade de coordenar políticas públicas com governos em toda a América Latina, discutir com parlamentares a elaboração de leis de interesse da big tech e atuar como representante do Facebook e do WhatsApp no Brasil, segundo maior mercado global do aplicativo de mensagens e entreposto estratégico para a companhia. Há quase seis meses, Bello, especialista em telecomunicações e ex-vice-secretário do governo do Chile, trocou esse emprego de altíssimo status no mundo empresarial por um salário de 7700 reais líquidos na equipe do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em Brasília.

Oficialmente, Pablo Bello tem como função assessorar o número 2 da pasta, Dario Durigan, que também trabalhou na Meta e até pouco tempo atrás estava subordinado ao próprio chileno no quadro de pessoal de Zuckerberg. Exceto pela curiosidade, não há nada de ilegal em um alto executivo abandonar a iniciativa privada por um salário menor na esfera pública ou passar a ser chefiado pelo antigo funcionário. Em tese, é até interessante a ideia de ter gente que conhece as big techs a serviço agora do governo. A atuação do servidor no espinhoso tema da regulação das redes sociais, porém, acendeu um sinal de alerta em alguns ministérios.

DIVULGAÇÃO



SEDE A empresa de Zuckerberg: o Brasil é o segundo maior mercado do mundo

Reclamações — e, principalmente, insinuações — de que o assessor da Fazenda poderia estar atuando de forma camuflada em favor de interesses da Meta chegaram ao Palácio do Planalto. Desde o início do ano, Bello participou de pelo menos três reuniões em que se discutiram formas de combater e responsabilizar as big techs que não atuarem para coibir a disseminação de fake news, discursos de ódio e crimes em geral — uma prioridade declarada do governo Lula. O assessor, porém, remava em sentido contrário.

Nas reuniões, Bello defendeu por diversas vezes que as empresas deveriam ser sancionadas, mas fez a ressalva de que o mesmo não deveria se aplicar ao WhatsApp. O argumento dele era de que plataformas que se alimentam de conteúdos gerados por terceiros, como Facebook, YouTube e X, podem até ser alvo de moderação de conteúdo, como quer o Planalto, mas isso não seria possível no serviço de mensagens, um espaço privado e cujas conversas são criptografadas de ponta a ponta. A tese não convenceu. Com quase 150 milhões de cadastros ativos, o Brasil fica atrás apenas da Índia em número de usuários do WhatsApp. Deixar a plataforma sem regulação estava fora de cogitação. Técnicos do governo ouvidos por VEJA relataram que as pressões de Bello em favor da antiga empresa geraram incômodo e constrangimento a ponto de poucas horas antes da última reunião sobre o assunto, ocorrida em fevereiro e coordenada pela secretária-executiva da Casa Civil, Miriam Belchior, em fevereiro, ele ainda ter tentado barganhar alguma folga para a Meta.

A defesa de um WhatsApp sem travas não é novidade na carreira de Bello. Quando era executivo da Meta, ele declarou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que o aplicativo de mensagens não poderia ter moderação de conteúdo por tratar essencialmente de conversas privadas. Disse também que mais de 90% das mensagens enviadas pelo WhatsApp no Brasil eram entre duas pessoas, e não divulgações em massa, como ocorre com os concorrentes.


TON MOLINA/FOTOARENA

EMBATE Moraes: “Querem dominar a economia e a política”

O governo considera, porém, que o poder de fogo do aplicativo não pode nem deve ser menosprezado. No WhatsApp é possível criar comunidades e grupos com até 2 000 participantes. Para auxiliares de Lula que discutem a regulação das redes sociais, em tempos de polarização política, ferramentas como essas têm alto potencial de difusão de fake news, discursos de ódio e mensagens criminosas.

Insufladas pelo presidente americano Donald Trump, empresas como o WhatsApp pressionam contra iniciativas pró-regulamentação. Recentemente, uma comissão da Câmara dos Deputados americana aprovou um projeto que pu-

ne autoridades estrangeiras que supostamente violam o direito à liberdade de expressão com recusa de visto e até deportação. Entre os alvos estava o ministro do STF Alexandre de Moraes, que na mesma semana havia afirmado que as big techs "querem dominar a economia e a política mundiais, ignorando fronteiras, a soberania nacional, as legislações, para terem poder e lucro".

Nesse contexto é que há hoje um desconforto dentro de setores do governo em relação à participação importante de um ex-chefão da Meta nas discussões sobre a regulação desses gigantes de tecnologia. "Não há óbice legal à entrada de um executivo do setor privado no setor público, mas isso exige uma reflexão do ponto de vista ético", adverte o pesquisador Sandro Bergue, membro da Sociedade Brasileira de Administração Pública.

Em nota, o Ministério da Fazenda informou que a contratação de Bello não representa conflito de interesses e disse que o assessor "possui experiência no setor público e privado, qualificação relevante para assessorar o ministério em temas de política econômica e mercados digitais". Isolado e na contramão do que o próprio governo defende, Bello concordou no último minuto das discussões em endossar a inclusão de serviços de mensagens no projeto de regulamentação em discussão no Planalto. O estremecimento e as desconfianças que a atuação do servidor provocou durante o processo por ora foram controlados. Procurados por VEJA, ele e a Meta não quiseram se manifestar. ■

SÓ A FORÇA NÃO RESOLVE

O enfrentamento ao crime organizado exige inteligência e capacidade de detectar o funcionamento das facções, o fluxo do dinheiro e as relações com agentes públicos corruptos

PIERPAOLO CRUZ BOTTINI*

A SEGURANÇA PÚBLICA é um dos maiores problemas que assolam o país, as organizações criminosas têm ampliado seus tentáculos sobre diversas atividades, para além do tradicional tráfico de drogas e da extorsão. Seus efeitos sobre a economia são notórios e na casa dos bilhões de reais. A questão é: como enfrentar esse problema de maneira eficiente?

A proposta usual é o aumento das penas e das políticas de repressão. Inúmeros projetos de lei tramitam no Congresso Nacional para ampliar punições, extinguir visitas íntimas em presídios, reduzir benefícios como saídas temporárias ou livramento condicional. Agentes políticos pregam mais violência contra criminosos, e mandam recados duros à "turma dos direitos humanos", como o fez o governador do Rio de Janeiro nas últimas semanas.

Em artigos e entrevistas, especialistas enaltecem a gestão de Nayib Bukele, em El Salvador, que, em um plano de combate ao crime organizado, prendeu em poucos dias mais de 80 000 pessoas, suprimiu o direito de habeas corpus, de manifestações públicas e de contato de presos com advogados, autorizou julgamentos coletivos e colocou o Exército nas ruas para garantir a segurança da população. Sugerem que o autoritarismo talvez não seja um preço alto a pagar pela paz social.

É um discurso que garante votos e aplausos, mas não necessariamente resultados concretos. Tiros, balas e prisões podem funcionar em El Salvador, com pouco mais de 6 milhões de habitantes, mas talvez não sejam suficientes para um país com uma população trinta vezes maior, de 203 milhões de pessoas, e dimensões continentais. Em seu programa policial, Bukele prendeu 2% da população, o que significaria colocar atrás das grades 4 milhões de pessoas no Brasil, quintuplicando o já altíssimo número de presos em um país em que as facções criminosas crescem e se multiplicam justamente nos presídios. O PCC talvez agradeça, sensibilizado, o auxílio.

Francamente, não é um projeto viável, seja pelo custo, seja pela ineficácia. É o mesmo que assumir uma empresa com altos gastos e, para solucionar o problema, cortar suas despesas de forma linear e mandar embora metade de seus funcionários, sem conhecer as razões do desperdício, os desvios na alocação de recursos, e sem uma estratégia clara de gestão de bens e pessoas. O enfrentamento ao crime organiza-

> “É preciso também gerir melhor as polícias. Parte do efeito não está nas ruas, mas em gabinetes”

do exige inteligência, capacidade de detectar o funcionamento das facções, suas lideranças, o fluxo do dinheiro e suas relações com agentes públicos corrompidos. Não se combate aquilo que se desconhece.

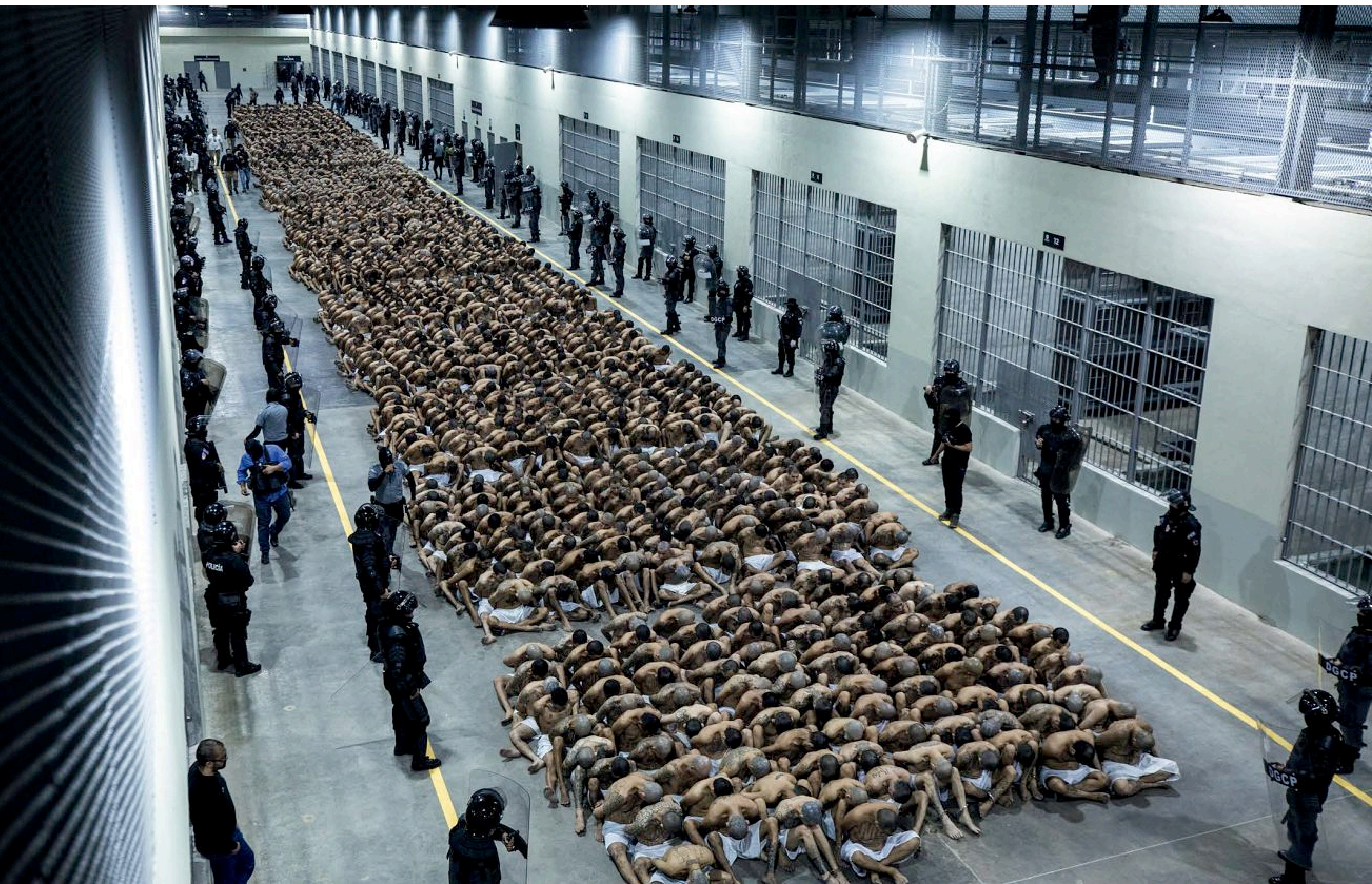
Parece simples, mas não é tarefa fácil em um país federado, onde estados e municípios pouco compartilham os dados que produzem sobre o crime, onde não existem padrões nacionais de estatística, onde o órgão central de processamento de informações sobre lavagem de dinheiro, o Coaf, tem menos de 100 servidores e uma estrutura precária de funcionamento, onde nem sequer existe uma lei geral de proteção de dados de segurança pública que organize a troca de informações entre agências estatais de forma clara. O

Brasil tem mais de 5 000 órgãos ligados à segurança pública que não se conversam, pouco interagem, ilhas vaidosas em meio ao mar revolto do crime organizado.

Se quisermos efetivamente fazer frente às facções, é necessário organizar o sistema de inteligência policial, exigir das unidades da federação o compartilhamento de informações sobre segurança pública, interligar as agências governamentais para facilitar a detecção dos produtos do crime, dos recursos das organizações, no Brasil e no exterior, e fortalecer o Coaf, garantir estrutura material para que o órgão possa processar informações recebidas e compartilhar com as agências de investigação dados consistentes sobre suspeitas de lavagem de dinheiro em setores sensíveis, como operações em criptomoedas, sites de apostas, leilões de arte, fintechs e bancos. Tirar o dinheiro das facções é tão ou mais efetivo que a prisão de seus integrantes, e isso somente é possível com a integração das inteligências.

Também são necessárias ações sobre o sistema prisional. Prender milhares de pessoas sem qualquer política criminal apenas garante mais capital humano às facções, valendo lembrar que essas pessoas estarão de volta às ruas em alguns anos. É preciso executar um plano nacional que integre políticas de educação e trabalho com estratégias de reduzir o espaço do crime organizado nas prisões, como a classificação nacional das facções que atuam nessas unidades, a implementação de rotinas diárias (ou no mínimo semanais) de vistorias de celas para apreensão de celulares, o

EL SALVADOR'S PRESIDENCY PRESS OFFICE/AFP



EXEMPLO? Penitenciária do El Salvador de Bukele, adepto da linha-dura: modelo inaplicável em um país como o Brasil

fechamento das cantinas (centros de poder dentro das prisões), a fiscalização rigorosa da atuação das empresas que prestam serviços nas penitenciárias (muitas vezes ligadas ao crime organizado), entre outros movimentos de fiscalização efetiva da execução da pena.

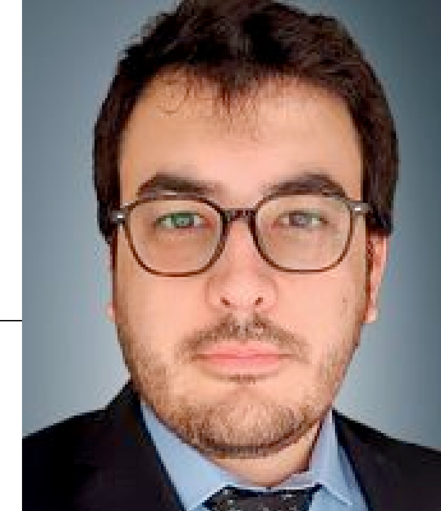
Por fim, é importante gerir melhor as polícias. Parte considerável do efetivo não está nas ruas, mas em gabinetes, prestando serviços a parlamentares, juízes, agentes públicos, em funções distantes daquelas esperadas de agentes policiais. A gestão eficiente dos recursos humanos, com o uso

de novas tecnologias e da inteligência artificial, pode ajudar a identificar o dispêndio de material humano em tarefas menos relevantes, alocar patrulhas, organizar estratégias e indicar locais onde há déficit de atuação. O uso de câmeras em locais públicos, que permitam identificar placas de veículos com registros de ocorrência, com notificação imediata dos agentes policiais, tem aumentado a segurança das cidades, como ocorreu em Araraquara, no interior de São Paulo, uma das cidades mais seguras do país. A tecnologia pode ainda aparelhar as polícias para que possam rastrear criptoativos, quebrar sigilo de meios de comunicação criptografados (com autorização judicial) e detectar movimentos suspeitos em instituições financeiras, fintechs e meios de pagamentos.

Mais do que a força, a inteligência é a melhor arma contra o crime organizado. Claro que prisões e operações ostensivas em territórios ocupados pelas milícias e pelo tráfico são necessárias, mas não são suficientes se não acompanhadas de uma estratégia para identificar como se organizam as facções e estrangular financeiramente suas atividades. A asfixia econômica continua sendo o melhor caminho para enfrentar o problema que nos desafia. ■

*** Advogado e professor de direito penal da Universidade de São Paulo**

PEDRO GIL



Pé no acelerador

A holding australiana Car Group e o Banco Santander, donos da Webmotors, empresa especializada na compra e venda de automóveis on-line, querem acelerar o negócio no Brasil e chegar a 1 bilhão de reais em faturamento nos próximos anos. Em 2024, a empresa registrou 700 milhões de reais.

Aquisições na mira

Para ganhar mercado com mais celeridade, a Webmotors quer voltar às compras. A última aquisição da empresa foi a Car10, uma plataforma de marketplace de serviços automotivos, em 2021. “Temos acionistas dispostos e capital, estamos abertos a aquisições”, afirma **Eduardo Jurcevic,** presidente da Webmotors.



LINKEDIN @EDUARDOJURCEVIC

EXPANSÃO Jurcevic, presidente da Webmotors: plano para ter receita bilionária

Terra à vista

A suíça MSC, gigante de navegação e terminais de contêineres, segue de olho em aquisições no Brasil, após a compra da Wilson Sons, empresa de logística, por 4,35 bilhões de reais, no fim de 2024. A empresa

está com o caixa cheio, mas não tem pressa de finalizar novos negócios.

Virou a página

A rede atacadista Assaí, que captou 6,6 bilhões de reais em 2024 para diminuir sua dívida, considera encerrada essa estratégia. "A não ser que apareça uma oportunidade de captação boa e barata", diz Vitor Fagá, vice-presidente de finanças do grupo.

Melhora aos poucos

A situação do Assaí melhorou recentemente mas ainda não é confortável. Em 2024, a dívida do grupo caiu de 13 bilhões para 12,5 bilhões de reais, e o prazo médio de pagamento foi alongado de 32 para 41 meses. Neste ano, pretende investir mais de 1 bilhão de reais em lojas — e focar na redução do endividamento com geração de caixa.

Educação lucrativa

O Mubadala Capital, gestora de investimento em participações do fundo soberano de Abu Dhabi, segue investindo no Brasil em faculdades de medicina. Nos últimos anos, foram cinco aquisições — e vem mais por aí. O negócio tem alta margem de lucro e baixa taxa de desistência dos alunos.

Campo aberto

Com faturamento anual de cerca de 10 bilhões de reais, a Lavoro, distribuidora de insumos agrícolas com sede em São Paulo, quer crescer no vácuo deixado pela rival AgroGalaxy, em recuperação judi-

cial. “Vamos aproveitar o momento da concorrência para ganhar mercado”, diz reservadamente um diretor da companhia.

Hora de integrar

A Lavoro fez mais de vinte aquisições desde o início de suas operações, em 2017, e não planeja novas compras no curto prazo — mas um eventual desinvestimento da AgroGalaxy pode mudar os planos. “O mercado está ruim e o momento é de integração das aquisições”, completa o mesmo executivo.

Disputa pelos pets

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) antecipou o teste de mercado e começou a ouvir a concorrência — a Petlove — para avaliar a fusão entre as redes de lojas de produtos para bichos de estimação Petz e Cobasi. Em novembro, o órgão regulador negou a primeira notificação do negócio por falta de documentos.

Da comunicação aos hotéis

O Grupo Massa, do apresentador Ratinho, está em busca de parceiros para construir um grande hotel em Foz do Iguaçu, no Paraná. O grupo já detém dois hotéis Fast Sleep junto ao aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora



A HISTÓRIA DO BRASIL PASSA PELA EDITORA ABRIL

Licencie fotos, vídeos, textos e ilustrações de mais de 7 décadas do Acervo Abril para enriquecer seu projeto de documentário, livro, produção audiovisual, exposição, material didático, conteúdo digital ou onde mais você queira educar ou inspirar.

Entre em contato:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

Ulysses Guimarães, deputado federal do PMDB-SP e presidente da Assembléia Nacional.

veja vejaNegócios vejaSAÚDE vejaSãoPaulo vejaRio SUPER INTERESSANTE CLAUDIA QUATRORODAS VOCÊRH VC S/A
CAPRICHO Viagem boa forma Bravo! mundo estranho MTV 1990-2013 Realidade casa.com.br guia do estudante bebê.com.br

SOLIDÃO Haddad: ele enfrenta o fogo amigo dos petistas, enquanto defende quase sozinho o ajuste fiscal

SEMPRE SOBRA PARA ELE

Com a popularidade em queda, Lula acena de vez para o populismo econômico e cria mais constrangimentos ainda para Fernando Haddad com a nomeação de Gleisi Hoffmann

MÁRCIO JULIBONI

RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

Se alguém quiser saber como será a relação do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, com a nova ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, pode ter uma ideia ao rever o embate que travaram em dezembro de 2023, durante um evento em que o PT discutiu estratégias para as eleições municipais do ano seguinte. Em um painel sobre a política econômica deste terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Gleisi, então presidente da legenda, e Haddad divergiram sobre pontos cruciais, a começar pelo ajuste fiscal. Fiel ao desdém petista pelo equilíbrio das contas públicas, Gleisi defendeu a ampliação dos gastos para estimular a economia e fortalecer o prestígio de Lula nas urnas. "Não acredito que um déficit a mais, no ano que vem, faça diferença", pregou ela para a plateia de convertidos. "Por mim, faria um déficit de 1% ou 2% *(do PIB).*" Acostumado com o pesado fogo amigo dos companheiros, Haddad não se abalou. Lembrou que, nos dez anos anteriores, o Brasil acumulara um rombo de 1,7 trilhão de reais sem que houvesse um salto de prosperidade. "Fazer déficit não resolve tudo. Não tem bala de prata", disse ele. Quem teria se saído vencedor nesse debate entre populismo e racionalidade? A resolução do Diretório Nacional do PT aprovada naquele encontro deixa claro quem levou a melhor. O texto clamava que "o Brasil precisa se libertar, urgentemente, do austericídio fiscal".

Após a forte repercussão negativa da expressão fora das hostes petistas, Gleisi recorreu a malabarismos verbais pa-

TON MOLINA/FOTOARENA



IMPACTO Gleisi: escolha gerou reação do mercado, com alta do dólar e queda na bolsa

ra convencer a opinião pública de que não estava criticando Haddad. É óbvio que ninguém acreditou. Por essas e outras, houve forte reação ao anúncio da nomeação da presidente do PT para a Secretaria de Relações Institucionais. Para o mercado, a escolha de Lula é o aceno final ao populismo econômico daqui em diante, algo capaz de isolar ainda mais Haddad na defesa do equilíbrio fiscal — o que pode se tornar um tiro no pé do próprio governo, fora o prejuízo ao Brasil. “Ela soma mais uma voz contra um mi-

nistro da Fazenda já frágil", afirma Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados.

A situação de Haddad já vinha se tornando delicada antes disso, com um número cada vez maior de vozes de aliados do governo creditando a ele a queda de popularidade de Lula. Críticas nos bastidores passaram a ser vocalizadas em entrevistas e ganharam a dimensão de atos concretos. No fim do ano passado, por exemplo, seis deputados federais do PT votaram contra o pacote fiscal, e outros três se abstiveram. Isso significa que 13% dos 68 parlamentares petistas deixaram o ministro na mão. Um deles, Rui Falcão, ex-presidente da legenda, afirmou na ocasião que não era vassalo do governo. "A crença de que o gasto público impulsiona a economia está no DNA do PT", diz Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e colunista de VEJA.

Tal credo alimenta a fritura de Haddad também no coração do governo. O chefe da Casa Civil, Rui Costa, é apontado como um de seus maiores antagonistas no Palácio do Planalto. Além de pressionar a Fazenda a abrir os cofres públicos, Costa ainda nutre planos de ser o candidato à Presidência em 2026, caso Lula não concorra. Isso o coloca em rota de colisão com Haddad, visto por muitos como o nome natural do PT nessa situação. Haddad afirmou publicamente que não concorrerá a nada no ano que vem, mas Costa não parece disposto a retirá-lo da frigideira. Outros integrantes do primeiro escalão também não perdem uma chance de cutucar o colega, como Alexandre

FOGO AMIGO

Responsável por ajustar as contas de um governo perdulário, Haddad é alvo frequente das críticas de Lula e aliados

“Se depender de mim, não tem outra medida fiscal.”



Lula, ao contradizer Haddad sobre a possibilidade de reforçar o pacote fiscal

“Por mim, faria um déficit de 1% ou 2%, que não mexeria na economia.”



Gleisi Hoffmann, presidente do PT e nova ministra de Relações Institucionais

“Um ministro da Fazenda fraco é sempre um péssimo indicativo.”



Gilberto Kassab, presidente do PSD, partido que ocupa três ministérios

“Minha relação não é de vassalagem.”



Rui Falcão, deputado federal e ex-presidente do PT, ao votar contra o pacote fiscal

“Dizer que o ministro da Fazenda é quem decide a política econômica do país é errado.”



Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia, nas Páginas Amarelas de VEJA

“O Brasil precisa se libertar do austericídio fiscal.”



Resolução do **Diretório Nacional do PT**



SEDES/DIVULGAÇÃO

MANOBRA Programa Gás Para Todos: TCU impediu tentativa de pedalada fiscal

Silveira, ministro de Minas e Energia e um dos patronos do programa Gás Para Todos, que deve substituir o atual Auxílio Gás e ampliar seu alcance de 5,6 milhões para 20 milhões de famílias ao custo de 3,4 bilhões de reais. Para dobrar as resistências da Fazenda, Silveira escorou-se no Planalto. “O Brasil tem quem decide, e o nome dele é Lula”, afirmou Silveira em entrevista às Páginas Amarelas de VEJA em agosto passado. “Dizer que o ministro da Fazenda é quem decide a política econômica é errado.”

É verdade que todo governo enfrenta divergências internas, mas o trabalho de Haddad seria mais fácil se Lula pusesse fim às intrigas palacianas e o apoiasse de forma efetiva — e não apenas com palavras. Mas, à medida que sua popularidade declina e as eleições de 2026 se aproximam, o presidente parece dar mais ouvidos aos críticos do ministro. "Haddad enfrenta muito mais oposição dentro do governo do que fora", diz o cientista político Murillo de Aragão, colunista de VEJA. "Ele está lutando sozinho."

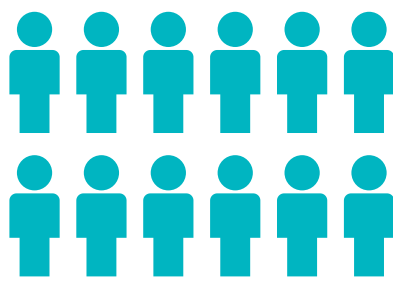
A aposta lulista no populismo econômico é visível — tão visível que tentativas de pedaladas fiscais para elevar os gastos por fora do Orçamento foram brecadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU). É o caso do Gás Para Todos, cujo plano era transferir recursos gerados pela exploração do pré-sal diretamente para a Caixa Econômica Federal com o objetivo de cumprir a promessa de Lula beneficiar 20 milhões de famílias. Com a manobra, apenas 600 milhões de reais dos 3,4 bilhões necessários para bancar o programa estão previstos no Orçamento deste ano. Outro exemplo é o Pé-de-Meia, que oferece auxílio financeiro a estudantes carentes do ensino médio e é sustentado por fundos administrados pelo Ministério da Educação. Em janeiro, o TCU chegou a bloquear o repasse de 6 bilhões de reais para o projeto por não constarem na proposta orçamentária de 2025. Tanto no caso do Gás Para Todos como no do Pé-de-Meia, o tribunal ordenou que o governo encontre um jeito de encaixar os programas no Orçamento a ser votado pelo Congresso agora, após a volta do Carnaval.

Os sinais de que o governo não vai poupar nada de olho em 2026 foram reforçados por medidas como a liberação do resgate do saldo do FGTS por quem optou pelo saque-aniversário, que deve injetar 12 bilhões de reais na economia, e as novas regras para o crédito consignado privado. “Lula negligencia a economia, de olho na eleição”, diz Gabriel Barros, economista-chefe da gestora

SANHA POPULISTA

As medidas cogitadas por Lula para tirar sua popularidade do fundo do poço

RESGATE DO SALDO DO FGTS PARA QUEM OPTOU PELO SAQUE-ANIVERSÁRIO



ALCANCE

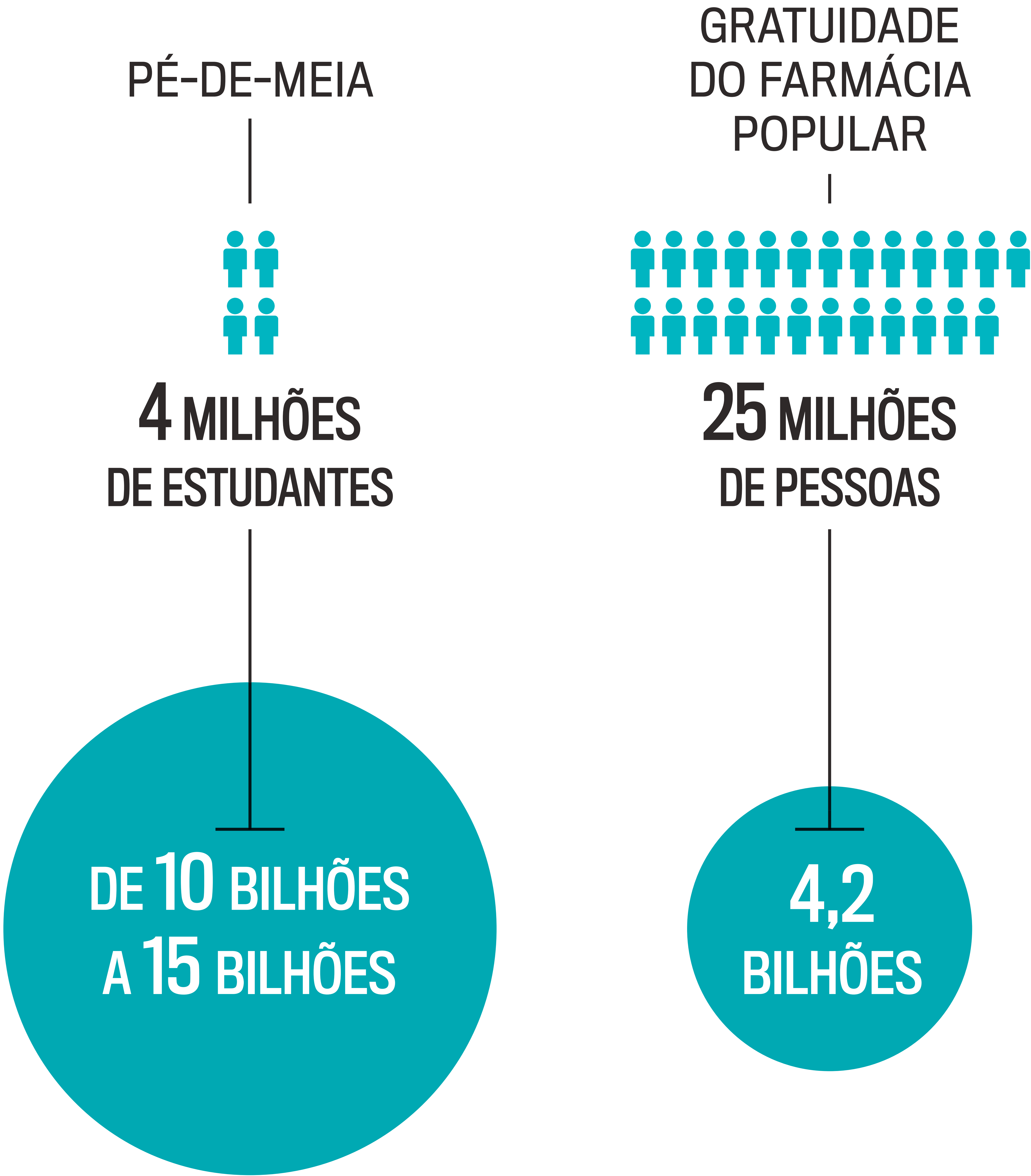
12 MILHÕES DE PESSOAS

CUSTO *(em reais)*

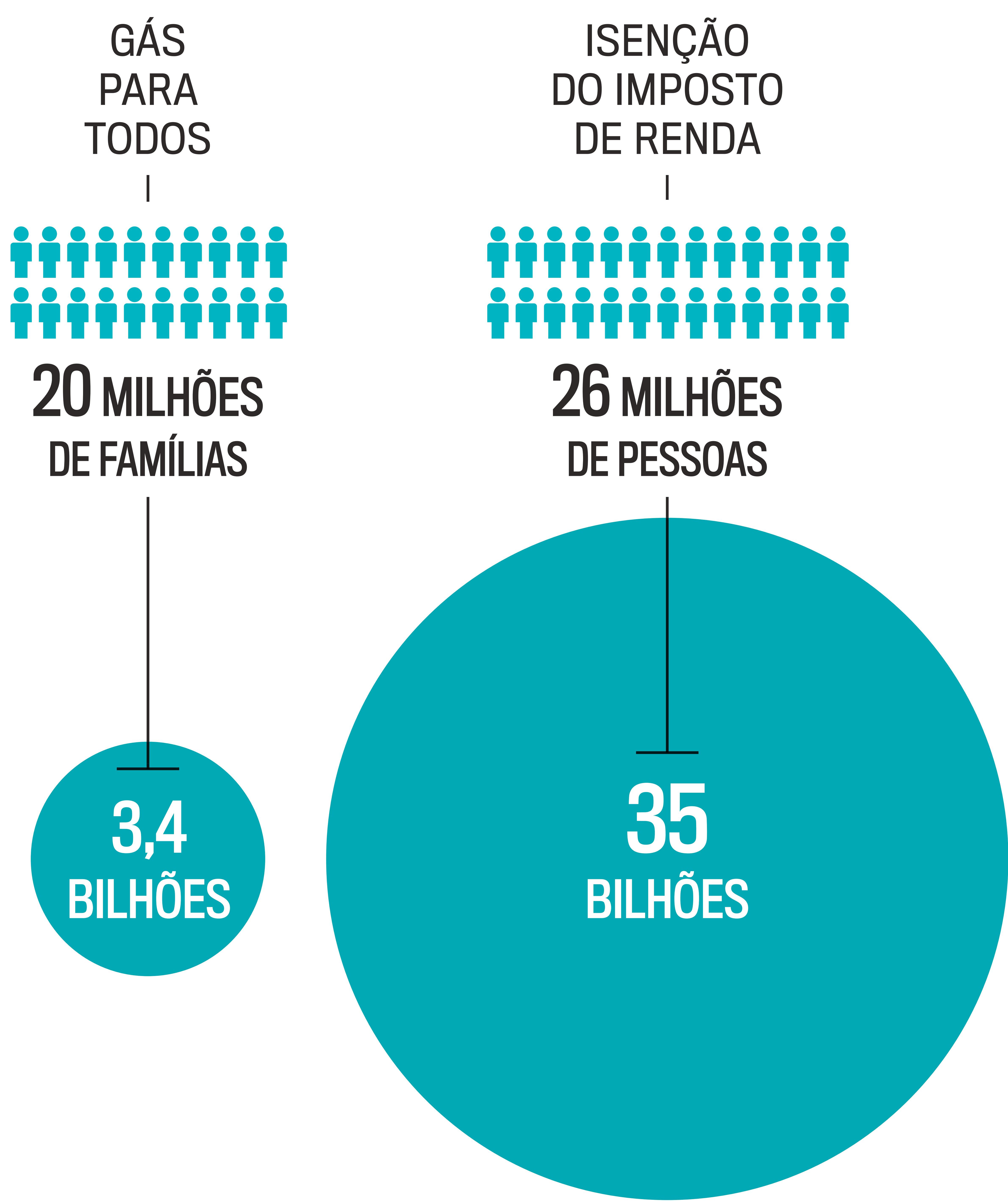


ARX. “Claramente, ele busca atalhos para manter uma sensação artificial de bem-estar da população.”

Em qualquer país, estimular a economia em tempos de crise é louvável, mas esse não é o caso do Brasil. Diversos indicadores mostram uma atividade aquecida. O desemprego está no menor patamar da história, favorecendo ganhos salariais reais. Segundo o Dieese, 85% das categorias obtiveram rea-



justes acima da inflação no ano passado. Trata-se da maior proporção desde 2018, quando a série começou. O nível de utilização da capacidade instalada na indústria mantém-se acima de 80% e não há acúmulo anormal de estoques. Nesse cenário, incentivar ainda o consumo, sem estimular os investimentos produtivos, apenas alimenta o pior pesadelo de Lula: a inflação, grande responsável pela queda de sua popularida-



de. “Muitos palpiteiros que influenciam o presidente se esquecem de que a inflação derrotou Joe Biden nos Estados Unidos e Olaf Scholz na Alemanha”, diz Marcus Pestana, diretor da Instituição Fiscal Independente do Senado.

A chegada de Gleisi ao governo pode reforçar a busca por um caminho equivocado, fragilizando de vez Haddad, cuja cabeça já vem sendo pedida por aliados do governo. Segundo algumas apostas, a permanência dele na Esplanada estará condicionada à capacidade de se curvar à pressão por mais gastos. “Haddad pode falar o que quiser, mas, quando Lula ordenar que ele pule, o ministro perguntará qual deve ser a altura do salto para agradar ao chefe”, diz Alexandre Schwartsman, ex-diretor do Banco Central e colunista de VEJA. A eventual capitulação de Haddad deixará o BC sozinho na luta contra a inflação — e com uma única arma: a elevação dos juros. Outra péssima notícia para o Brasil. Como é público o antagonismo dela com Haddad, Gleisi tem procurado minimizar o estrago. “Fui escolhida para a articulação política, e não para a economia”, afirmou. Se alguém acreditou no milagre da conversão ao equilíbrio e à racionalidade, o mercado deu a resposta imediata, com alta do dólar e queda na bolsa seguidas ao anúncio da escolha dela para um posto-chave no governo. Para Haddad, que já desabafou certa vez a um interlocutor que sua missão quase impossível era agradar, ao mesmo tempo, à Gleisi e ao presidente do Banco Central, não poderia haver pior notícia de tê-la agora como colega no governo. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

FÁBULA REAL

A gestão de Lula cogitou matar a galinha dos ovos de ouro

NÃO PROSPEROU a ideia de restringir as exportações de alimentos graças à reação do ministro da Agricultura, Carlos Fávaro. Ele ameaçou se demitir caso o governo levasse adiante a proposta para supostamente conter a alta de preços, que corrói a aprovação do presidente Lula.

Aos olhos desesperados de quem vê sua popularidade minguar, a coisa até aparenta fazer sentido. Exporte menos, sobra aqui, preços caem e, portanto, a reeleição fica menos difícil. O que poderia dar errado? O raciocínio ignora não se tratar de jogo disputado uma única vez, mas ao longo de várias rodadas. Se alguém expropria (pois é disso que se fala) o produtor agrícola, não há muito que ele possa fazer hoje, mas, como se diz, "cachorro mordido por cobra tem medo de linguiça".

A partir do momento em que fica claro que as regras podem mudar com a bola rolando, não há como esperar que o comportamento dos jogadores seja o mesmo. Ao levar em conta a probabilidade de que possa ser expropriado novamente, o produtor reduzirá os investimentos e, portanto, a produção. Afinal de contas, quem gosta de (literalmente) não colher o que plantou?



As consequências seriam graves. Em 2024 o setor agrícola exportou 73 bilhões de dólares, cerca de 21% do total do país, e gerou saldo comercial de 67 bilhões de dólares, equivalente a quase 90% do superávit brasileiro. Pudemos importar bens industriais e manter, durante boa parte do ano, seus preços correndo abaixo do IPCA graças à agricultura.

Nos últimos 13 anos, período em que o crescimento do produto por trabalhador no Brasil ficou praticamente estagnado, senão em queda, a produtividade do setor cresceu a pouco menos de 6% ao ano. Se os demais setores apresentassem metade do desempenho da agricultura nesse intervalo, não apenas o PIB seria muito mais alto como provavelmente não observaríamos boa parte das tensões inflacionárias que hoje forçam o BC a elevar rapidamente as taxas de juros.

“Se o governo estivesse realmente preocupado com a inflação, teria que adotar medidas de alcance maior”

Tivesse, pois, o plano infalível (no sentido Cebolinha do termo) sido posto em prática, não há dúvida de que nosso futuro seria bem diferente do passado e certamente não para melhor. Equivaleria a matar a proverbial galinha dos ovos de ouro.

Por mais que preços de alimentos tenham dinâmica por vezes própria, é fato que: (a) boa parte do seu movimento recente não decorre de súbita contração da oferta, mas do encarecimento do dólar, resultado dos equívocos de gestão da política macroeconômica, notadamente as contas públicas; e (b) o comportamento ruim da inflação tem raízes mais profundas do que a alta desses preços, também consequências de uma política macroeconômica muito ruim.

É politicamente confortável atacar os sintomas (e não a causa) da inflação, assim como singularizar um grupo de agentes (no caso, produtores agrícolas) como responsáveis pelo problema; isso, porém, não interrompe a alta de preços, pelo contrário.

Se o governo estivesse de fato preocupado com a inflação — e não apenas com suas repercussões políticas —, teria que adotar medidas de alcance maior do que restrições às exportações. Como não o faz, a conclusão inescapável é que não sabe o que fazer, ou pior, sabe, mas prefere não fazê-lo porque ameaçaria seus planos eleitorais de curto prazo.

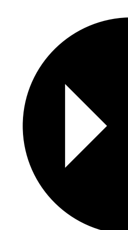
Para o governo Lula, matar a galinha pode fazer muito mais sentido. ■



EMBRAER

VOANDO ALTO

Ao ajeitar suas contas e mostrar solidez, a Embraer vive uma disparada das ações, firma um contrato histórico e deve, enfim, voltar a pagar dividendos aos investidores **FELIPE ERLICH**





NÚMERO 1 Phenom 300: o jato é o mais vendido do mundo em sua categoria

A EMBRAER parecia destinada a entrar em rota de turbulência após o fracasso do acordo de joint venture com a Boeing, em 2020. O caso foi parar nos tribunais e, no ano passado, a empresa brasileira fechou um acordo para receber 150 milhões de dólares de indenização da companhia americana pelos prejuízos provocados pelo rompimento unilateral do negócio. Foi mais uma boa notícia nos últimos tempos para a fabricante de

São José dos Campos, que já havia se mostrado capaz de deixar para trás esse enrosco para voar novamente por conta própria. Um termômetro da boa fase é o comportamento do mercado de capitais. As ações da Embraer negociadas na bolsa de Nova York dispararam 140% nos últimos doze meses. Nesse mesmo período, a cotação da Airbus aumentou apenas 10% e o valor de mercado da Boeing caiu mais de 20%.

No balcão brasileiro, o resultado foi ainda mais expressivo: a B3 registrou um salto de 160%. Os resultados sólidos da Embraer permitiram que a empresa tivesse um desempenho muito acima do Ibovespa. O principal índice da bolsa caiu 4% nos últimos doze meses em meio a inflação, gastos públicos e juros elevados. "O fluxo de caixa robusto e uma mensagem bem pé no chão reforçam a confiança em um momento de bastante preocupação com o cenário macroeconômico", diz Enrico Cozzolino, sócio da casa de análises Levante Investimentos.

Esses números são resultados da boa gestão, apesar do desafio de enfrentar competidores globais bem mais parrudos: em termos de receita, a Embraer tem menos de um décimo do tamanho das rivais Airbus, europeia, e a própria Boeing. Na última semana, a brasileira divulgou seus resultados referentes a 2024, reportando lucro líquido de 2,6 bilhões de reais, mais que sextuplicando a cifra do período anterior. A reação foi imediata: os papéis negociados na B3 subiram 12% em um único dia. A rota positiva das finanças corporativas e uma encomenda recente que bateu recorde apontam um céu de brigadeiro para a empresa.



EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

PORTFÓLIO Hangar da companhia: aviões comerciais, executivos e militares

Poucas semanas antes da divulgação do último balanço, os holofotes do mercado financeiro se voltaram para a Embraer em razão de um acordo histórico com a Flexjet, empresa americana de compartilhamento de jatos executivos. A Flexjet encomendou 182 aeronaves, a serem entregues até 2030, por 7 bilhões de dólares — mais de 40 bilhões de reais. Trata-se do maior pedido de jatos executivos da história da Embraer, evidenciando oportunidades crescentes. “É um segmento que não viu crise durante a pandemia”, diz André Castellini, sócio da consultoria Bain & Company e especialista em aviação. Atualmente, a maioria dos produtos entregues pela empresa brasileira é jatos executivos de pequeno ou médio porte, que totalizou 130 em 2024. A divisão de aviação comercial acumulou 73 entregas no ano, enquanto três aeronaves de tipo militar chegaram às mãos de compradores. Com isso, mais 206 aviões da Embraer vão circular pelos ares do mundo a partir de 2025.

Embora a avaliação dos especialistas seja de que o mercado se encontra em um bom momento, com demanda consistente por aeronaves, surfar ou não essa onda depende da administração das empresas. O diagnóstico é claro: o mérito é da Embraer, que ajeitou as contas, aposta em segmentos promissores e ganhou a confiança de quem investe. "Não somos mais aquela empresa de 2020, que era mais frágil financeiramente", afirma Francisco Gomes Neto, presidente da Embraer. Há cinco anos, a empresa registrou um prejuízo líquido de 2,3 bilhões de reais e estava altamente endividada naquele primeiro ano da pandemia da covid-19. Depois desse período, deu a volta por cima. Graças à melhora financeira, Gomes Neto pôde proferir as palavras mais ansiadas pelos investidores: "Vamos retomar a distribuição de dividendos como pagamento relativo a 2024". A Embraer não paga dividendos aos acionistas há mais de seis anos.

De olho no horizonte de longo prazo, com uma tendência antiglobalização pairando sobre o mundo, o futuro de-



NO COMANDO
O CEO Francisco Gomes Neto: "Não somos mais aquela empresa de 2020, que era mais frágil"

TON MOLINA/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

CÉU DE BRIGADEIRO

Os números confirmam o momento positivo da Embraer



26,3 BILHÕES

DE DÓLARES É O VOLUME DE ENCOMENDAS RECEBIDAS PELA EMPRESA NO QUARTO TRIMESTRE DE 2024



7 BILHÕES

DE DÓLARES É QUANTO A COMPANHIA AÉREA AMERICANA FLEXJET VAI PAGAR POR 182 JATOS EXECUTIVOS DA EMBRAER — O MAIOR CONTRATO JÁ ASSINADO PELA FABRICANTE BRASILEIRA



206 AERONAVES

FORAM ENTREGUES EM 2024, UM AVANÇO DE 14% EM RELAÇÃO A 2023



160%

É A **VALORIZAÇÃO DAS AÇÕES** DA EMBRAER NA B3 NOS ÚLTIMOS DOZE MESES

Fontes: *Embraer e B3*

ve exigir adaptações por parte da indústria de aviões. A recente volta de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos é determinante nessa guinada e já gera instabilidade nos mercados. “A cadeia de produção, que está sob monitoramento constante, representa nosso maior desafio ao menos nos próximos dois anos”, diz Gomes Neto. O atual comando da Embraer considera, no entanto, que está muito bem posicionado para lidar com qualquer turbulência: “Se a Força Aérea americana encomendar nosso avião de defesa KC-390, podemos adaptar nossa planta nos Estados Unidos para montá-lo lá”, diz Gomes Neto. Atualmente, a maioria dos componentes do KC-390, principal avião militar da Embraer, já vem dos Estados Unidos, mas o produto final é montado no Brasil — o que pode sujeitar o avião a eventuais tarifas.

Ao apresentar suas projeções para 2025, a diretoria da Embraer foi vista como conservadora. A margem do Ebit (lucro antes de juros e impostos) cairia de 11,1% para até 8,3% neste ano, mas o mercado já vislumbra resultado melhor com base na trajetória recente da empresa. “Seguimos com nossa classificação de *outperform* (compra) da ação e mantemos a Embraer como a *top pick* (principal escolha) da nossa cobertura”, escreveu o analista Daniel Gasparete, em relatório do Itaú BBA. O preço-alvo fixado pelo banco para a ação negociada em Nova York, de 51 dólares, ainda não foi atingido. Na esteira do sucesso recente, a Embraer pode alçar voo ainda mais alto. ■

NADA SERÁ COMO ANTES

Os Estados Unidos se alinham à Rússia no conflito ucraniano, tirando de Zelensky espaço para negociação e chacoalhando o tabuleiro mundial

CAIO SAAD



VEXAME Trump e Vance enquadram Zelensky no Salão Oval: realinhamento global à base de grito e dedo em riste

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES/AFP

A população do planeta, em sua imensa maioria, nasceu, cresceu e envelheceu vendo os Estados Unidos, a potência dominante do mundo, caminhando lado a lado com seus parceiros naturais no Ocidente, notadamente a Europa. A aliança gerada depois da Segunda Guerra Mundial solidificou-se no período de duelo rumo ao precipício com a União Soviética e seguiu firme depois da queda do Muro de Berlim. Entra governo, sai governo, as linhas divisórias da hegemonia global permaneciam inalteradas: a China estendendo sua rede no Oriente, a Rússia tentando preservar vizinhos submissos da era comunista e os EUA exercitando ascendência sobre a "sua" metade das nações europeias e os países das Américas. Não mais. No fim de fevereiro, um terremoto fez ruir pactos históricos e redesenhou o mapa das relações internacionais — tudo isso em pleno Salão Oval da Casa Branca, na frente de repórteres e fotógrafos do mundo inteiro.

O movimento das placas tectônicas começou com um telefonema de Donald Trump ao colega russo Vladimir Putin em que o fim da guerra na Ucrânia — iniciada com uma injustificada invasão de tropas da Rússia há três anos — foi discutido sem a participação dos ucranianos. Encerrada a "excelente conversa", Trump chamou o presidente Volodymyr Zelensky de "ditador" e considerou favas contadas a manutenção pela Rússia dos 20% do território da Ucrânia que ocupa atualmente. A partir daí, o apoio in-



HESHAM ELSHERIF/GETTY IMAGES

CRÍTICA Alegoria no Carnaval alemão: comparação com pacto Stalin-Hitler

condicional da gestão de Joe Biden degringolou, levando na enxurrada não só Kiev mas toda a Europa Ocidental, empenhada em conter o ímpeto expansionista do gigante russo. O apogeu do rompimento viria na coletiva em que Trump, seu vice, J.D. Vance, e Zelensky pretendiam anunciar a assinatura de um acordo no qual Estados Unidos e Ucrânia explorariam em conjunto a riqueza mineral no subsolo ucraniano, uma isca de Zelensky que o governo trumpista prontamente abocanhou.

A entrevista descambou para um feroz bate-boca, com direito a dedos em riste e os americanos acusando o ucraniano de mal-agradecido. “Você está jogando com a terceira guerra mundial”, vociferou Trump. O presidente da

Ucrânia foi embora de cara amarrada, sem assinar o acordo e sem provar o almoço comemorativo que seria servido, enquanto o mundo digeria a cena vexatória e inacreditável, transmitida ao vivo e em cores. “Ele pode voltar quando estiver pronto para a paz”, postou o presidente americano. Em seguida, mandou suspender a entrega de um pacote de ajuda americana em andamento, no valor de 1 bilhão de dólares.

Zelensky não demorou a recuar: qualificou o bate-boca de “lastimável” e, em carta conciliatória — que Trump leu em seu longo (99 minutos) e inflamatório pronunciamento ao Congresso na terça-feira 4 —, se disse disposto a “sentar-se à mesa das negociações” e buscar a paz “sob a forte liderança” dos Estados Unidos. Trump gostou, e as discussões devem ser retomadas nos seus termos — mas o estrago está feito. “Da forma como o acordo está colocado, a Ucrânia perde quase um quinto de seu território e o mundo ocidental perde quase 100% da sua credibilidade política”, diz Michael Clarke, professor do departamento de estudos de guerra da King’s College, em Londres. “Nesse contexto, a construção da aliança que dominou a política global por tanto tempo simplesmente deixa de existir.”

Reunidos às pressas em Londres, líderes de países europeus e do Canadá que integram a Otan, a aliança militar do Atlântico Norte, reiteraram seu apoio a Zelensky, que também estava lá, e a disposição de garantir e defender um acordo de paz justo para a Ucrânia — algo pratica-



JUSTIN TALLIS/PA WIRE/ZUMA PRESS/IMAGEPLUS

E AGORA? Reunião de Zelensky e seus aliados: a Europa tenta reagir ao fim inesperado de uma aliança histórica

mente impossível sem a anuência da peça mais importante do tabuleiro, os Estados Unidos. Problema: neste momento, a Casa Branca parece tender muito mais a fazer as vontades de Putin, namoro que um carro alegórico no Carnaval alemão comparou ao pacto firmado entre Hitler e Stalin nos primórdios da Segunda Guerra. O sacrifício da Ucrânia serviria, segundo analistas, ao propósito maior da geopolítica trumpista, que é trazer a Rússia para seu lado no confronto com a China — este sim o embate crucial da batalha pela hegemonia global. Em outros tempos, esse jogo político até poderia acontecer, mas de maneira sutil, o que por si só impõe limites. Na era Trump, é tudo explícito, entre cotoveladas e pontapés, sem respeito aos movimentos de pesos e contrapesos.

França e Reino Unido estão propondo uma trégua parcial de um mês para negociação do término da guerra,


GEORGE IVANCHENKO/ANADOLU/GETTY IMAGES

GOLPE Prédio ucraniano bombardeado: previsão de mais ataques com a suspensão da ajuda militar americana

durante a qual a ajuda militar continuará fluindo e ao fim da qual um acordo definitivo garantirá a soberania e segurança da Ucrânia na forma de uma força europeia. Nas palavras irônicas de Vance: “20 000 soldados de algum país aleatório”. Diante do realinhamento acenado por Trump, as grandes potências europeias se movimentam para aumentar os gastos e fortificar suas próprias defesas. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, elaborou um pacote de defesa que prevê empréstimos de 800 bilhões de euros e a criação de um fundo de 150 bilhões de euros para financiar as forças militares no continente. “A Europa enfrenta um perigo claro e presente em uma escala que nenhum de nós experimentou em nossa vida adulta”, alertou Von der Leyen. “O futuro de uma Ucrânia livre e soberana, e de uma Europa segura e próspera, está em jogo.”

Trata-se de um dos vários pontos de atrito na relação entre o presidente e os mandatários europeus, agravados agora pela confirmação da entrada em vigor, na terça-feira 4, de tarifas de 25% sobre as importações americanas do México e do Canadá, além da elevação das taxas contra a China. Verdade que um dia depois veio a decisão de isentar da cobrança, por um mês, os veículos produzidos por montadoras americanas e uma lista de produtos importados do México e do Canadá. Ou seja, ninguém sabe ainda até que ponto Trump está blefando — mas, pelo sim, pelo não, o bloco europeu (que, na visão dele, "foi criado para prejudicar os Estados Unidos") é o próximo da fila no tarifaço.

Aliado da Ucrânia desde o início da guerra, em 2022, o governo Biden despejou mais de 180 bilhões de dólares em ajuda militar aos ucranianos (Trump, o rei dos exageros, fala em 350 bilhões). A suspensão das entregas deixa o país mais vulnerável aos ataques de drones, que compõem o grosso dos confrontos, com efeito direto na infraestrutura das cidades, e enfraquece ainda mais seu já reduzido poder de barganha. Suspender o envio de armas à Ucrânia tornou a paz "mais distante, porque só fortalece a mão do agressor, que é a Rússia", disse o ministro francês para a Europa, Benjamin Haddad. Ruim para os ucranianos, bom para Putin e o.k. para os EUA sob nova — e até há pouco tempo inconcebível — direção. Vive-se, agora, um novo e frágil equilíbrio mundial. ■

Com reportagem de Amanda Péchy

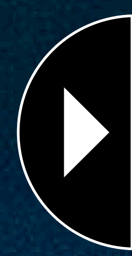
VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Duda Monteiro de Barros, Giovanna Fraguito, Lucas Mathias, Ludmilla de Lima, Mafê Firpo e Nara Boechat



O SAMBA DA MUDANÇA

Com empolgação, resplendor, homenagens e uma ou outra derrapada (que folia não tem?), o reinado de Momo, agora mais iluminado no Rio de Janeiro por três noites de desfiles de escolas, registrou em 2025 reviravoltas também na vida de vários de seus destaques



INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

BRILHO EXTRA

PAOLLA OLIVEIRA, 42 anos, há sete rainha da bateria da Grande Rio, sacudiu a arquibancada com mais vigor do que nunca neste que promete ser (será mesmo?) seu derradeiro desfile. Se a despedida se confirmar, deixará saudades. Na concentração da Marquês de Sapucaí, (des)coberta de cristais em um visual avaliado em 200 000 reais, a atriz avisou: "Não tem nada de tristeza, hoje é um dia feliz. Me despeço do cargo, não do Carnaval". No auge da travessia pela avenida, foi homenageada por **FABRÍCIO MACHADO** *(ao lado),* 34, o "mestre muso", regente dos 250 ritmistas, que tem sua própria legião de fãs. Caberá a ele, aliás, com a diretoria, a ingrata missão de escolher a nova ocupante do trono. "Paolla é uma irmã mais velha. Ano passado desfilei com dengue e ela me carregou no desfile", derrama-se.



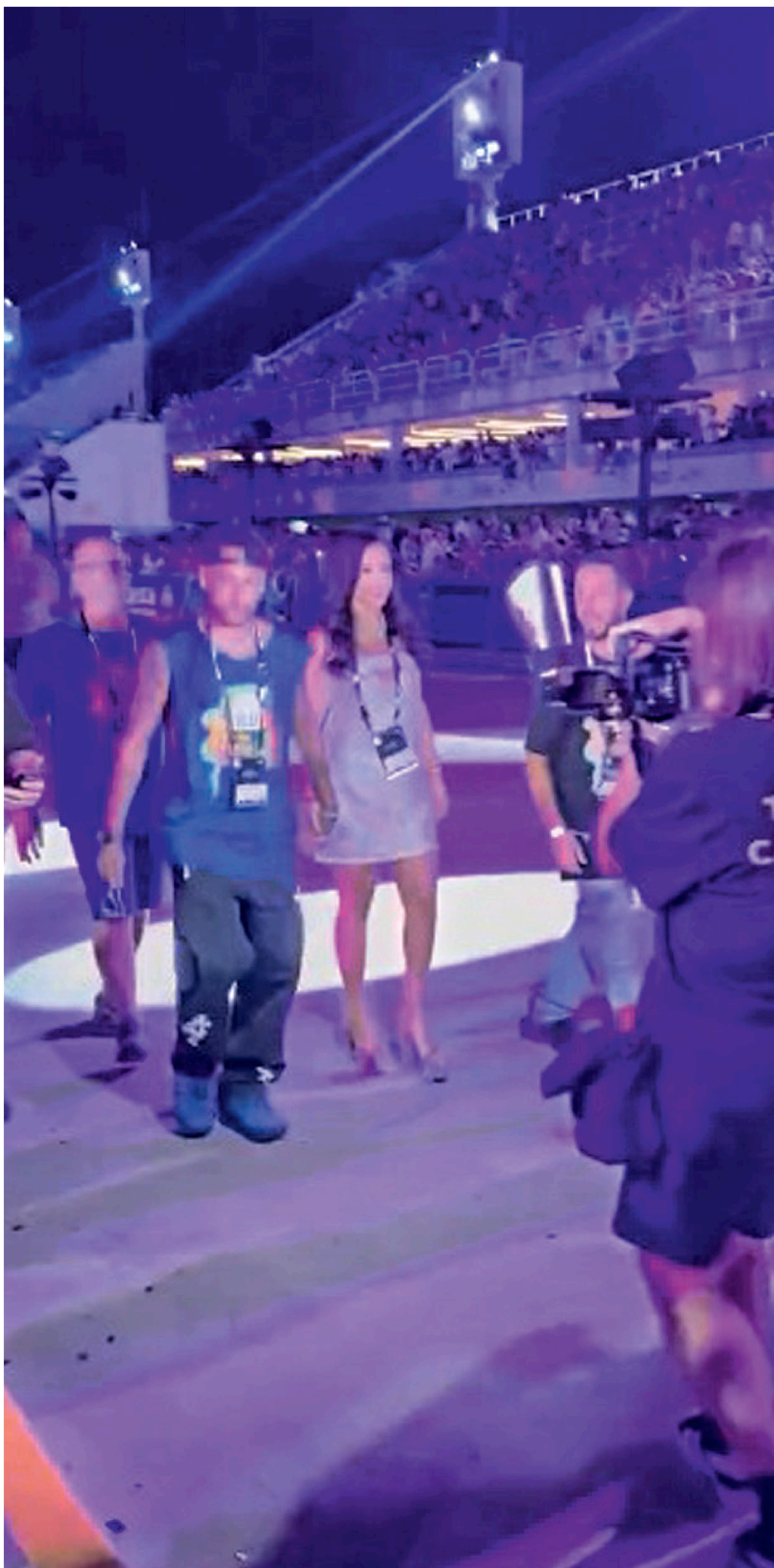
ARQUIVO PESSOAL


PETER ILICCIEV/AGÊNCIA ENQUADRAR/AGÊNCIA O GLOBO

ADEUS, VOZEIRÃO

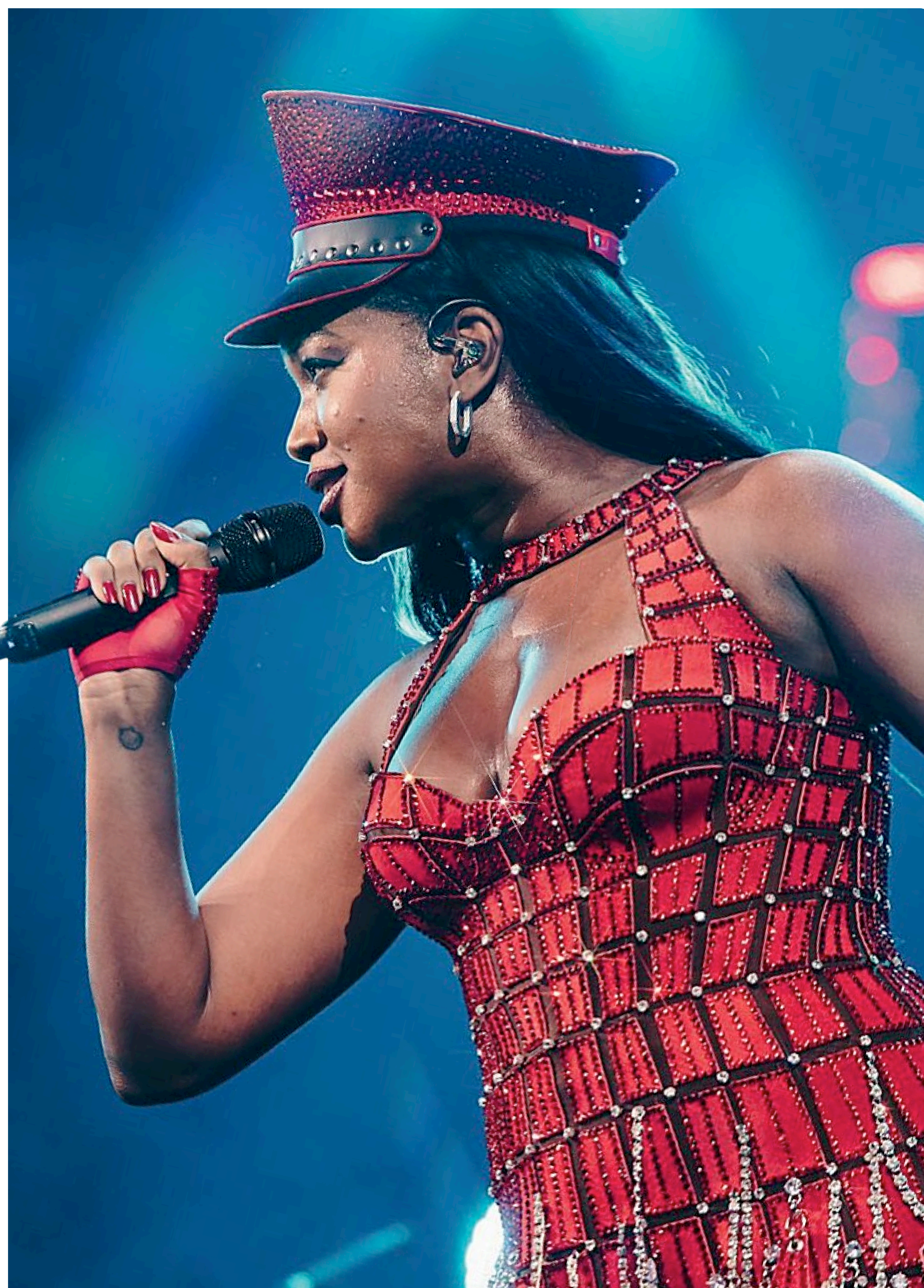
Depois de meio século como a voz inconfundível do Carnaval carioca, **NEGUINHO DA BEIJA-FLOR,** 75 anos, nunca viveu um desfile como o deste ano, embalando a escola campeã que lhe deu até o nome, registrado em cartório e tudo. Segundo já havia anunciado, foi sua última participação como puxador de samba — uma decisão duríssima, que teve a ver com o fato de já começar a esquecer as letras de músicas que sempre cantou. Para baixo, ele não está. "Carnaval não rende nada financeiramente. Com a aposentadoria, vou atuar em shows, como fazem os amigos", disse. Ao fim da passagem da agremiação de Nilópolis na Sapucaí, porém, Neguinho desabafou, sem conter as lágrimas: "Sou o ser humano que vai morrer duas vezes, porque morri um pouco no fim desta apresentação". Seu substituto será escolhido em um reality show musical, na Globo, no qual ele promete fazer honrar o concorrido posto. "Serei um jurado difícil, não é qualquer um que vai chegar aqui, não", avisa.

DRIBLE NA REGRA


REPRODUÇÃO

Os seguranças da passarela do samba carioca costumam distribuir truculências a quem desrespeita uma das normas mais rígidas dos desfiles: pisar na avenida sem credencial. Neste ano, a organização endureceu mais ainda e só autorizou fotógrafos e cinegrafistas a circular pelo local onde as escolas de samba imperam. Quer dizer, quase só: **NEYMAR,** 33 anos, de volta à seleção e tentando ser ídolo novamente, furou a barreira e, ao lado de **BRUNA BIANCARDI,** 30, grávida pela segunda vez do craque, protagonizou uma exibição à parte. Fez selfies, gravou vídeos, foi parado por garis e, claro, irritou os sambistas por estar em lugar indevido. "É muita vontade de aparecer. Alguém tira ele daí", gritou um espectador. Os seguranças, nem aí, fingiram que não viram.

DE BAILE EM BAILE


INSTAGRAM @CAMAROTEBARBRAHMA

Após um penoso período de reclusão, em que mergulhou na fossa ao descobrir em plena gravidez que o marido, o jogador de futebol Yuri Lima, a estava traindo, **IZA,** 34 anos, aproveitou os holofotes momescos para sacudir a poeira e mostrar, com sorriso em riste, que deu a volta por cima. A agora mãe de Nala, 4 meses, apresentou-se em um camarote do Sambódromo de São Paulo e, ao lado de Yuri, com quem reatou, fez questão de enfatizar que o casamento sobreviveu ao furacão. “Quando você se dá conta de que o corpo criou a placenta e um ser humano, percebe que as coisas podem ser mais tranquilas”, relativizou ela, que, na mesma linha reflexiva, afirma não haver complexidade maior do que a maternidade. “Depois disso, tudo fica fácil”, garante a cantora, que não parou mais de subir ao palco da folia país afora, até assumir o cetro de rainha do baile de máscaras no Hotel Fairmont, no Rio.

FOLIÃ COM CAUSA

Não foi fácil se equilibrar na ponte aérea Brasília-Rio para encarar o desafio de compor a comissão de frente da Paraíso do Tuiuti, mas **ERIKA HILTON** (PSOL-SP), 32 anos, topou diante da bandeira embutida na missão. Primeira deputada federal trans do país, ela deu vida na avenida a Xica Manicongo, pioneiríssima no século XVI ao vir da África escravizada e depois ser reconhecida como travesti. A maratona envolveu uma dezena de idas à escola, em que ensaiava de madrugada, além de cuidados com a alimentação e um reforço na musculação. “Tive que caprichar no preparo físico, com treinos para ter mais fôlego e conseguir lidar com calor, tensão e adrenalina”, conta a parlamentar, que diz ter aproveitado cada minuto para dar visibilidade ao que vê como um salto histórico. “Levar este enredo a uma festa dessas é um grito de liberdade”, festejou, exaurida.



JOÃO SALLES/RIOTUR


INSTAGRAM @IRINASHAYK

GINGADO À MODA RUSSA

Em um ano de pouca presença internacional, quem mais chamou a atenção nesse quesito foi a modelo e atriz **IRINA SHAYK,** 39 anos, que, além de enfeitar um camarote, arriscou seus passinhos — desajeitados, mas sinceros — em pleno desfile da vitoriosa Beija-Flor. Nascida na Rússia, colecionadora de namorados famosos — entre eles o jogador Cristiano Ronaldo e, mais recentemente, Tom Brady, o ex de Gisele Bündchen —, Irina jura que admirava à distância a folia carioca. "Todo ano queria vir para cá, mas sempre coincidia com a Semana de Moda de Paris. Desta vez, troquei Paris pelo Carnaval", afirma. Como o convite foi em cima da hora, não conseguiu aprimorar o gingado: "Estou longe de ser boa. Quando as brasileiras dançam, parece tão fácil. Mas é muito difícil". Valeu o esforço.

DO INFERNO AO CÉU

Na pele do diabo na comissão de frente da Vila Isabel, que adentrou a passarela com o enredo *Quanto Mais Eu Rezo, Mais Assombração Aparece,* **JOSÉ LORETO,** 40 anos, cuspiu fogo e fez cara de mau, sem ser reconhecido por boa parte da arquibancada. Foram sete horas só para dar conta de toda a maquiagem. Virada a página da folia, ele caminhará para o espectro oposto, preparando-se para interpretar ninguém menos que Jesus no espetáculo da Paixão de Cristo, na Semana Santa. "É contraditório, eu sei, mas não me contento com o feijão com arroz", orgulha-se. O ator já mirava o futuro próximo na dispersão da Sapucaí: "Agora vão ser quarenta dias me dedicando a Deus", disse, ainda com a demoníaca fantasia.



TATA BARRETO/RIOTUR

TATA BARRETO/RIOTUR



TRAVESSIA CONSAGRADORA

Enredo da Portela, escola da qual virou torcedor fervoroso, **MILTON NASCIMENTO,** 82 anos, cruzou a Sapucaí instalado em um trono dourado e rodeado de cantores negros, como Seu Jorge e Péricles. Foi uma espécie de redenção a uma situação que, um mês antes, muito o amargurou: indicado ao Grammy Latino, não lhe reservaram assento na área VIP da cerimônia em Los Angeles, como a outros concorrentes à láurea, e ele foi embora. Já na folia carioca, reinou absoluto, feliz da vida de assistir a seu hit *Maria, Maria* levantar o público no esquenta. Milton não se deixou apenas homenagear, mas participou de ensaio técnico e até recebeu os ritmistas em casa. “Desde que foi feito o convite, ele ficou muito animado e diz que viramos sua família”, festeja Gilsinho, o puxador do samba, encantado com o cantor, que, de tão à vontade, não parecia estrear na avenida.

CHAMEGOS EXPLÍCITOS

Casal moderninho, o prefeito de Recife, **JOÃO CAMPOS,** e a deputada federal **TABATA AMARAL,** ambos de 31 anos e ambos do PSB, tocam o namoro de cinco anos com naturalidade e boa dose de discrição, desviando dos holofotes um romance que tinha tudo para ocupar lugar de destaque nas redes sociais. Isso até o Carnaval chegar – aí os dois caem na folia sem esconder de ninguém os abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim. Neste ano não foi diferente. João e Tabata cruzaram o circuito recifense dançando agarradinhos, muitas vezes combinando o figurino, tudo devidamente postado por eles mesmos. “Entre um frevo, um piseiro e um brega, a gente dança junto na festa mais linda do mundo”, escreveu ele, listando os ritmos de sua terra. “Eu e meu chameguinho”, devolveu ela. Se tudo correr bem – e por que não correria? –, no ano que vem tem mais. ■



INSTAGRAM @JOAOCAMPOS



RECEITA Vida ativa: prática de exercícios ajuda, enquanto fatores como estresse e noites em claro encurtam o caminho

JORNADA PROLONGADA

Cientistas investem na busca do segredo para a longevidade — a herança genética pesa, mas cresce a percepção de que bons hábitos e um ambiente saudável têm contribuição decisiva

PAULA FELIX

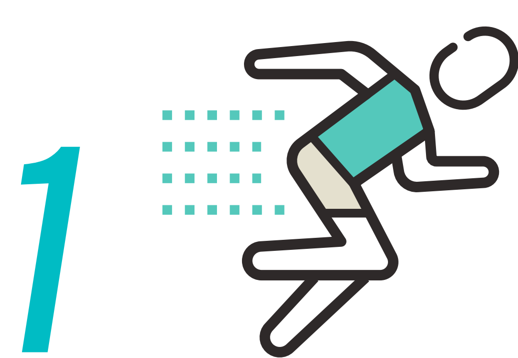
STONE/GETTY IMAGES

O empresário americano Bryan Johnson, de 47 anos, não é o primeiro nem será o último a ostentar o título de "o homem que quer viver para sempre", como estampa o documentário que conta sua saga à procura de uma fórmula contra o envelhecimento. Séculos antes dele, o imperador macedônio Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), embora não lhe faltassem conquistas, já buscara um rio cujas águas sanariam os males e os limites da idade. Um sonho que alimentou culturas e expedições à caça de uma fonte da juventude, que estaria num Eldorado nas Américas ou num elixir criado por alquimistas do velho continente. Da mística à ciência moderna, o desejo de viver (muito) mais, mesmo com os notórios avanços recentes na expectativa de vida, continua povoando a mente humana.

CHECKLIST DA LONGEVIDADE

Hábitos presentes no dia a dia fazem diferença para viver mais e melhor

Fontes: *Associação Americana do Coração (AHA); Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos; Organização Mundial da Saúde; Fiocruz*



1

MEXA-SE

É importante seguir a recomendação da OMS de praticar ao menos 150 minutos de exercícios moderados ou 75 minutos de atividades vigorosas durante a semana. Além de evitar doenças cardiovasculares, fortalece músculos e evita quedas

Prova maior disso está não só nos investimentos milionários de gente abonada que quer romper as fronteiras da biologia, mas também numa série de recentes pesquisas explorando a associação entre hábitos, ambientes e trechos do código genético com a longevidade. Da dieta às mudanças climáticas, passando pela interação entre o comportamento e o DNA, a pergunta de 1 bilhão de dólares é o que se pode fazer, com plena certeza, para mover-se algumas casas à frente no xadrez da existência. O investidor Bryan Johnson tem desembolsado 2 milhões de dólares ao ano em procedimentos e suplementos com a meta de barrar a senilidade e reverter seu estado corporal ao de uma pessoa de 18 anos. Isso inclui cardápios ultrarrestritos e troca de parte do seu plasma sanguíneo — um protocolo que parece saído da ficção científica e, por ora, não passa realmente disso.

2 

COMA MELHOR

Frutas, verduras, legumes e cereais são essenciais para proteger contra os radicais livres e combater a obesidade. Alimentos ultraprocessados estão relacionados com demência e morte precoce

3 

DURMA BEM

A recomendação é de que os adultos tenham de 7 a 9 horas de sono para obter os efeitos protetores contra doenças crônicas

Com mais pé no chão, e cientes de que a vitalidade cerebral é uma das peças críticas para a longevidade, pesquisadores da Universidade do Texas, nos EUA, receberam financiamento de 3,7 milhões de dólares para decifrar, com exames refinadíssimos, os segredos da massa cinzenta ao envelhecer. A meta é descortinar mecanismos e formas de intervir no piloto de comando do organismo para que ele não pife "tão cedo". No Brasil, a USP capitaneia uma investigação sobre o genoma dos superidosos — afinal, eles realmente ganharam na loteria genética?

O fato é que a jornada por células e processos fisiológicos ligados à finitude tem apontado que as muitas velas sopradas nos aniversários dependem provavelmente mais do estilo de vida e de certos privilégios sociais. Estima-se que o papel dos genes nessa história flutue em não mais que 20% do resultado. Ou seja, a construção de hábitos e de um



4 CORTE MAUS HÁBITOS

Fumar, beber, consumir açúcar em excesso são atalhos para o aparecimento de cânceres, problemas no coração e uma lista de condições que prejudicam a saúde



5 FAÇA CHECK-UPS

Isso vale para conhecer a própria saúde, tirar dúvidas com médicos e fazer tratamentos corretamente. Caso tenha alguma doença, não deixe o quadro descompensado

ambiente saudáveis determina mais quanto e como viveremos do que a sorte ou as fórmulas mirabolantes.

A melhora na expectativa de vida, de certo modo, reflete isso — bem como a transição dos desafios e pretensões atuais. Se boa parte da humanidade hoje passa facilmente dos 70 ou 80 anos, deve muito à expansão do saneamento básico, das vacinas e de outros conhecimentos médicos. Viver mais, contudo, não é sinônimo de viver melhor. Eis o dilema da geração prateada, essa que posterga a aposentadoria, mas também está mais suscetível a estresse, sedentarismo e a um combo de doenças crônicas — de diabetes a artrose. Entramos em um platô na previsão de primaveras pela frente, algo acentuado a partir de 2010, embora a previsão seja de que tenhamos um incremento de 4,9 anos para homens e de 4,2 para mulheres até 2050. A grande questão é: com que qualidade de vida chegaremos tão longe?

6

NÃO SE ISOLE

Ter uma vida social ajuda a afastar problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, além de melhorar o bem-estar geral

7

TRABALHE A RESILIÊNCIA

Aprender a lidar com mudanças ou adversidades aumenta a probabilidade de chegar aos 100 anos, inclusive entre idosos

A dúvida intriga especialistas, porque algumas análises, baseadas nos comportamentos atuais e nas políticas públicas ainda tímidas voltadas à longevidade, não são tão empolgantes. Um estudo da Clínica Mayo, nos EUA, com dados de mais de 180 países, revela que, entre inúmeras nações, vive-se, ao menos, dez anos a mais na companhia de incapacidades e doenças limitadoras. “Você vai envelhecer de acordo com o que viveu”, diz o médico gerontólogo Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil e ex-diretor da OMS. “A saúde depende de onde moramos, como trabalhamos, nos deslocamos e nos entretemos e de que forma nos cuidamos.”

Até porque, como mostra uma das mais modernas linhas de pesquisa, há uma forte intersecção entre as vivências e o meio a que estamos expostos e a expressão dos genes. É a chamada epigenética, que explora como tabagismo, noites maldormidas e até crises ambientais repercutem no funcionamento do DNA, potencializando o risco de doenças que encurtam a vida, como o câncer. “Sob determinadas condições, um gene vai expressar proteínas desnecessárias e levar ao prejuízo das células”, diz o urologista Marcelo Bendhack, presidente da Associação Latino-Americana de Uro-Oncologia. Sob essa perspectiva, nem tudo é sentenciado pelos genes em si — muito menos o tempo e a qualidade de vida. “Nunca é tarde demais para melhorar os hábitos”, frisa o médico.

Mas será que algumas características incrustadas no DNA de centenários saudáveis não contribuem para que tenham ul-



ARIEL SKELLEY/DIGITALVISION/GETTY IMAGES

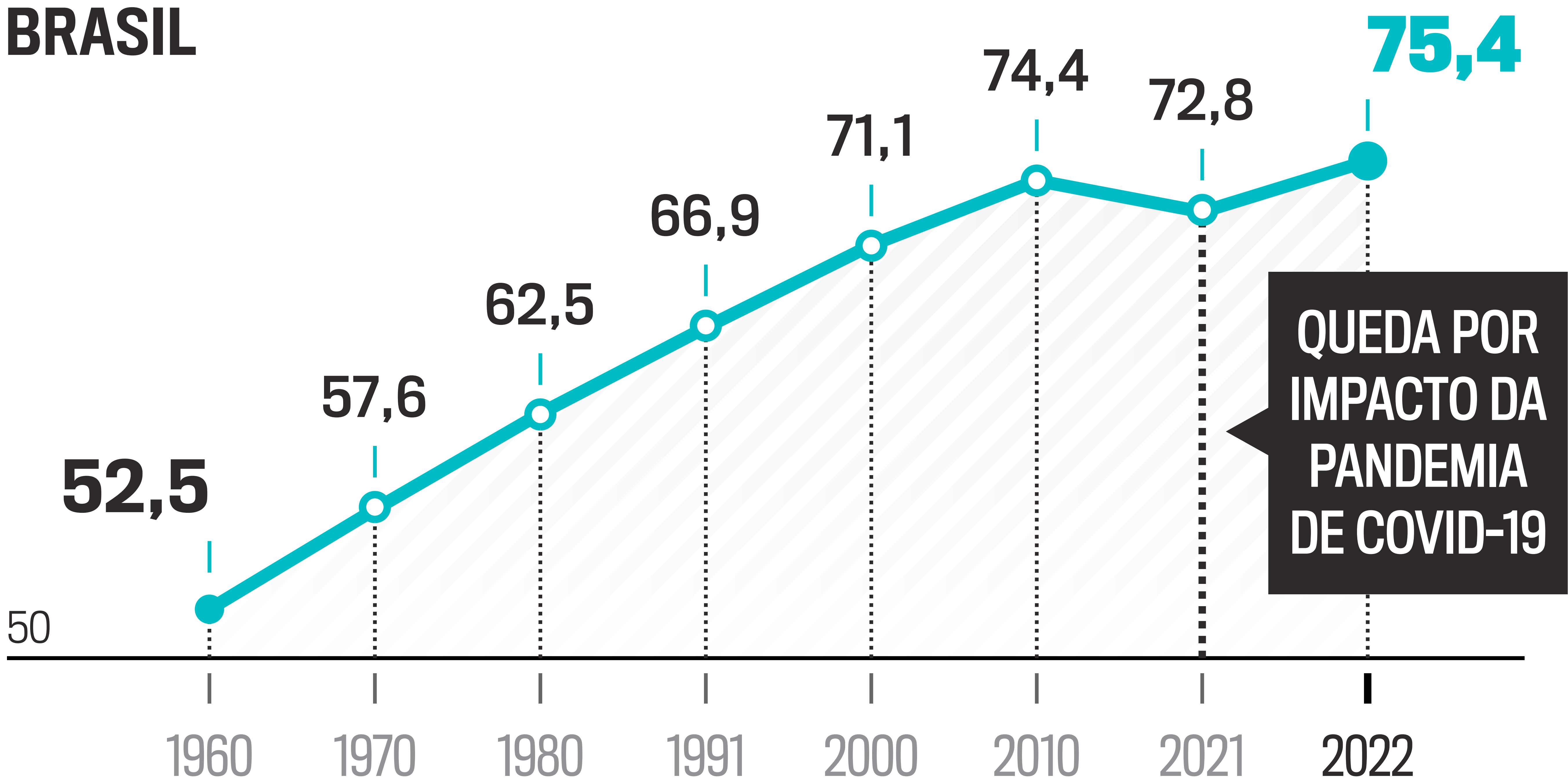
EM COMUNIDADE Longe da solidão: vida social ativa está associada a menor índice de mortalidade precoce

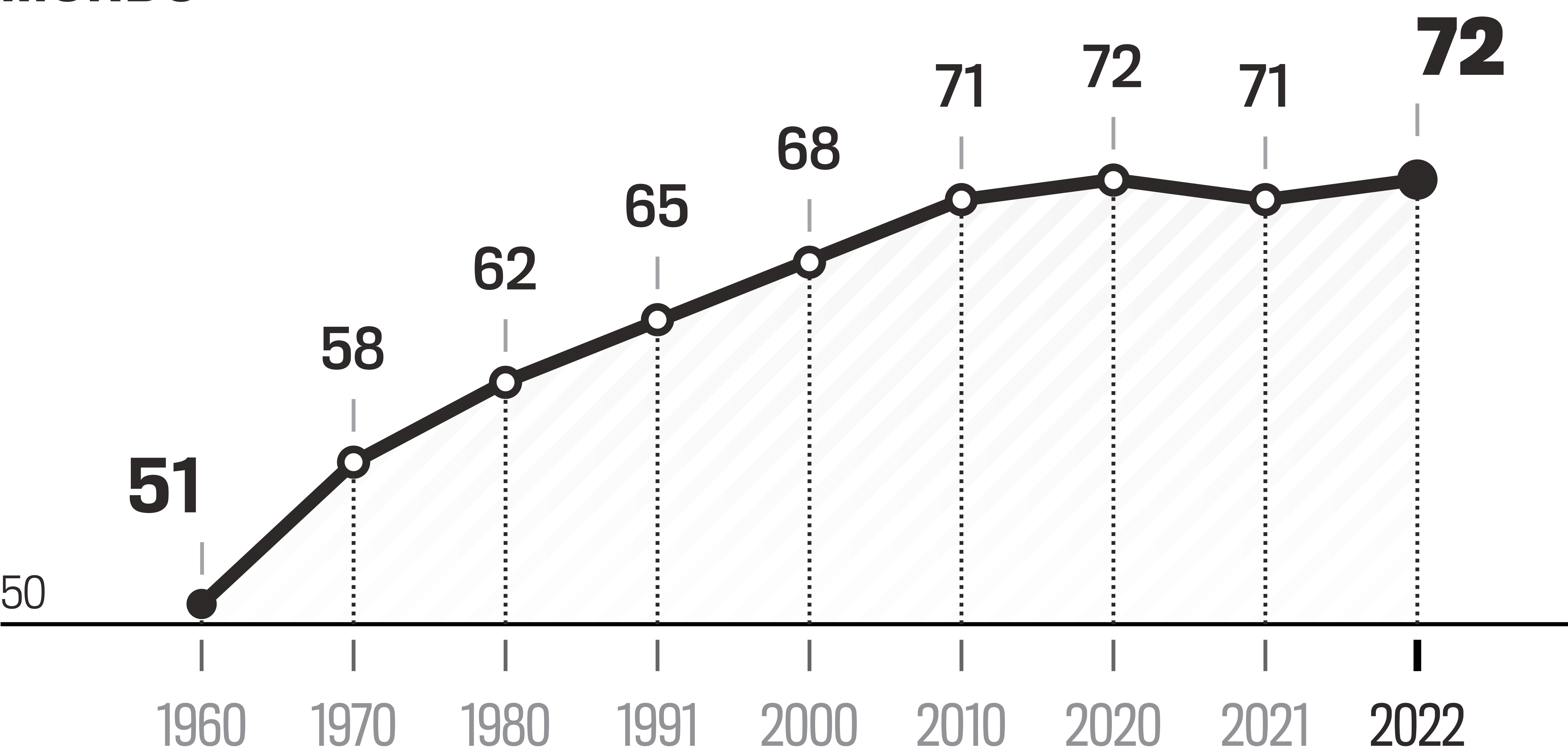
trapassado a média populacional? É a isso que pretende responder o Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco da USP numa investigação com 110 brasileiros lúcidos e funcionais acima dos 95 anos. "Buscamos identificar os fatores ambientais e genéticos que permitem ao organismo resistir ou atrasar o aparecimento e a evolução de doenças crônicas e, por consequência, atingir idades mais longevas", diz o cientista João Paulo Limongi, um dos pesquisadores do grupo. Os achados gerais ainda não foram publicados, mas já existem pistas do que dá um gás para seguir em frente em pleno vigor. "Em geral, esses indivíduos são mais tranquilos, sem rancor, e estão em paz com a vida", ilustra o pesquisador da USP.

Sim, genética e hábitos andam de mãos dadas, mas essas conexões não caminham numa rota simples e linear. O mundo nem sempre é gentil com quem envelhece devido a uma decisiva barreira à saúde: a desigualdade. "Um prato colorido

CURVA DA IDADE

Expectativa de vida ao nascer aumentou no Brasil, mas tem desacelerado no mundo





Fontes: Banco Mundial; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)



FG TRADE LATIN/E+/GETTY IMAGES

PAZ DE ESPÍRITO O que superidosos têm em comum: segundo estudo da USP, muita tranquilidade e pouco rancor

e nutritivo não é acessível à maioria das pessoas no país”, exemplifica Kalache. “Sabemos que os negros têm expectativa de vida quinze ou vinte anos mais baixa, assim como populações periféricas e povos originários.” São esses obstáculos sociais que também dificultam a transposição das lições das *blue zones* — certas regiões do globo com populações impressionantes de centenários — para o resto do planeta. É fato que a população de idosos praticamente duplicou nas últimas décadas e deve continuar a crescer. Outro fato, bem mais preocupante, é que as doenças da idade, como Alzheimer e câncer, seguirão no encalço da humanidade. Na inexistência de uma fonte da juventude, o segredo para chegar aos 100 com autonomia parece estar numa caminhada mais ativa, resiliente e bem acompanhada, com corpo e mente devidamente alimentados. Um sonho para o qual governo e sociedade terão de colaborar para que vire realidade. ■

ADITIVO PERIGOSO

Avanço no combate à impotência sexual, a tadalafila virou moda em academias e blocos de rua na busca de um vigor extra – tudo sem indicação médica

PAULA FREITAS E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



NÃO TEM MILAGRE
Hora de malhar: crença de que o remédio turbina os músculos

E+/GETTY IMAGES

NO FINAL DA década de 1990, a descoberta de que o princípio ativo do Viagra — um medicamento contra a angina, um tipo de dor no peito — serviria para combater a impotência sexual sacudiu o universo masculino. O remédio estourou nas prateleiras mundo afora, inclusive no Brasil, apesar de seu uso vir envolto em certa vergonha, já que trazia à luz um daqueles assuntos tabu. Aí, uns anos depois, apareceu a tadalafila, ou tadala, como é mais conhecida, com o diferencial de ser consumida no longo prazo e ter efeito prolongado, de dias, e não pontual, como o Viagra, cuja duração é de algumas horas — aquelas que cercam o ato sexual. Ajudou assim, à época, a suavizar o peso do preconceito que ainda recaía sobre os adeptos. Eis que agora, passadas três décadas, seu uso foi reinventado por uma ala muito mais jovem e que não sofre de impotência, mas quer, veja só, turbinar sua performance nas academias e multiplicar músculos. Mas não só: a moda tadala também pegou nos blocos de Carnaval em todo o país, com a turma da folia em busca de mais energia para dar vazão à efervescência hormonal.

Terceiro medicamento mais vendido no país em 2024, atrás apenas da losartana (para controle da pressão arterial) e da metformina (para diabetes), passou de 21,4 milhões de caixas para 31,4 milhões em quatro anos, segundo a Anvisa, um salto de quase 50%, puxado justamente pelos novos e heterodoxos usos *off-label,* contra-indicados, aliás, pelos médicos. No caso das academias, as pessoas ingerem tadala pura ou misturada a compostos, antes do treino. Sem qualquer base



SONIS PHOTOGRAPHY/SHUTTERSTOCK

SEM RECEITA A droga: terceiro medicamento mais vendido em 2024

científica e sem indicação na bula, o povo da malhação procura se beneficiar da vascularização que as substâncias ali contidas promovem, o que permitiria um intenso fluxo de sangue nos músculos e um ganho mais veloz de massa. “O que move essas pessoas é a ansiedade por resultados rápidos, mas elas desconsideram que o próprio exercício já é suficiente para acelerar a circulação sanguínea”, afirma Daisy Motta, diretora científica da Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde.

Uma banda equivocada de influenciadores do estilo de vida trata de dar corda à ideia, que muita gente abraça, mas uma parte depois desaprova. “Vi um atleta divulgando e sen-

ti vontade de testar, só que os efeitos não compensam", conta J.C., que preferiu não se identificar. Depois de sintomas adversos, como enxaquecas que o paralisavam, resolveu largar a droga. Da academia à farra momesca, que segue mesmo com o término oficial da festa, foi um pulo quase natural.

A reportagem de VEJA esteve em blocos do Rio de Janeiro e presenciou a proliferação de tadala, vendida por unidade — 20 reais o comprimido de 20 miligramas (a mais fraca é de 5 miligramas), mais ou menos cinco vezes o preço da farmácia. "Está vendendo mais do que cigarro", celebrava um ambulante, que evidentemente não pedia à clientela a receita médica exigida por lei. O público-alvo aí gira em torno de 18, 20 anos, grupo demográfico no ápice da produção de testosterona, o principal hormônio sexual masculino. O objetivo é elevar o entusiasmo. "Vou sobreviver neste Carnaval à base de álcool, glitter e tadalafila", contou um jovem, que faz um uso que preocupa os especialistas, sobretudo em momentos como o Carnaval. "É preciso tomar cuidado. Não há estudos sobre a interação do remédio com outras drogas e sua mistura com álcool ainda aumenta as chances do sexo sem camisinha", alerta o presidente da Sociedade Brasileira de Urologia, Luiz Otavio Torres.

O foco excessivo no desempenho sexual e o temor de não ter uma ereção na hora H é o que faz com que recorram à tadala, mesmo sem qualquer sinal de impotência. "Eles não estão preocupados tanto com o prazer e a troca, mas em aparecer para o outro. Vivemos a era das drogas de força,


PRISCILA NOLASCO/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

EMBALO Folia em São Paulo: "pílula da performance" saiu mais do que cigarro

disposição e desempenho", afirma o antropólogo Bernardo Conde. Aos 19 anos, Henri Ricardo diz, dando voz à crescente fatia desses adeptos: "Gosto de usar para dar uma potência, especialmente em histórias que duram uma madrugada só", assume. Pois o uso do remédio sem acompanhamento médico pode tornar o indivíduo psicologicamente dependente dele para manter relações sexuais. A própria bula esclarece outros de seus possíveis efeitos colaterais — dor de cabeça, tontura, indisposição gástrica, dor muscular, náusea, fadiga e, em situações extremas, até eventos cardiovasculares graves. "É um medicamento como qualquer ou-

tro, com seus benefícios e efeitos colaterais. Sem orientação profissional, é totalmente desaconselhado", reforça José Ricardo Amadio, do Conselho Federal de Farmácia.

Nas academias ou na folia de rua, a moda tadala expõe uma contradição da juventude. Enaltecida por sua capacidade de exercer a liberdade, romper tabus e levar uma existência em que saúde mental é um valor inegociável, ela se revela ao mesmo tempo enredada na busca por elevados padrões de performance — seja em relação ao corpo, seja na vida sexual. As redes, às quais está firmemente ligada, acabam por estimular uma cobrança por perfeição e a fuga às frustrações. "O jovem anda hoje inseguro", avalia a psicanalista Junia de Vilhena, à frente do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social da PUC-Rio. Embalada por todos esses ingredientes, a onda tadala, ao que tudo indica, está longe de se encerrar na Quarta-Feira de Cinzas. ■

LORIE ANN BRUNI





A FORÇA ESTÁ DENTRO DE CADA UM DE NÓS

O advogado Adriano Bisker, surdo oralizado, pai de cinco filhos, não se deixou vencer pelas limitações



EU NASCI OUVINTE, e com 7 meses de idade contraí meningite meningocócica. É considerado o tipo mais grave da doença, exige tratamento imediato. Porém, naquela época não tinha vacina, não havia informação. Era 1973, estávamos na ditadura, as notícias não circulavam como hoje e a divulgação do surto chegou até a ser censurada na imprensa. Meu pai diz que fiquei entre a vida e a morte. Sobrevivi, mas adquiri uma surdez bilateral profunda. Escuto uma voz grave, uma porta batendo, um cachorro latindo, ruídos mais graves eu consigo ouvir. Fora isso, sem aparelho, não escuto nada.

A meningite foi curada, mas não diagnosticaram a surdez. Tenho um irmão e uma irmã mais velhos, e por meio deles é que eu falava. Eles falavam tudo por mim. Meus pais, sempre atentos, então procuraram especialistas para saber o

que estava ocorrendo comigo. Com 4 anos de idade, coloquei meu primeiro aparelho, mas apenas aos 6 comecei a ouvir alguma coisa. Minha fonoaudióloga diz que tiro água de pedra, porque, com um grau de perda tão severa, a adaptação seria difícil. Estou muito bem. Mas não é fácil, claro. Se estou numa reunião com dez pessoas, consigo ouvir apenas uma. Tenho dificuldade no teatro, no cinema dublado — por isso defendo legendas em animações de filmes nacionais, porque não entendo 90% dos diálogos.

A oralização, que é o processo de aprender a falar mesmo sem ter a referência da escuta, também foi de muito esforço, de trabalho contínuo. Não há outro caminho: a gente tem de buscar todas as alternativas para superar a deficiência. Sou muito feliz pelos meus pais terem me motivado para que eu buscasse a comunicação. Sempre li muito, adoro ler, inclusive foi o que me levou para a advocacia. Quando comecei a estagiar, ficava mais nos bastidores fazendo petição. Hoje, faço pouca audiência, porque pode acontecer de um juiz dizer algo e eu não ouvir. Por isso sempre tive um colega me acompanhando nessas situações. Eu busco alternativas de estar presente, mas não estar sozinho.

Tenho dois meninos do primeiro casamento, mas infelizmente não tenho convivência diária com eles. Eu e minha segunda esposa tivemos trigêmeas, e tive de mergulhar de cabeça na paternidade. A grande questão é: como o filho lida com o pai surdo? Daí criei um blog, *Pai de Cinco,* para contar ao mundo o que vivo em casa. Eu os ouvia todas as

vezes? Não. Porque eu não fico com o aparelho 24 horas por dia. Tiro para tomar banho, para entrar na piscina e para dormir. Mas a criança se adapta, percebe que não foi compreendida e insiste. Em um primeiro momento é possível que se incomode, vai falar mais alto, vai chamar você várias vezes até conseguir uma resposta. Eles aprenderam a ter uma comunicação diferente comigo.

A gente lida com frustrações, é óbvio e esperado. Uma vez, meu filho ainda pequeno falou: “Pai, um dia vou ser surdo também?”. Eu respondi: “Não, filho, você não vai ser surdo, porque eu peguei uma doença que não é genética. Olha filho, seu pai está careca, provavelmente você vai ser careca, porque isso é genético, mas a surdez você não vai ter”. Acho ótimo que a criança pergunte, porque faz parte das preocupações infantis. Ela se adapta com o pai surdo, mas não tem como esconder o temor, o receio do futuro.

Não vou dizer que foi fácil e que esteja tudo resolvido. Não. Vou dizer que ser surdo é bom? Não. Nenhuma deficiência é boa, mas dentro da limitação você aprende a se superar. A força está dentro de cada um de nós. Cabe a cada pessoa buscar a melhor forma de aparecer para o mundo, de ter um diferencial para sua família ou para quem quer que seja, para que não nos escondamos dentro de nossas próprias dificuldades. Espero poder oferecer minha trajetória como exemplo para outros surdos oralizados. ■

Depoimento a Natalia Tiemi Hanada

A ESTRATÉGIA VIKING

Ao mesmo tempo que vive da exploração e venda de petróleo, o governo da Noruega investe firme e faz relevantes avanços na direção de uma economia sustentável **AMANDA PÉCHY**



TIRA LÁ, DÁ CÁ Plataforma no Mar do Norte: lucros alimentam fundo para energia sustentável

LARS LINDQVIST/DN/TT NEWS AGENCY/AFP

UM DOS MAIORES produtores de petróleo do mundo, a Noruega atravessa uma experiência inédita: está investindo vastos recursos na transição para a economia verde. Os 5,5 milhões de habitantes do país no extremo norte da Europa adotam tecnologias sustentáveis em ritmo mais veloz do que em qualquer outro lugar, privilegiando a captura de carbono e a transposição para veículos elétricos, que já representam quase 90% das vendas de modelos novos. Ao conectá-los, dispõem de uma rede elétrica que funciona 95% à base de energias limpas — à frente do Brasil, que costuma se gabar (com razão) de seus 89% de fontes renováveis. Isso em um notório petroestado, que extrai mais óleo per capita do que russos, americanos e sauditas e tem nos combustíveis fósseis a metade de sua receita de exportação.

A descoberta de petróleo no Mar do Norte, em 1969, mudou de patamar a posição da Noruega entre seus pares. De renda per capita 30% menor do que a dos Estados Unidos e 15% inferior à da vizinha Suécia, hoje ultrapassa a média dos americanos em 4% e a dos suecos em 18%. "Já estávamos entre os dez países mais ricos antes do petróleo. O que fez a diferença foi a maneira de administrar a riqueza", observa Benedicte Bull, professora do Centro de Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade de Oslo. Os lucros obtidos alimentaram o que viria a se tornar o maior fundo soberano do mundo, hoje com 1,5 trilhão de dólares em ativos, três vezes o PIB norueguês. O fundo usa seu peso para acelerar a transição a uma economia mais verde no país e

FRANK FELL/ROBERT HARDING/AFP



RIQUEZA Oslo: trilhões para fazer da capital modelo de sustentabilidade

em toda parte (no Brasil, é o maior investidor do Fundo Amazônia), pressionando a infinidade de empresas em seu portfólio a abraçar metas sustentáveis.

A ideia de usar o dinheiro das perfurações de petróleo para patrocinar uma transição energética é o argumento que tem sido usado pelo governo daqui, dentro do esforço de convencimento para a exploração das reservas da Margem Equatorial. O exemplo norueguês mostra que isso pode ser feito, sim, mas depende da aplicação de uma política séria, com metas bem definidas. Estimulada pelo governo a despoluir sua produção, a indústria do país nórdico toma me-

GORM KALLESTAD/NTB/AFP



NOVA MATRIZ Carregamento de carro elétrico: opção por frota não poluente

didas pouco vistas no resto do mundo. Em novembro, a Yara International, produtora de fertilizantes — setor que emite globalmente mais carbono do que aviação e transporte marítimo juntos —, inaugurou ao sul de Oslo a maior usina de hidrogênio verde da Europa. Na mesma região, uma fábrica de cimento será a primeira do mundo a capturar carbono durante suas operações, mudança que conta com 200 milhões de dólares em recursos públicos. Oslo, aliás, foi a primeira cidade do planeta a definir uma meta drástica para canteiros de obras (a construção civil é responsável por 40% das emissões mundiais): a partir do ano que vem, não podem mais li-

berar CO_2 na atmosfera. Em paralelo, a Noruega já tem mais bombas de calor por domicílio, que trocam o gás natural por fontes renováveis para aquecer casas e prédios, do que qualquer nação tirando o Japão. E até o final deste ano será o primeiro país onde veículos elétricos superam carros com motor a combustão.

O equilíbrio entre pensar no futuro e usufruir da dependência mundial de combustíveis fósseis não é fácil. As sanções contra a Rússia por invadir a Ucrânia levaram o continente a se voltar para o gás norueguês. Resultado: a receita líquida da indústria petrolífera saltou mais de 350% de 2021 para 2022, para 127 bilhões de dólares, e levou o governo a conceder um número recorde de licenças de exploração. A expansão despertou acusações de *greenwashing*, a prática usada por poluidores de fazer de conta que estão preocupados com o meio ambiente. Em entrevista a VEJA, o primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Støre, disse que é, sim, necessário deixar para trás a era fóssil, mas a mudança tem que ser gradual. “A era dos renováveis não vai ser inaugurada do dia para a noite”, ressalta. Analistas concordam que será impossível substituir sem dor uma indústria equivalente a 20% do PIB, mas apontam que o sacrifício também oferece oportunidades. “A Noruega é o maior produtor de energia hidrelétrica da Europa e tem bom potencial para energia eólica”, avalia Steffen Kallbekken, conselheiro do Comitê de Mudanças Climáticas do governo nórdico. Os próximos anos dirão se o país dos vikings vai se transmutar de vilão em herói climático. ■

DEPOIS DO VENDAVAL

A cidade de Gramado busca atrair turistas com uma programação intensa e vira símbolo da recuperação do Rio Grande do Sul após a tragédia das chuvas em 2024

ANDRÉ SOLLITTO



CELEBRAÇÃO Festa da vindima: entre fevereiro e março, o local celebra a colheita da uva com degustações e eventos

CLEITON THIELE/SERRAPRESS

NO INÍCIO DE 2024, quando os primeiros dados referentes ao ano anterior começaram a ser contabilizados, a Secretaria de Turismo de Gramado, no Rio Grande do Sul, apontou um recorde: a cidade havia recebido em um ano mais de 8 milhões de turistas, de passagem ou em visita demorada, atraídos pela arquitetura de inspiração europeia, o charme, as hortênsias e o vinho. Entre os profissionais do setor, havia uma expectativa de que os doze meses seguintes seriam ainda mais movimentados. Contudo, a tragédia das enchentes no estado, entre o final de abril e o começo de maio, representou freio e recuo. O colorido deu lugar ao cinza, o sorriso, ao choro pelas vidas perdidas.

A cidade não foi tão afetada quanto Porto Alegre, é verdade, mas os estragos foram severos. Após as chuvas, cerca de 500 hotéis e restaurantes fecharam as portas. No bairro Piratini, uma rua desmoronou por causa do excesso de chuvas. A destruição de rodovias de acesso a Gramado e o fechamento prolongado do aeroporto Salgado Filho, na capital gaúcha, tiveram grave impacto. Houve tempo ainda de evitar o pior cenário para o turismo no final de 2024 — Gramado recebeu 6,5 milhões de turistas no ano passado, o que não foi suficiente para acabar com a dúvida sobre quanto tempo seria necessário para a recuperação do turismo no patamar anterior às enchentes.

Aos poucos, no entanto, os temores vão se dissipando e o que se vê por lá é uma onda de otimismo. Estima-se fechar o primeiro trimestre com 1,5 milhão de visitantes.

INSTAGRAM @CASTELOSAINTANDREWS



SOFISTICAÇÃO O Castelo Saint Andrews, com vista para o verde do Vale do Quilombo: uma das atrações de luxo

Mantido esse ritmo, a cidade deve receber em 2025 cerca de 8 milhões de turistas. Assim, Gramado vem se tornando um símbolo da reconstrução gaúcha. A temporada se aproxima com um brinde. Entre fevereiro e março, a cidade faz uma festa para celebrar a vindima, a tradicional colheita das uvas. Embora algumas regiões tenham começado o processo mais cedo, como a Campanha Gaúcha, na direção da fronteira com a Argentina e o Uruguai, por conta do calor acima da média, a celebração deste ano tem um sabor especial. Após a quebra de safra de 30% em 2024 e

dos efeitos devastadores das enchentes, a expectativa dos viticultores é de uma produção acima da média em termos de qualidade. Os visitantes podem degustar rótulos locais e participar de atividades como a pisa das uvas. A Vindima 2025 comemora também os 150 anos da imigração italiana, com atividades gastronômicas.

A programação atrelada aos vinhos, com a presença de enólogos em jantares harmonizados, virou ímã. "O vinho tem atraído muita gente, com a participação de produtores de cidades vizinhas, como Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul", diz o empresário Guilherme Paulus, dono do gramadense Castelo Saint Andrews, com vista para o Vale do Quilombo, e fundador da CVC Viagens. O hotel de luxo, com diárias a partir de 3 200 reais, tem uma agenda que incluiu até um baile de Carnaval veneziano, voltado para quem busca experiências mais sofisticadas.

Para além do mundo dos vinhos, uma das apostas para atrair turistas é o NBA Park, inaugurado em 2023. Trata-se do primeiro parque temático dedicado ao basquete americano fora dos EUA, com museu e quadra oficial. Na vizinha Canela, a apenas vinte minutos de Gramado, fica o Space Adventure, parque temático dedicado à exploração espacial, com peças originais trazidas de coleções da Nasa.

Além de recuperar os turistas brasileiros que fugiram de Gramado por causa da imagem das chuvas, o desafio local é trazer mais estrangeiros. "É preciso viajar e participar de feiras internacionais para vender nossos atrativos

EVANDRO/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS



PREJUÍZO Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre: acesso fechado em 2024

no exterior", diz Guilherme Paulus. A receita não serve apenas para Gramado, evidentemente. Atrair um público internacional maior é essencial para estimular um setor que contribui com 7,7% do PIB nacional. Poderia ser ainda mais. Na Espanha, por exemplo, representa 12%. Com a diversidade brasileira, potencial não falta. E cidades como Gramado podem assumir um papel relevante. Atrativos como a arquitetura europeia, o charme do local, as hortênsias e o vinho estão de volta para quem deseja curtir as delícias do renascido município da Serra Gaúcha. ■

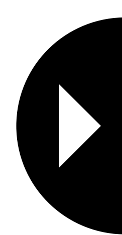
BATALHA CULTURAL

A rejeição no Japão a um game ambientado no período feudal é recente capítulo de uma preocupação legítima de nosso tempo: o cuidado com os estereótipos

ALESSANDRO GIANNINI



DUPLA DINÂMICA Yasuke e Naoe: os dois protagonistas de *Assassin's Creed: Shadows*



UBISOFT

É FATO HISTÓRICO reconhecido. Yasuke foi um jovem negro que serviu ao senhor feudal japonês Oda Nobunaga no século XVI. Acredita-se que tenha nascido em Moçambique, embora algumas teorias sugiram outras origens na África. Ele chegou ao Japão em 1579, a serviço do jesuíta italiano Alessandro Valignano, que liderava missões nas Índias. Impressionado com a altura, a força e a aparência do guarda-costas de Valignano, Nobunaga o incorporou a seu séquito e, com o passar do tempo, passou a considerá-lo um guerreiro valioso e confiável. Teria sido o primeiro samurai de origem estrangeira, embora essa condição ainda produza imensa discussão acadêmica. Polêmicas à parte, a força da história é tamanha que o personagem virou inspiração para livros, filmes, séries e videogames.

Em *Assassin's Creed: Shadows*, 14º título da popular franquia de ação e aventura da francesa Ubisoft, Yasuke assume o papel de uma das duas figuras que o jogador pode manipular — seu estilo é de combate direto, de força bruta e habilidades com a espada. A outra é a pequena Naoe, uma shinobi habilidosa, pequena ninja mestre da furtividade, que se destaca por sua agilidade e assassinatos silenciosos. A empresa tinha grandes expectativas em torno do jogo, mas a forte rejeição dos japoneses surpreendeu. A controvérsia levou a atrasos na data de entrega — inicialmente prevista para novembro de 2024 e adiada para março deste ano. Deu-se a confusão, que não para de crescer, em decorrência de um choque de cultura.


STEEVE-X-ART/ALAMY/FOTOARENA

PESQUISA Ilustração do século XVII: o suposto "samurai negro" *(à esq.)*

Em junho do ano passado, durante o Forward, convenção da Ubisoft em Los Angeles, o debate estava quente antes mesmo da apresentação do primeiro vídeo com cenas de jogo de *Shadows*. O problema: a representação de Yasuke como um assassino habilidoso e uma figura central na narrativa havia sido considerada historicamente imprecisa e desrespeitosa à cultura japonesa. Os críticos argumentaram que os desenvolvedores tomaram liberdades em demasia, priorizando vieses contemporâneos em detrimento da autenticidade. "Reconheço haver uma discussão em

torno do personagem", disse a VEJA o produtor Karl Onneé, à frente do projeto por quatro anos. "Mas tivemos o cuidado de trabalhar com historiadores, que nos ajudaram a construir a relação do personagem com o senhor feudal."

O zelo parece ter sido insuficiente. As acusações de deturpação cultural e desrespeito aos fatos sobejamente estudados viraram guerra. As cenas de Yasuke destruindo um santuário e as imprecisões na representação dos samurais viraram chumbo grosso. Além disso, o uso de elementos sem a devida autorização, como a bandeira de um grupo milenar e o design da espada katana, elevou ainda mais o tom da discórdia. Houve até quem, à margem das evidências, tenha acusado a construção do Yasuke negro como uma suposta "postura woke". Até Elon Musk meteu a colher no caso, em uma postagem no X: "DEI mata a arte". DEI é a sigla para "diversidade, equidade e inclusão".

A Ubisoft ainda tentou aplacar a ira dos japoneses com uma declaração pública, em nota oficial em torno do cuidado na produção, mas não adiantou. "Nossa intenção nunca foi apresentar nenhum dos nossos jogos *Assassin's Creed*, incluindo *Shadows*, como representações factuais da história ou de personagens históricos", anotou o texto. "Em vez disso, pretendemos despertar a curiosidade e encorajar os jogadores a explorar e aprender mais sobre os cenários nos quais nos inspiramos." No Japão, em recuo necessário, *Shadows* será lançado em versão mais amena, que não permite cenas de mutilação.

A briga — essa que agora despontou em um game, ponta de lança do entretenimento global — é um fato de nosso tempo, tem se espalhado em batalhas retóricas fundamentais, porque o respeito às origens é compulsório. Não dá mais para brincar de estereótipos, atalho para a xenofobia. Aliás, a própria série *Assassin's Creed* viveu outros sustos. Em 2014, o capítulo *Unity*, ambientado durante a Revolução Francesa, foi severamente cutucado por líderes da esquerda francesa, incomodados com o perfil sanguinolento de gente do povo. Em 2017, *Assassin's Creed Origins* foi vaiado pelo desenho impreciso da Batalha de Actium, na Grécia Antiga, o que resultou em uma atualização que permitia aos jogadores se alternarem entre duas versões do confronto. Tudo somado, é o caso de dizer que não dá mais para brincar, a pesquisa séria é fundamental, e adeus aos lugares comuns. Convém lembrar, por exemplo, que o Brasil não é apenas o "país do Carnaval", apesar da folia dos últimos dias. ■

A VIDA PODE SER DOCE

Ao prepararem sobremesas bonitas, saborosas e originais, os chefs confeiteiros ganham o devido e tardio reconhecimento como estrelas das cozinhas **ANDRÉ SOLLITTO**



DE COMER COM OS OLHOS
Quitutes expostos em vitrine: capricho maior no visual

ISTOCK/GETTY IMAGES

A CONFEITARIA foi quase sempre o patinho feio da gastronomia. Os grandes chefs de restaurantes brilhavam em entrevistas e shows de televisão, ao revelar a inspiração e o processo criativo por trás de seus principais pratos. Os chefs pâtissiers, como são chamados os responsáveis pelas criações doces *(pâtisserie* significa confeitaria em francês), trabalhavam no anonimato e no calor das cozinhas, sem o devido reconhecimento. Há, agora, um movimento de recuperação do grupo à sombra. Hoje, e cada vez mais, esses profissionais estão à frente de uma tendência que instala as sobremesas caprichadas em primeiro plano. Os chamados "doces de vitrine", aqueles que ficam expostos para atrair os clientes também pela beleza, ganharam novo status. E o poder das redes sociais fez com que seus criadores se tornassem personalidades populares.

É processo que ganha tração no Brasil, depois de explodir o paladar dos consumidores na França, sobretudo, e nos Estados Unidos. No ano passado, o porto-riquenho Antonio Bachour, eleito três vezes o melhor chef confeiteiro do mundo pelo *The Best Chef Awards*, abriu uma loja na Rua Oscar Freire, em São Paulo, um dos endereços mais badalados da maior metrópole do país — chama-se Mata Café by Bachour. Outros endereços brotaram no rastro da pioneira. É o caso da Joya, na Vila Madalena, na Zona Oeste da cidade, comandada por Isabela Honda, que trabalhou no estrelado Tuju. Há ali, também, o Ara, primeiro

MARCELINHO SANTOS/BAND



VISIBILIDADE Primeira edição do *MasterChef Confeitaria:* alcance nacional

restaurante de sobremesa do país, de Rodrigo Ribeiro. Nos Jardins, José Paulo Rossetti comanda o Bake Sale. Como prova da força do fenômeno, as inaugurações recentes chegaram também ao Rio de Janeiro: a especialista em chocolates Luísa Jungblut lançou marca própria, a Arco; e o confeiteiro Pedro Frade colocou no mercado a Caramelo.

Não há dúvida, conquista-se espaço pela qualidade dos produtos, mas, por seu colorido e graça, as invenções caíram na câmara de eco da internet antes mesmo de serem

provadas, o que ajudou a alimentar a festa. Tome-se como porta-voz dessa estrada um francês de enorme talento no forno e outro tanto para o marketing, Cédric Grolet. Ele ficou conhecido por doces que por fora parecem frutas e por dentro revelam camadas distintas de sabores. Hoje, tem 12 milhões de seguidores nas redes. Sua loja física em Paris, perto da Ópera Garnier, tem filas que nunca cessam, faça frio, faça calor. Grolet já veio ao Brasil, mas para a campanha de publicidade de uma loja de roupas. Não é o único. O franco-suíço Amaury Guichon, famoso pelas criações com chocolate, é seguido por 17 milhões de pessoas.


INSTAGRAM @CEDRICGROLETOPERA

INFLUÊNCIA O chef francês Cédric Grolet: formulações inspiradas em frutas viraram mania nas redes sociais

Tanto barulho, é natural, os levaria também para outro palco iluminado, os reality shows de televisão. No Brasil, a realização da primeira temporada do *MasterChef Confeitaria,* pela Band, ajudou a levar o universo das sobre-

mesas a um público mais amplo. As técnicas usadas na elaboração de doces são diferentes, com uma nomenclatura própria. Conceitos como glaçagem (o efeito brilhante de algumas sobremesas) e entremet (o bolo com várias camadas, envolto em mousse e com cobertura) agora são compreensíveis.

Há, contudo, um dilema. Os chefs sabem precisar de produtos criativos, diferentes de tudo o que já se viu por aí, mas há o risco de os novos sabores incomodarem. O caminho, por ora, é apostar no certo. O onipresente pistache, por exemplo, aparece no cardápio da maioria das confeitarias. "Em alguns casos, precisamos conversar com o cliente e convencê-lo a provar algo diferente", diz José Paulo Rossetti, do Bake Sale. Assim, alguém que entra em sua loja acaba conhecendo uma sobremesa como a Memorie, que leva cambuci, limão, coco e a pimenta Timut, originária do Nepal, de sabor cítrico. Rossetti tem ainda um podcast sobre o tema, o *Pastry Cast,* com Diego Lozano, ex-jurado do *MasterChef,* e seu irmão, Pablo Lozano.

Tudo gostoso, mas caro. Os doces de estilo têm preços salgados. Em algumas das confeitarias badaladas são vendidos a cerca de 50 reais a unidade. O valor reflete o custo dos ingredientes e a "grife" que assina as receitas. Paga-se pelo inusitado e pelo cuidado. "Só estou satisfeito quando a minha sobremesa é melhor do que a fruta que a inspirou", diz Grolet. É de comer com os olhos, mas com a boca também. ■

FICAM OS ANÉIS

Adereço usado no passado como selo de nobreza por aristocratas, reis e papas, o sinete de dedos mindinhos conquista os jovens da chamada geração Z **SIMONE BLANES**

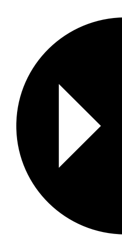
AARON CHOWN/PA IMAGES/GETTY IMAGES



JP YIM/GETTY IMAGES



MANIFESTO Meghan *(acima)* e Rihanna: pouco importa se o modelo é de ouro, prata ou manufaturado com minerais simples, o que vale é a mensagem de poder feminino



OS ANÉIS vão muito além da simplicidade do objeto, da beleza estética do milenar adereço. Eles são como um megafone, ao ecoar mensagens. A aliança de noivado usada no dedo anelar direto, ao passar para o esquerdo, avisa haver um casamento, o que não é pouca coisa. Agora, em tendência interessante demais para ser desdenhada, os jovens da chamada geração Z, de 20 e poucos anos, aderiram ao sinete — a peça usada no dedo mindinho, preferencialmente o da mão esquerda, mas nem sempre. Os *siggies,* como são chamados em inglês, estão em todas, na ficção e na realidade. Aparecem em filmes como *Saltburn*, em séries de época, nas redes sociais, é claro — e viva a conta *Signet Ring Social* no Instagram —, e nas fotos de gente famosa. A ex-princesa Meghan Markle, chamemos assim, mulher de Harry, despontou antes do Carnaval com seu exemplar, discreto, e do lado direito. Rihanna, que não perde uma onda, surgiu com um modelo a exibir uma pérola. Taylor Swift ganhou um da melhor amiga, a modelo Gigi Hadid, com referências a seus gatos e o namorado, o jogador de futebol americano Travis Kelce.

É minúscula circunferência com muita história. Criada na Grécia Antiga, o sinete foi amplamente usado dos séculos XVI ao XVIII como selo de nobreza, quase sempre atrelado ao brasão de família em metal, em ouro ou prata, que,



DIVULGAÇÃO

JOIA Modelo vintage Cartier: minimalismo

pressionado contra um material maleável, como cera ou argila, o carimbava. Por isso, ao modo de assinatura, era usado para selar cartas e documentos oficiais. Virou obrigatório entre aristocratas e reis (Charles III, é claro, tem o seu). Todo papa tem o “anel do pescador”, um dos símbolos pétreos da Igreja Católica, e não por acaso ele é destruído quando um pontífice morre, marco do fim de uma era de poder.

A boa-nova é a popularização da joia, agora entre plebeus. Louve-se, para o atual sucesso, a influência da princesa Diana, que nos anos 1980 decidiu usá-la (era um Cartier), quebrando um tabu: antes, apenas aos homens era dado portar um sinete. Diana não quis saber, na contramão, e então as mulheres começaram a exibi-lo com orgulho. Atualmente, portanto — ainda que não seja proibido para o universo masculino



TIM GRAHAM PHOTO LIBRARY/GETTY IMAGES

CORAGEM
A princesa Diana, nos anos 1980: antes era coisa de homem

—, virou sinônimo de empoderamento feminino, um manifesto necessário.

Meghan agora emula a ex-sogra, e convém prestar atenção na moça rebelde, porque ela tem poder de fazer acontecer entre os jovens. O sinete dela, manufaturado pela mítica Bentley & Skinner britânica de tempos vitorianos, tem as iniciais "HM" em letra cursiva, debaixo de uma coroa, monograma criado para o casamento de 2018, usado em suas correspondências oficiais, ainda que ela e o marido tenham se afastado das agruras da realeza. "Meghan é figura relevante na modernização das joias reais, mesmo afastada do trono", diz Bianca Zaramella, professora do Istituto Europeo di Design. Na maré, por natural, começam a despontar sinetes de grifes celebradas, como Cartier e Van Cleef & Arpels, com preços a partir de 900 euros. Um Patek Philippe de ouro vai a 15 000 euros. Mas há, é evidente, exemplares mais em conta, de minerais menos nobres, porque o que importa é o que se quer dizer. Ficam os anéis. O sinete diz muito com muito pouco. É classudo, tem passado, elegância e força. ■



LUCILIA DINIZ

ENTENDENDO A NATUREZA

A crença cega no que é natural

OLHE AO REDOR. Quantas coisas ao alcance da sua vista são 100% naturais? Mesmo sem saber o cenário exato de onde cada um me lê, acho bem provável que quase tudo à sua volta tenha algum traço da mão do homem. Para sobreviver, o homem precisou entender a natureza — e se entender com ela.

Vivemos uma aparente contradição. Apreciamos a tecnologia e dependemos de seus avanços. Ao mesmo tempo — e talvez por isso mesmo —, poucos resistem ao apelo de que "natural" seja bom, enquanto o produzido pelo homem é visto como perigoso. Mas será que existe mesmo um contraste entre o que é supostamente primitivo e puro e o que é elaborado e sintético?

Hoje parece inquietante que tenhamos carne cultivada em laboratório, frangos e bovinos geneticamente modificados, milho híbrido para resistir a pragas e outras intervenções feitas para aumentar a produtividade e satisfazer as demandas de um mundo em constante crescimento. Mas vale lembrar que essas inovações não brotaram do nada. Elas são decorrentes da evolução de nossa relação com a natureza.



Há milênios agimos sobre os produtos de origem natural. Antes de todas essas novidades, domesticamos vegetais com cruzamentos e enxertos sucessivos, para melhorar seu sabor e sua resistência: a abobrinha, o tomate e diversas outras plantas em seu estado selvagem eram bem diferentes.

A ciência, aliás, não só modifica a natureza, mas se vale dela. Vêm do mundo natural muitos ativos que utilizamos em medicamentos comerciais. O Ozempic, por exemplo, foi desenvolvido a partir do estudo do veneno do lagarto chamado monstro-de-gila. Os cientistas descobriram nele um hormônio capaz de tornar a digestão mais lenta, permitindo ao réptil ficar longos períodos sem comer.

Por outro lado, fontes bem menos exóticas podem fornecer substâncias potencialmente letais, a depender da dose. É o caso do cianeto, presente em sementes de algumas frutas. É claro que ninguém vai se intoxicar por mordiscar o caroço de um

“Será que existe mesmo um contraste entre o que é primitivo e puro e o que é elaborado e sintético?”

pêssego. Mas menciono esse fato como um lembrete de que nem tudo o que é natural é intrinsecamente bom.

Essa crença é muito arraigada e, com base nela, muitos defendem uma volta a práticas ancestrais de saúde e bem-estar. Embora várias delas de fato reflitam sabedorias valiosas, nem sempre “antigo” equivale a “melhor”. Vale lembrar que surgiram em contextos de vida e medicina muito precários, nos quais a explicação do mundo passava em grande medida pelo sobrenatural. É quase impensável (embora aconteça) defender hábitos vindos de tempos nos quais a expectativa de vida não se aproximava nem remotamente da nossa.

Muitos querem acreditar numa natureza intocada que nos dá tudo quanto precisamos. Quando lemos em um rótulo termos como “livre de química”, pensamos estar seguros e conectados outra vez a esse suposto estado essencial. Mas, pondo os fatos em perspectiva, fica bastante claro que os benefícios para a saúde não estão esperando para ser colhidos na floresta ou no pomar.

Talvez a ideia de uma natureza sempre boa venha do fato de ela não agir com segundas intenções — ela simplesmente é. Comparada às maquinações humanas, parece inocente. Esse é um falso contraste. Entendê-la, estudá-la, modificá-la e respeitá-la equivale a evolução. A natureza também se adapta e se defende, inclusive de nós. ■

O OSCAR É SÓ O INÍCIO

Com o feito de *Ainda Estou Aqui* no prêmio, o Brasil fez história – e, a exemplo de outros países, tem uma janela de oportunidade para alavancar como nunca a indústria do cinema

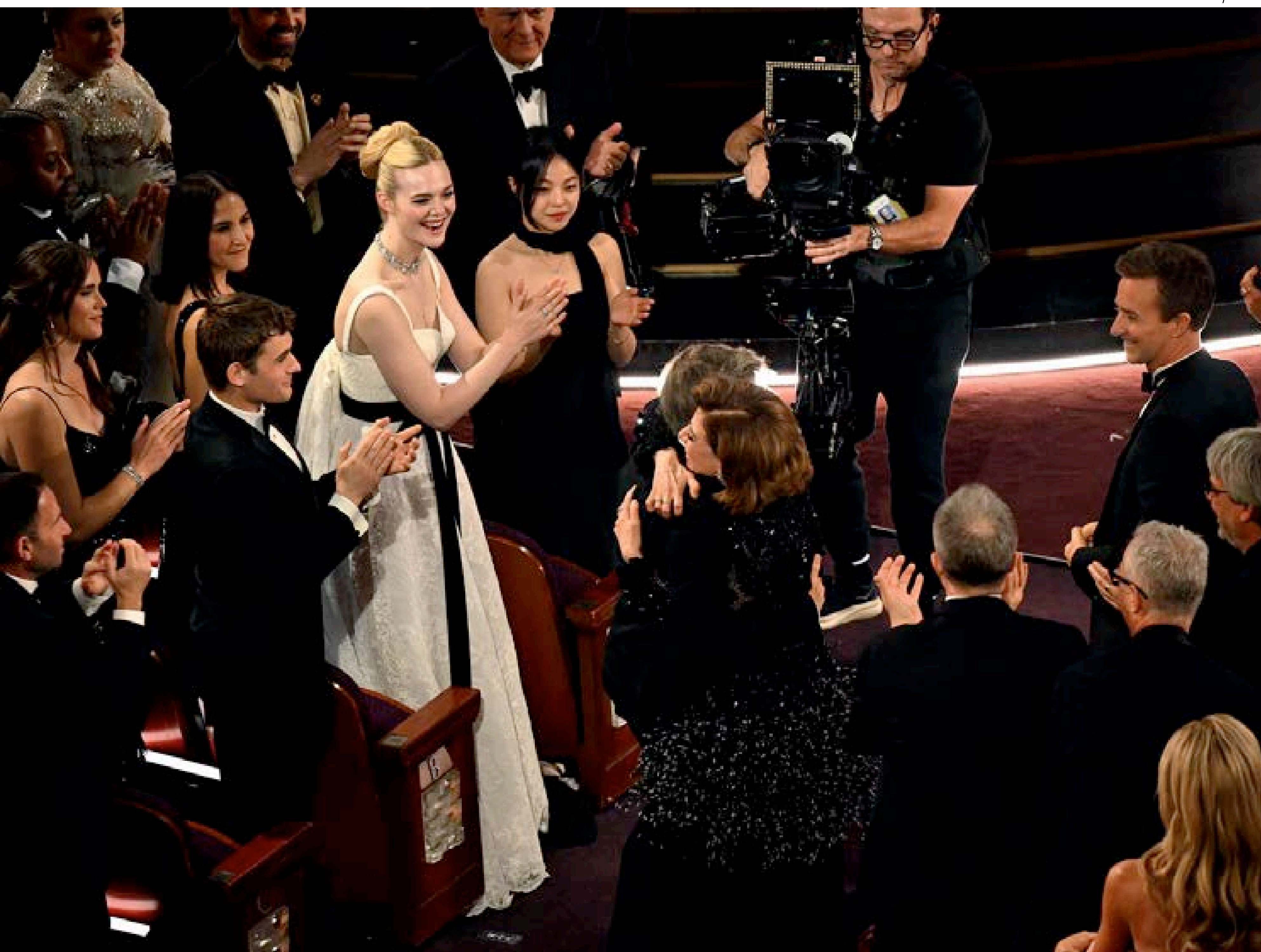
RAQUEL CARNEIRO



SCOTT KIRKLAND/DISNEY/GETTY IMAGES

Ao subir no palco do Dolby Theatre, em Los Angeles, no último domingo, 2, o cineasta Walter Salles teve um gostinho nunca antes permitido a um brasileiro: o de discursar na condição de vencedor da estatueta máxima do cinema, na categoria de filme internacional, pelo sucesso *Ainda Estou Aqui*. O diretor dedicou o troféu a Eunice Paiva, ativista e viúva de Rubens Paiva, que foi assassinado por agentes da ditadura militar em 1971, drama retratado no longa nacional que recebeu três robustas indicações. Homenageou também Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, "as duas mulheres extraordinárias que deram vida a ela". Nem a derrota da fenomenal

PATRICK T. FALLON/AFP



MARK VON HOLDEN/THE ACADEMY



ACLAMADOS Salles após a vitória *(à esq.)* e com Fernanda Torres *(à dir.)* na festa do Oscar: aplaudidos por estrelas de Hollywood na premiação

Fernanda para a novata Mikey Madison, de *Anora,* calou o grito digno de vitória na Copa que estava entalado na garganta dos brasileiros desde os anos 1990, quando *Central do Brasil,* do mesmo Salles, perdeu o Oscar. As celebrações foram ouvidas das arquibancadas da Sapucaí, em meio aos desfiles das escolas de samba cariocas, às ruas do Pelourinho, em Salvador. Máscaras com o rosto de Fernanda Torres proliferaram entre os foliões. Mas a cena de maior simbologia dessa conquista inédita transcorreu na própria premiação: celebridades hollywoodianas aplaudiam de pé o cineasta — que recebeu a honraria em nome do país, como dita a regra da categoria — e levantaram-se para mais palmas quando, já com a cobiçada estatueta em mãos, ele deu um abraço emocionado em Fernanda na plateia.

A festa foi o final de uma campanha exitosa, que impressionou pela dedicação impecável da atriz e de toda a equipe de *Ainda Estou Aqui* para sensibilizar os votantes da Academia. Mas a conclusão da jornada do filme também marca o início de uma nova e estimulante etapa para o cinema nacional. Toda vez que um país à margem do poderoso cinturão da indústria do cinema americano inscreve seu nome no Oscar, é como se suas produções obtivessem um certificado de maioridade aos olhos de um mercado bilionário global. Os casos de países como Argentina, México e Coreia do Sul — que triunfaram na "Copa do Oscar" antes do Brasil — ensinam como aproveitar essa deixa para ampliar o alcance e a estatura da cinematografia nacional *(leia o quadro "O efeito oscar").*

DIVULGAÇÃO



SUCESSO Selton e Fernanda com seus filhos ficcionais em *Ainda Estou Aqui:* filme rendeu 30 milhões de dólares ao redor do mundo

O primeiro efeito disso, claro, é o aumento do prestígio internacional dos talentos e realizadores brasileiros. Ao levar a estatueta dourada para casa, os premiados sobem vertiginosamente de patamar na indústria, ganhando respeito e visibilidade — combinação que costuma ser vertida em convites quentes lá fora. “Com certeza esse Oscar vai abrir portas para nossos talentos”, diz Rodrigo Teixeira, produtor de *Ainda Estou Aqui*. “O Brasil sempre fez cinema de qualidade. Agora, entramos em um novo ciclo.” Antes

O EFEITO OSCAR

Como a estatueta mudou a vida de profissionais e do setor em vários países



ARGENTINA

As duas vitórias, para **A História Oficial** (1985) e *O Segredo dos Seus Olhos* (2009), ajudaram os hermanos a estabelecer uma indústria prolífica e respeitada, com tramas cotidianas aliadas a fundos sociais e políticos

mesmo da vitória, o Oscar deu um empurrão valioso ao setor do audiovisual dentro e fora do país. A começar pela bilheteria de *Ainda Estou Aqui*, que bateu 30 milhões de dólares ao redor do mundo e se tornou o filme nacional mais visto pelos americanos nos cinemas até hoje. Surfando a "onda brasileira", títulos antigos ganharam novo fôlego. "Uma nova geração descobriu nossos filmes: viram pela primeira vez *Central do Brasil*, *Lisbela e o Prisioneiro*, *Terra Estrangeira*", comemorou Selton Mello numa coletiva de


NETFLIX

MÉXICO

Foram nove indicações ao Oscar de filme internacional até a vitória do país com **Roma** (2018). Por outro lado, as coproduções com os Estados Unidos deram 29 estatuetas de outras categorias para profissionais mexicanos

imprensa em Los Angeles, enumerando produções que integram seu currículo e o dos colegas no filme premiado.

Ele e Fernanda Torres já sentem o impacto positivo de tanta exposição. Selton acaba de rodar seu primeiro filme americano, um remake cômico do terror trash *Anaconda*, com Paul Rudd e Jack Black no elenco. Aclamadíssima com a vitória no Globo de Ouro e convertida em rosto pop durante a campanha pelo Oscar, Fernanda fechou contrato com uma agência de talentos americana, que vai mediar



DIVULGAÇÃO

COREIA DO SUL

Fenômeno incomparável, **Parasita** (2019) levou quatro Oscars e aumentou o passe do diretor Bong Joon-ho em Hollywood. A conquista reforçou o soft power sul-coreano, que exporta com louvor sua produção cultural para o mundo

possíveis projetos no exterior. "Ela está numa posição em que vai poder escolher o que fazer fora do Brasil", aposta Teixeira, que prevê ainda mais oportunidades internacionais para a equipe técnica do filme.

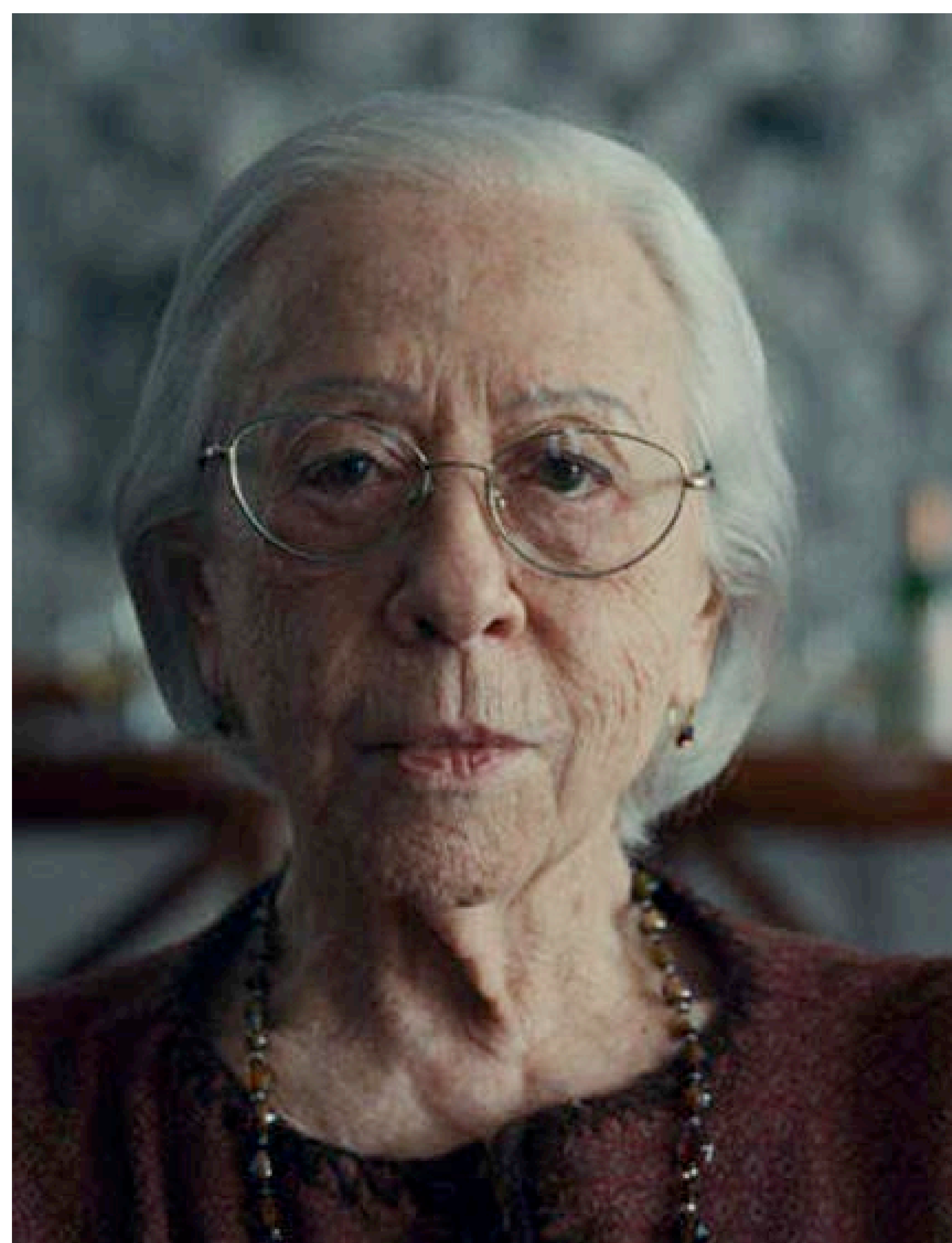
Esse processo de descoberta de um país graças ao Oscar é muito bem-vindo — mas os casos de outras nações que viveram o mesmo momento de frisson no passado mostram que é preciso bem mais para que ele passe de modismo a um fenômeno duradouro e sustentável. Quando faturou seu pri-

meiro Oscar, no longínquo 1986, pelo drama *A História Oficial*, o setor audiovisual da vizinha Argentina já exibia um vigor criativo notável — e que se expandiu por meio de uma teia de produtoras locais e parcerias com estúdios americanos. Quando roubou a cena no Oscar de 2020 com o incomum filme *Parasita*, de Bong Joon-ho, a Coreia do Sul nada mais estava fazendo que colher os frutos de um alentado processo de investimento na sua indústria de filmes e séries.

De lá para cá, o soft power sul-coreano, a capacidade de um país transformar seus valores em produtos culturais rentáveis globalmente, se expandiu de maneira extraordinária. Ainda que numa escala mais modesta diante da poderosa linha de produção do país asiático, o Brasil entrou em viés de alta em Hollywood e afins com o triunfo de *Ainda Estou Aqui*. “Não é só um filme que está sendo reconhecido, é toda uma cultura”, disse Salles após ganhar o prêmio. “É a literatura, é a música brasileira.”

Outro país no qual o Brasil pode se espelhar é o México. Vizinho dos Estados Unidos, o país é um grande exportador de talentos para Hollywood e Europa. Os cineastas mexicanos Guillermo del Toro, Alfonso Cuarón e Alejandro G. Iñárritu se tornaram grifes e somam, sozinhos, onze vitórias no Oscar — os três, aliás, já levaram o prêmio na categoria de melhor direção. A exemplo da Argentina, o México tinha um setor devidamente estabelecido quando chegou a vez da vitória do filme *Roma* (2018), o primeiro a levar a categoria do Oscar internacional. Num passado recente, o Brasil chegou

perto de algo parecido, mas sem a mesma força e persistência. Com o sucesso de *Central do Brasil* (1998) e *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, Hollywood abriu as portas para os brasileiros — mas manteve o controle criativo, podando a autonomia dos cineastas, que voltaram frustrados para casa. Para os atores, o campo desde então tem sido mais frutífero. Alice Braga e Seu Jorge, ambos de *Cidade de Deus*, e Wagner Moura, impulsionado por *Tropa de Elite*, continuam firmes nas suas carreiras em Hollywood.



DIVULGAÇÃO

LEGADO Fernanda Montenegro como Eunice: enfim, a "Copa" vencida

Nos debates sobre como estimular a ascensão em modo contínuo de uma indústria do cinema, uma questão polêmica sempre é inevitável: qual o papel do Estado na indução dela? Se os produtores argentinos tiveram de se aliar à iniciativa privada cedo em razão da eterna falência estatal, e a Coreia do Sul fez da expansão mundial do setor um projeto estratégico do país, o cinema brasileiro por muito tempo provou do sabor ambíguo da mão amiga do Estado. A dependência de financiamento oficial, especialmente para produções mais autorais, era tão alta até os anos 1980 que o cinema sofreu um apagão quando, em


DIVULGAÇÃO

PARCERIA O diretor e a atriz: boa relação consolidada há trinta anos nos sets de filmes nacionais

1990, o governo Collor fechou a Embrafilme, a empresa estatal que financiava os longas feitos por aqui.

A chamada Retomada, alguns anos depois, mostrou o óbvio já visível em outros lugares: para uma indústria em formação, incentivos como os das leis Rouanet e do Audiovisual por vezes são necessários. Mas o pulo do gato, provam também as realidades mais bem-sucedidas, está em se emancipar do dinheiro público por meio de associações sólidas com a iniciativa privada. Nos últimos anos, parcerias privadas que vão de gigantes de Hollywood como a Disney à Netflix e coproduções com outros países se revelaram um modelo de negócios florescente no país. Esse desenvolvimento, às vezes, requer também certo empurrão de políticas públicas. O Brasil tem forte parceria oficial

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS



REAL Eunice Paiva com o atestado de óbito do marido: drama poderoso nas telas

com a França na área e, recentemente, o Ministério da Cultura firmou novos acordos de coprodução com o mercado asiático, o que vai injetar verba no setor e incentivar o intercâmbio. "O impacto econômico que nossa atividade traz para o país é imenso", diz Debora Ivanov, sócia da Gullane, uma das maiores produtoras do país. Um estudo da Oxford Economics apontou que o impulso do audiovisual na economia brasileira foi de 55,8 bilhões de reais em 2019. "A visibilidade do Oscar deve atrair investidores, que vão ficar mais confiantes em apostar no cinema nacional", diz a produtora. Há muito trabalho ainda a ser feito — o Oscar é só um belíssimo começo. ■

Com reportagem de Mariane Morisawa, de Los Angeles

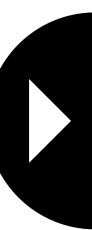
A VIRADA DO CAUBÓI

Forjado em faroestes, Walton Goggins faz da cara de mau um trunfo peculiar para viver do cantor gospel de *The Righteous Gemstones* até um hóspede enigmático em *The White Lotus 3*



FABIO LOVINO/HBO

TALENTOSO O ator em *The White Lotus*: um homem com obsessão explosiva



NASCIDO no Alabama e criado na Geórgia, dois estados do sul "profundo" dos Estados Unidos, Walton Goggins mudou-se nos anos 1990 para Los Angeles em busca do sonho típico: virar ator em Hollywood. Com um semblante mal-encarado, ele penou de início. Foi manobrista em estacionamentos enquanto estudava atuação — e lia peças de Shakespeare em voz alta para perder o sotaque sulista. Fez de tudo, enfim, para amenizar o jeito de caubói malvado que vinha de origem. Não adiantou: seu modo de falar carregado só garantiu ao aspirante papéis em faroestes. Ironicamente, Goggins soube transformar a maldição em trunfo: com sua estampa peculiar, hoje enfileira papéis surpreendentes em séries que vão da futurista *Fallout* (Prime Video) à sátira do televangelismo *The Righteous Gemstones,* passando pela nova temporada de *The White Lotus* (ambas da HBO e Max).

A participação em *The Righteous Gemstones* resume a capacidade de "entrega" de Goggins. Nesse retrato ácido de um clã de pastores milionários do chamado Bible Belt (Cinturão da Bíblia) americano, ele é Baby Billy, cantor gospel reconhecido por um único hit que emplacou quando astro mirim. Goggins deixa de lado o jeito durão para soltar o gogó e rebolar em números musicais que saíram da série para viralizar nas redes. Logo na primeira temporada, o ator fez um nu frontal — e repete a dose no início da quarta, que chegará ao Max no domingo 9. Em *The White Lotus 3* seu tom muda da água para o vinho: sai o histrionismo e entra a tensão latente de Rick Hatchett, hóspede do resort tailandês, onde se passa a trama, que esconde uma explosiva obsessão.

JAKE GILES NETTER/HBO



HILÁRIO Como o cantor Baby Billy em *Gemstones*: rebolado e nu frontal

Antes de chegar lá, o ator de 53 anos passou por testes de fogo para provar sua versatilidade. Ele teve a primeira chance de explorar sua complexidade dramática ao encarnar um detetive cheio de dubiedade na série policial *The Shield — Acima da Lei* (2002-2008). Pouco depois, deu vida a uma prostituta trans em *Sons of Anarchy* (2008-2014). Mesmo quando já começava a ganhar prestígio, contudo, a imagem de malfeitor do Velho Oeste teimava em persegui-lo — e Goggins deu vazão à vocação inevitável sem pudor (e para deleite dos espectadores) na estupenda série *Justified* (2010-2015) e, logo em seguida, em dois grandes filmes de Quentin Tarantino, *Django Livre* (2012) e *Os Oito Odiados* (2015). "Pelo menos havia um estereótipo que eu podia interpretar. Uma caixa na qual eu poderia me encaixar", admitiu Goggins em entrevista recente. De certa forma, ele ri de sua sina na ficção científica *Fallout* — na qual interpreta um pistoleiro zumbi num mundo apocalíptico. Na carreira, o caubói sofre, mas vence no final. ■

Kelly Miyashiro



GÉRARD BLO/RMN-GRAND PALAIS/MUSÉE DU LOUVRE

DRAMA *Caminho do Calvário:* detalhe do *Retábulo de Orsini,* de Simone Martini

ONDE TUDO COMEÇOU

Uma exposição em Londres resgata a arte de Siena, cidade da Itália em que pela primeira vez se injetaram movimento e drama na pintura, abrindo caminho para o Renascimento **AMANDA CAPUANO**

EM MEADOS do século XIV, Siena e Florença eram arquirrivais tanto na guerra quanto na arte. Nessa disputa, a arma secreta de Siena era sua localização privilegiada na Via Francigena, rota que ligava a Itália ao noroeste da Europa e dali à Inglaterra, de barco, e fazia passar pela cidade as mais diversas inspirações artísticas, de tapetes islâmicos a esculturas francesas, que moldaram um estilo decorativo colorido e místico. É nessa fusão estética que surgem pintores como Duccio di Buoninsegna, Simone Martini e os irmãos Pietro e Ambrogio Lorenzetti, que têm suas obras reunidas na mostra ***Siena: o Nascimento da Pintura, 1300-1350,*** que acaba de chegar à National Gallery de Londres após temporada bem-sucedida no Metropolitan de Nova York. Embora sejam pouco conhecidos perto dos gênios que brilhariam no Renascimento cerca de 150 anos depois, de Leonardo da Vinci a Michelangelo, a obra magistral destes últimos talvez só possa ter existido graças ao pioneirismo dos mestres de Siena. “De certa forma, os artistas de lá definiram a arte para os séculos seguintes”, diz a curadora Caroline Campbell.

Com mais de 100 obras do período, incluindo pinturas, esculturas, painéis e diversos objetos decorados, a mostra busca resgatar o papel de destaque que a cidade italiana desempenhou na arte europeia. Naquele crepúsculo da Idade Média, os artistas de Siena operaram um milagre: adicionaram movimento e dramaticidade inéditos à pintura de cenas religiosas, quebrando a monotonia e inserindo novas nuan-

ces de cores ao padrão dourado então reinante nas representações do gênero. No auge, a pintura de Siena viajou por toda a Itália: Duccio foi contratado para assinar uma obra na igreja de Santa Maria Novella, em Florença, Pietro atuou em Assis, Cortona e Arezzo, e Simone foi convocado para a corte papal em Avignon.



STUDIO LENSINI SIENA

CENA DE FÉ *Madonna del Latte,* de Lorenzetti: ele era um dos grandes mestres em meados do século XIV

A vibrante e cosmopolita Siena, no entanto, teve sua trajetória de brilhantismo interrompida pela peste negra, que, em meados de 1350, havia dizimado mais da metade de sua população — matando inclusive todos os seus principais artistas. Passado o trauma, a cidade tentou se recuperar, mas nunca mais voltou a ser o que era em seu auge medieval: em vez disso, foi ofuscada de vez por Florença, que se fortaleceu artística e politicamente e virou o polo mais célebre do Renascimento italiano.

Como era praxe na época, muito do que se produziu na pintura de Siena tinha o objetivo de adornar igrejas. Nessa função, eram muito valorizadas as peças conhecidas como retábulos — conjuntos de pinturas em pedaços de madeira

HIS MAJESTY KING CHARLES III 2024/ROYAL COLLECTION TRUST

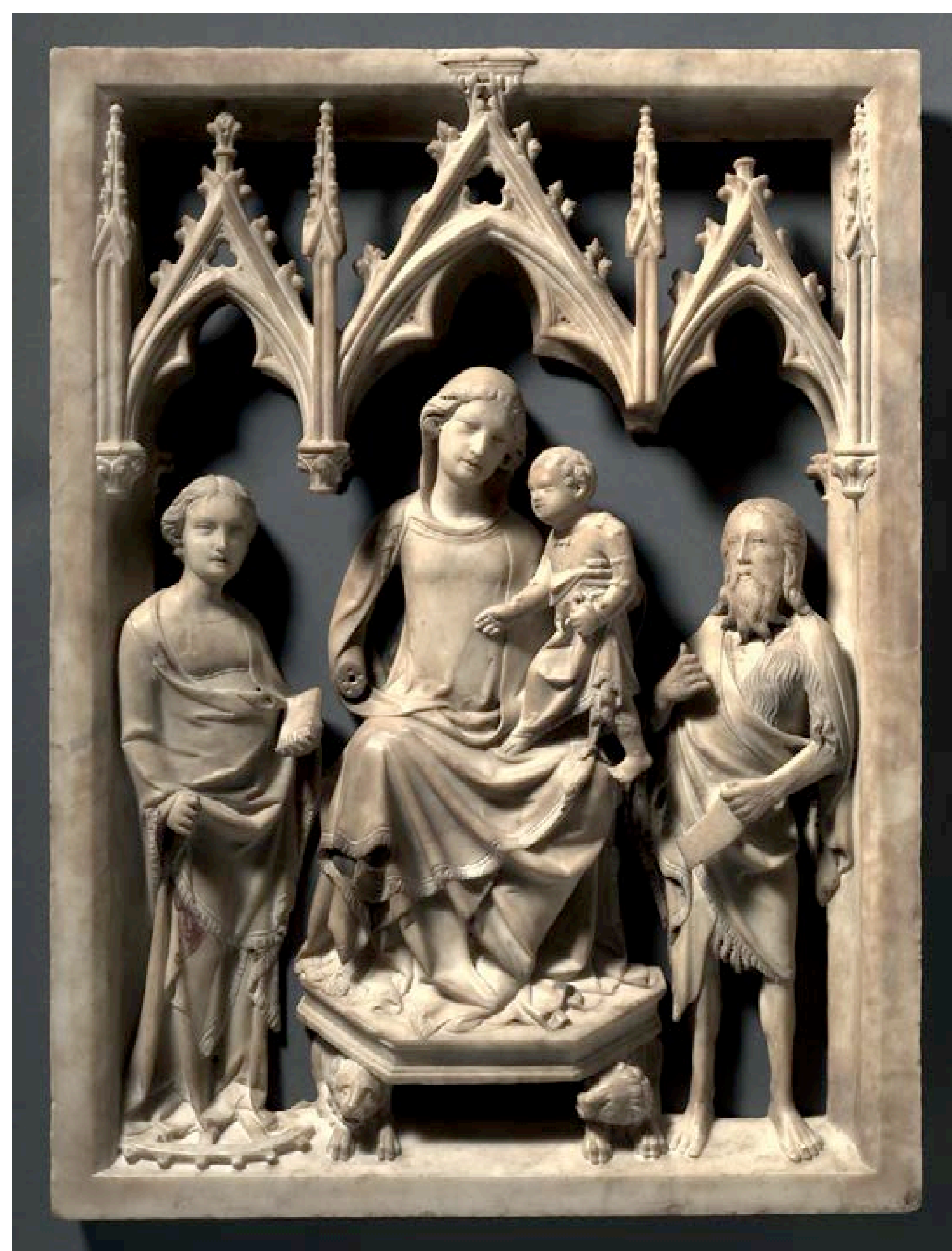


DOURADO Tríptico da *Crucificação,* de Duccio: nome mais influente da época

que se encaixavam, feitas para decorar altares. *A Virgem e o Menino com os Santos Catarina e João Batista,* assinada por Giovanni di Agostino, é um desses exemplos. Essas obras podiam ser miniaturas ou gigantes. Prova disso é o *Retábulo de Maestà,* de Duccio, que foi finalizado em 1311 e se tornou o maior já pintado na Europa daqueles tempos. Pesada, a estrutura com 5 metros de largura e adornada dos dois lados foi carregada da oficina do artista até a suntuosa Catedral de Siena pelas ruas, como em um desfile. Anos depois, foi ser-

rada para separar frente e verso, e vários de seus pequenos painéis, alguns deles expostos agora na mostra de Londres, circulam hoje como obras individuais — no total, existem 33 peças espalhadas por coleções em cinco países.

Mesmo as pequenas pinturas, no entanto, carregam a ideia de completude e religiosidade da escola de Siena: o *Retábulo de Orsin,* de Simone Martini, por exemplo, é um conjunto de pequenas tábuas de madeira pintadas de ambos os lados que, juntas, narram a crucificação de Cristo por meio de várias cenas. A obra foi levada ainda na Idade Média para a França e exerceu fascínio e influência sobre a arte do país. Por uma triste ironia, as pinceladas de Siena foram alvo de desdém nos séculos seguintes. Como o Renascimento alçou a habilidade artística a níveis nunca antes vistos, as pinturas medievais foram reduzidas à condição de arte que precede a “verdadeira” arte, carente da genialidade atingida mais tarde. Mas nada existe sem um começo — nesse caso, um pontapé inicial primoroso. ■



THE CLEVELAND MUSEUM OF ART

ESCULTURA *A Virgem e o Menino com os Santos Catarina e João Batista:* feita para decorar altares

OUSADIA EM DOSE DUPLA

Com a grife do sul-coreano Bong Joon-ho, *Mickey 17* traz Robert Pattinson dividido entre dois personagens peculiares – um desafio que afasta qualquer dúvida sobre seu talento **THIAGO GELLI**



UM PRA CÁ, DOIS PRA LÁ O ator como os personagens: tão patéticos quanto adoráveis

WARNER BROS.

AO ANDAR pela superfície de gelo de um planeta inóspito, um explorador espacial dos anos 2050 cai numa fenda sem saída e é obrigado a aguardar a morte lenta — até que criaturas alienígenas aparecem com a promessa de destroçá-lo com maior agilidade. A cena poderia ser uma agonia trágica, não fosse apenas mais um dia protocolar na vida de Mickey Barnes. No mundo da ficção científica ***Mickey 17,*** que acaba de chegar aos cinemas



AFIADO O diretor de *Parasita (à dir.)* no set do novo filme: alegoria política atual

WARNER BROS.

brasileiros, ele é um "descartável" — um ser humano reimprimido após a morte, como hoje se imprimem estatuetas 3D. Com memória preservada em uma espécie de HD externo, o descartável é um serviçal escravizado que pode morrer à vontade, pois é ressuscitado em seguida para voltar à labuta. Ao dar vida ao peculiar personagem-título do filme, o astro Robert Pattinson passa longe da apatia do vampiro Edward de *Crepúsculo* ou do timbre soturno do herói Batman. Com sotaque do interior dos Estados Unidos, uma visão de mundo ingênua e senso de humor autodepreciativo, Mickey é uma figura tão patética quanto aprazível — e prova viva (ou quase) da ampla versatilidade de Pattinson.

Aos 38 anos, o ator inglês é hoje um dos principais nomes masculinos de Hollywood, reviravolta da qual muitos duvidariam há pouco menos de duas décadas. Em 2008, ele se tornou famoso como galã de *Crepúsculo*, mas nem o sucesso da franquia, que arrecadou mais de 3 bilhões de dólares mundialmente, o livrou de um estigma difícil de superar. O ridículo do personagem — um vampiro que brilhava à luz do Sol e exibia uma pálida canastrice em cena — fez de Pattinson uma piada instantânea. Ao mesmo tempo que era ridicularizado, Pattinson teve a privacidade obliterada pelo status de ídolo adolescente e pelo relacionamento com a colega Kristen Stewart, que se encerrou em 2013 após um escândalo de traição por parte dela.

A24 FILMS



GUINADA O astro inglês *(à dir.)* e Dafoe em *O Farol:* tipo pitoresco para rebater má fama em *Crepúsculo*

A chance da guinada, contudo, não tardou a aparecer. Para escapar das multidões juvenis e do escrutínio público, Pattinson investiu em papéis pitorescos no cinema indie — e, com isso, colheu a respeitabilidade que lhe faltava. Em 2012, encantou David Cronenberg, mestre do horror corporal, que aproveitou seu talento para a frieza em *Cosmópolis*. Dois anos depois, foi convidado pelo diretor a retornar em *Mapas para as Estrelas*, no qual não deixou a peteca cair frente à fera Julianne Moore. Daí para a frente, se firmou como menino dos olhos dos autores de Hollywood.

Sob a direção de Robert Eggers, extraiu sua atuação mais visceral até então em *O Farol* (2019), no qual enfrenta Willem Dafoe numa série de jogos psicológicos. Em outubro de 2020, quando alguns cinemas tentaram retomar operações com medidas de segurança contra a covid-19, era o seu rosto que estampava os cartazes da maior esperança dos exibidores: *Tenet*, de Christopher Nolan. A pandemia impediu que o filme atingisse seu potencial nas bilheterias, mas, dois anos depois, Pattinson se reapresentou como o novo Batman, sob a direção de Matt Reeves, em um filme que restaurou o prestígio do herói após o fracasso da versão de Ben Affleck e rendeu mais de 770 milhões de dólares. A mudança de paradigma é sentida pelo ator: "Agora tenho um monte de fãs homens, o que é novo para mim", brincou em entrevista à *Variety*.

Tudo isso o levou até o sul-coreano Bong Joon-ho, que procurava o ator certo para estrelar seu novo filme em inglês — o primeiro desde o oscarizado *Parasita* (2019). O perfil exigia timing cômico, pendor para o grotesco, inteligência e versatilidade para viver mais de um personagem. Na trama, Mickey é utilizado como cobaia para assegurar que o planeta colonizado possa comportar a vida humana. Mas, após uma falha de comunicação, é reimpresso sem morrer e se torna um "múltiplo", categoria indesejada pelo tirano Kenneth Marshall (Mark Ruffalo), que comanda a expedição espacial. Juntos, o bobo Mickey 17 e o sanguinário Mickey 18 têm de sobreviver e combater o líder autoritário.


WARNER BROS.

HERÓI GLOBAL No papel de Batman: “Agora tenho um monte de fãs homens, o que é novo para mim”

Sempre político, Bong se aproveitou da carta branca recebida após *Parasita* para filmar uma ficção científica grandiosa, madura e afiada, que dispensa a sutileza em suas críticas a Donald Trump, à precarização do trabalho, ao racismo e a poderes teocráticos. Na sátira ácida, a resposta para o terror é o modo como Mickey sai de si para se enxergar em sua cópia, o que acaba tornando o protagonista mais empático, perceptivo e crítico à repressão ao seu redor. Uma ousadia em dose dupla da qual Pattinson sai vivíssimo, e maior, como ator. ■



LIONSGATE

REALIDADE Cillian Murphy *(à dir.)* em cena: filme expõe repressão às mulheres pela Igreja na Irlanda

CINEMA

PEQUENAS COISAS COMO ESTAS

(Small Things Like These, **Irlanda/ Bélgica/Estados Unidos, 2025. Em cartaz a partir da quinta-feira 13)**

Entre os séculos XVIII e XX, a Igreja Católica administrou na Irlanda as chamadas Lavanderias de Madalena, casas para reabilitar mulheres que, segundo a moral cristã, teriam incorrido em “desvios de conduta”, como mães solteiras, vítimas de abuso e prostitutas. A partir de 1920, esses locais intensificaram ações corretivas, explorando sem remuneração o trabalho das mulheres e aplicando castigos físicos e reclusão como punição pelos supostos pecados. Protagonizado pelo oscarizado Cillian Murphy, o longa tocante narra essa fase obscura da história irlandesa a partir do olhar de Bill Furlong, vendedor de carvão que descobre o que acontece por lá ao deparar com meninas desesperadas durante suas entregas no local.

TELEVISÃO

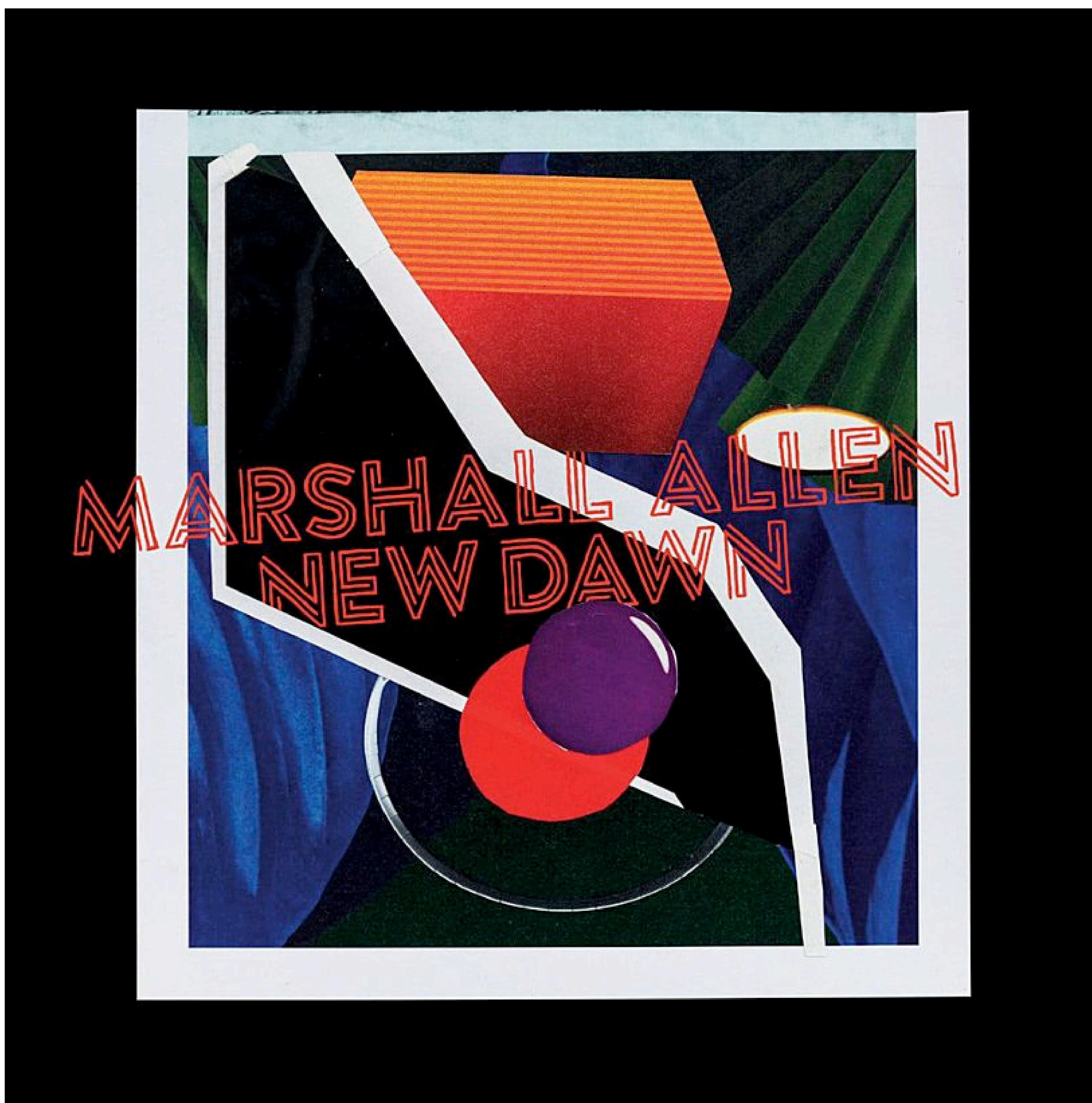
EMERGÊNCIA – BERLIM **(disponível na AppleTV+)**

APPLE TV+



SÉRIE MÉDICA *Emergência – Berlim:* mergulho num caótico hospital alemão

Após uma noite de balada berlinense tipicamente regada a drogas, Ben (Slavko Popadic) vai parar num pronto-socorro na capital da Alemanha — não para ser atendido, e sim trabalhar como médico no plantão. Tensa e instigante, a nova série é uma equivalente germânica da nacional *Sob Pressão:* por meio dos dramas de Ben e da nova chefe do hospital, a obstinada Dra. Parker (Haley Louise Jones), abre-se uma janela para conhecer de perto a realidade caótica do sistema público de saúde no país mais rico da Europa. A médica precisa resistir a uma equipe estressada diante do nível surreal de trabalho, que vai do atendimento a grávidas até baladeiros passando mal.



DISCO

NEW DAWN,

de Marshall Allen (disponível nas plataformas de streaming)

Aos 100 anos, o saxofonista Marshall Allen entrou para o *Guinness* como a pessoa mais velha a lançar o primeiro álbum autoral. O feito é merecido. Antes de se "aventurar" na carreira solo — e bota bem antes nisso —, Allen já era uma lenda do jazz: foi por 35 anos um dos integrantes do grupo de Sun Ra, pioneiro do afrofuturismo. Com mais de setenta anos de carreira, o saxofonista mantém viva, com louvor, a chama do gênero em faixas como *Boma*, de quase dez minutos, com solos hipnotizantes de sax emoldurados pela bateria envolvente de George Gray. ■

FICÇÃO



1 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [1 | 38#] ARQUEIRO

2 **VERITY**
Colleen Hoover [3 | 147#] GALERA RECORD

3 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [5 | 120#] RECORD

4 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [10 | 174#] GALERA RECORD

5 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 134#] BERTRAND BRASIL

6 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [0 | 111#] GALERA RECORD

7 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [9 | 6] RECORD

8 **TEMPESTADE DE ÔNIX**
Rebecca Yarros [2 | 6] PLANETA MINOTAURO

9 **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [0 | 39#] RECORD

10 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [7 | 17#] ROCCO

NÃO FICÇÃO



1 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [1 | 21#] ALFAGUARA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 75#] VESTÍGIO

3 **NEXUS**
Yuval Noah Harari [3 | 20#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [10 | 54#] VÁRIAS EDITORAS

5 **FELIZ ANO VELHO**
Marcelo Rubens Paiva [9 | 5#] ALFAGUARA

6 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [8 | 209#] ROCCO

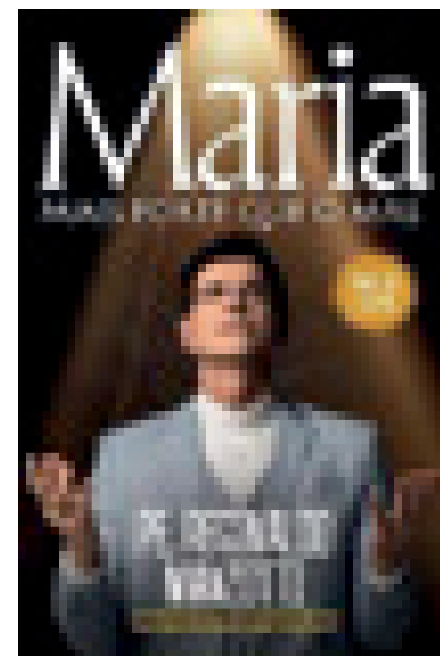
7 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 327#] VÁRIAS EDITORAS

8 **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [4 | 72#] ÁTICA

9 **O POBRE DE DIREITA**
Jessé Souza [0 | 13#] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

10 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0| 83#] VOZES NOBILIS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **MARIA, MAIS FORTE QUE O MAL**
Pe. Reginaldo Manzotti [0 | 1] PETRA

2 **A FORÇA DO SILÊNCIO**
Robert Sarah [0 | 2#] FONS SAPIENTIAE

3 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [1 | 21] VÉLOS

4 **NUNCA JOGUE UMA IDEIA FORA**
Sauana Alves [0 | 9#] GENTE

5 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [3 | 53#] ROCCO

6 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [0 | 14#] SEXTANTE

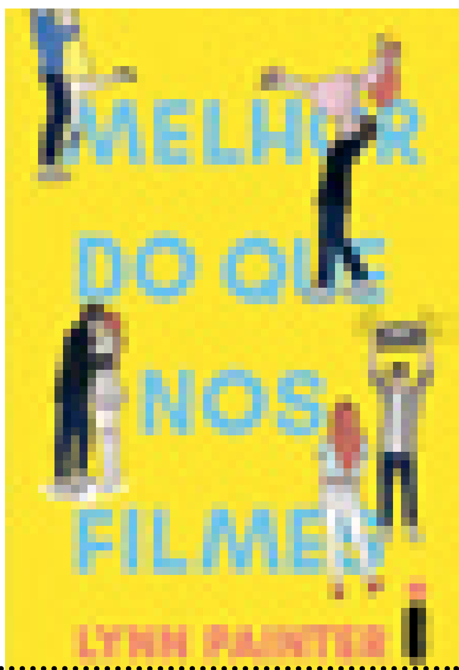
7 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 61#] SEXTANTE

8 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [8 | 69#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **O PODER DO SUBCONSCIENTE**
Joseph Murphy [0 | 2#] BESTSELLER

10 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 199#] HARPERCOLLINS BRASIL

INFANTOJUVENIL



1 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 38#] INTRÍNSECA

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 455#] VÁRIAS EDITORAS

3 **AS AVENTURAS DE PRIMINHA IRRITANTE NO REINO DOS UNICÓRNIOS** Gabriel Dearo e Manu Digilio [10 | 13#] OUTRO PLANETA

4 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J. K. Rowling [9 | 454#] ROCCO

5 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [0 | 33#] OUTRO PLANETA

6 **NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 6#] INTRÍNSECA

7 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 48#] VR

8 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [4 | 22#] MELHORAMENTOS

9 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 46#] OUTRO PLANETA

10 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA 3**
Maidy Lacerda [0 | 7#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barra Bonita:** Real Peruíbe; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campo Grande:** Leitura, Paulus; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **Jaú:** Casa Vamos Ler; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Limeira:** Livruz; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio Claro:** Livruz; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santana de Parnaíba:** Leitura; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, Selecta, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes



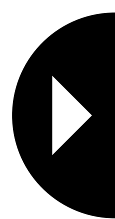
JOSÉ CASADO

EMERGÊNCIA

ELE QUERIA no 1º de abril, contou, mas alguém lembrou que esse é o Dia dos Tolos *(April Fools' Day).* Não se sabe onde, quando ou por que começou a celebração da pegadinha, gozação ou deboche. Sobram lendas sobre a origem. No Brasil, uma delas remete ao jornal mineiro *A Mentira,* que circulou na primeira manhã de abril de 1828 com a notícia da morte do imperador Pedro I, desmentida na edição seguinte.

Donald Trump achou mais conveniente marcar para a quarta-feira, 2 de abril, o início das "tarifas recíprocas" no comércio exterior. Na mira, apontou, estão países que impõem taxas nas compras de produtos *made in USA* até quatro vezes acima dos impostos aplicados pelos Estados Unidos sobre as importações. Destacou Brasil, Índia, Coreia do Sul e União Europeia em discurso no Congresso.

No foco estão os produtos agrícolas e insumos industriais. "Eles têm usado tarifas contra nós por décadas", disse, acrescentando: "Tudo o que eles cobram de nós, cobraremos deles; agora é a nossa vez de começar a usá-las". Em mensagem direta aos agricultores americanos, escreveu com ênfase nas maiúsculas: "Preparem-se para começar a ter muitos produtos agrícolas para serem vendidos DENTRO dos Estados



Unidos. As tarifas sobre produtos externos entrarão em vigor em 2 de abril. Divirtam-se!".

Trump está iniciando uma guerra comercial em escala mundial, aparentemente com muitos danos. Não é boa notícia para o Brasil, cuja economia se sustenta em portos fechados — a taxa média brasileira nas importações (11%) é quase o triplo da americana.

O país perdeu o novo ciclo de modernização industrial e regrediu à condição de exportador de produtos agrícolas, minerais e insumos industriais do início do século passado. Isso se reflete na planilha do comércio com os Estados Unidos, equilibrada num fluxo de negócios somando 40 bilhões de dólares para cada lado.

Está evidente, porém, a vulnerabilidade brasileira à guerra de Trump: 8 em cada 10 dólares obtidos nas vendas ao mercado americano correspondem a petróleo, semiacabados (ferro, aço e ligas metálicas) e produtos agrícolas — a agricultura responde por um terço do total das exportações, com notável aumento em valor (23%) no ano passado.

A retórica da Casa Branca sobre o redesenho do comércio global contém ameaça latente à base produtiva de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Esses estados foram responsáveis por 75% das vendas brasileiras aos EUA em 2024; faturaram 30 bilhões de dólares.

É prudente não subestimar o impacto de um conflito comercial a partir da aplicação de "tarifas recíprocas". Es-

> “Se Lula tem plano para enfrentar Trump, não se sabe. O Congresso está parado há noventa dias”

ses cinco estados, no alvo das intimidações de Trump, concentram quase dois terços do produto interno bruto (PIB) nacional.

Vale lembrar: neles reside metade do eleitorado, o que realça a dimensão política do desafio brasileiro com a nova política de Washington, nacionalista e pragmática, cuja premissa é o desprezo pelos acordos desde o crash da Bolsa de Nova York, em 1929.

A solução óbvia está na procura de mercados alternativos, mas não é tão simples, sobretudo quando todo o mundo resolve se mover como manada. No caso brasileiro, a situação é mais complexa por causa dos impasses nos outros dois grandes mercados do mapa-múndi, a China e a União Europeia.

Há um acordo relevante com a União Europeia, negociado durante duas décadas e assinado recentemente, mas segue travado pelo lobby da agricultura francesa. E pode enfrentar

novo desarranjo com a decisão da Argentina de sair do Mercosul, se Javier Milei conseguir um acordo de livre-comércio com Trump.

Com a China, o Brasil já está numa posição de grande dependência, comparável à de um século atrás quando só vendia café e, basicamente, para os Estados Unidos. Na década passada destinava 15% das exportações ao mercado chinês. Agora, é o dobro. Pequim se tornou o provedor de 1 em cada 3 dólares que irrigam as finanças, sustentam o consumo e o emprego verde-amarelo. A dependência brasileira se agrava na altíssima concentração das exportações (77% do total) para os portos chineses em apenas três produtos — soja (31%), minério de ferro (23%) e petróleo (23%).

Até agora, nada se sabe sobre o que pretende o governo brasileiro nessa nova ordem global. Lula tem a obrigação de apresentar seu plano para debate, mesmo que seja o "Plano C", aquele que prevê não ter nenhum plano. Deputados e senadores deveriam interromper o prolongado ócio remunerado de verão. Já completaram noventa dias em férias. Talvez não tenham percebido, mas está em jogo a segurança econômica do país. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma & life mix

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.







APROVEITE AGORA!



/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional

seleção

CASACLAUDIA & FRACALANZA

Since 1884

Linha Norma - Jogo de panelas em alumínio com revestimento cerâmico cor fendi | Foto: Alisson Henrique

Seleção Casa Claudia

Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir toda a seleção de produtos e saiba onde encontrá-los.



A Fracalanza é uma marca exclusiva da Full Fit.

fullfit_oficial

fullfitimport

fullfitimport